
No meu Ritmo
Uma corrida, um verão e a coragem de ser quem se é
BETHANY RUTTER
mood

# No meu Ritmo



BETHANY RUTTER

# No meu Ritmo

Uma corrida, um verão e a coragem
de ser quem se é

mood

Esta é uma publicação Mood, selo exclusivo da Ciranda Cultural.
© 2025 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Copyright © Bethany Rutter, 2024.
Originalmente publicado em inglês como *Slowcoach* pela Hot Key Books, uma editora da Bonnier Books UK Limited, Londres.

Publisher
Samara A. Buchweitz

Produção editorial
Ciranda Cultural

Editora
Michele de Souza Barbosa

Diagramação e conversão para eBook
Linea Editora

Tradução
Débora Guimarães

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Preparação
Fátima Couto

Capa
Katie Foreman

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

R982m

Rutter, Bethany

No meu ritmo [recurso eletrônico] / Bethany Rutter ; tradução de Débora Isidoro. - Jandira, SP : Mood, 2025.
ePUB.

Tradução de: Slowcoach
ISBN: 978-65-8306-035-8 (ePUB)

1. Literatura inglesa. 2. Romance. 3. Comédia romântica. 4. Gordofobia. 5. Autoimagem. 6. Amizade. 7. Amor. 8. Superação. 9. Aceitação. I. Isidoro, Débora. II. Título.

CDD 823
2025-3272 CDU 821.111-31

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**
1. Literatura inglesa : Romance 823
2. Literatura inglesa : Romance 821.111-31

Versão digital publicada em 2025
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

*Para todos os lerdos*



# Prólogo

Estou morrendo. Tenho certeza disso. *Vou dar o último suspiro*, literalmente, agora. Digam à minha mãe que a amo. E ao meu pai e a Sasha, e talvez ao Jake, se for absolutamente indispensável.

Essa corrida pode ser a minha morte.

– Vamos, lerdos! – grita o senhor Pearce.

Será que essa é a primeira vez que escuto esse tipo de coisa de um professor de Educação Física aos berros? Não. Vai ser a última? Também não. Lá está ele todo convencido, cercado pela maioria da turma, inclusive por vários dos meus melhores amigos, que testemunham minha humilhação com cara de ansiedade. O restante só olha para nós sem reagir, como se fôssemos curiosidades esquisitas.

Todos nós fomos prevenidos. Eu reconheço. "Quem não completar uma volta no campo em menos de três minutos vai ter que pagar quinze flexões-burpee", tinha dito o senhor Pearce. Em primeiro lugar e acima de tudo, a palavra *burpee* já é um crime de ódio, e isso antes mesmo de chegarmos ao esforço físico necessário para *executar* essa coisa.

E estou executando o movimento *depois* de tentar correr uma volta no campo em menos de três minutos e não conseguir! Em que mundo eu seria capaz disso? Teria sido melhor desistir antes de começar. Para ser honesta, eu esperava ser a *única* que não conseguiria, mas estou aqui com Bolade e Sam, que também se enquadram na categoria dos *lerdos*.

Eles não são gordos e lentos – são só lentos, o que é menos constrangedor, no geral, mas ainda é bem constrangedor, porque o senhor Pearce *decidiu* torná-lo constrangedor.

– Aaahhh! – grito, indignada, mas continuo com a tortura e sinto o ardor de: a) um sol quente demais para a época; b) os olhares de toda a minha turma (menos de Sam e Bolade); c) cada músculo do meu corpo; e d) a humilhação perfeitamente calibrada da aula de Educação Física do senhor Pearce. Que maneira de encerrar o último dia do meu ano de provas de conclusão do penúltimo ano do Ensino Médio!…

– Deve… – Sam ofega quando se levanta da flexão no chão e salta abrindo braços e pernas – ter outro jeito… de fazer isso…

– Fazer o quê? – pergunta Bolade, olhando para a frente com ar determinado, focado.

– Educação Física… não precisa… ser… assim – ele responde.

– Tenho… certeza… de que… precisa… – consigo opinar, ofegante, incapaz de imaginar um mundo no qual a Educação Física não seja totalmente vil, constrangedora e frustrante.

– Quase lá! Vamos, pessoal! Faltam dez – o senhor Pearce avisa com um tom que, imagino, pretende ser incentivador, mas só me faz querer chutar a cabeça dele.

Tenho a sensação de que vou desmaiar aqui e agora. Faltam dez. Minhas pernas estão quase desistindo, mas eu as puxo para a frente com toda a agilidade de que sou capaz quando saio da posição de flexão e salto no ar abrindo braços e pernas. Faltam nove. Oito. Sete. Seis…

– Ruby? Roo? Acorda! – A voz de April, minha melhor amiga, entra em minha cabeça flutuando.

Só sei que estou deitada, e é legal. É legal estar no chão. Legal não estar pulando.

– Ai, céus, ela está *morta*? – diz Jessica com um tom de voz indignado, verdadeiramente furiosa com o senhor Pearce.

– Acho que ela desmaiou! – é o comentário de Salma.

– Meninas, saiam do caminho, por favor.

Abro os olhos e vejo o rosto enrugado do senhor Pearce pairando sobre mim. O sorriso dele faz minha humilhação ferver mais que a raiva. Se meu rosto já não estivesse queimando depois do exercício físico ininterrupto, eu estaria vermelha de ódio. É claro, é constrangedor,

mas, acima de tudo, esse tipo de bullying só me deixa *furiosa*. Como se o Incrível Hulk fosse uma garota gordinha de dezesseis anos. E não fosse verde.

– Pronto, lerda. Está tudo bem, não está? Nada como um bom desafio pra mostrar como você é de verdade.



# Capítulo 1

– *Uáááárrrhhh!* – O som que emito é menos um grito que um uivo estrangulado.

"De quem foi a ideia de andar de patins em um parque construído na encosta de uma colina?", penso naquela fração de segundo que vai de perder o centro de gravidade a cair sentada. Alguém cai toda vez que vamos patinar (exceto Jessica, que não cai há semanas). E hoje é minha vez, pelo jeito!

– Tudo bem, Roo? – Jessica se aproxima e estende a mão para me ajudar, mas estou rindo tanto que não consigo responder.

– Estou bem! – falo finalmente, quando ela me puxa e me põe em pé com grande elegância. – Benefícios do enchimento extra.

Passo a mão no traseiro e sinto a região do choque com o chão, depois me aproximo, patinando, do lugar onde April e Salma estão fazendo manobras elegantes, deixando Jessica praticar seus impressionantes movimentos de costas que estão atraindo a atenção de todos os skatistas do parque próximo. Nenhuma de nós jamais havia patinado antes da Páscoa, mas ficamos todas meio obcecadas com os vídeos a que assistíamos, e decidimos que aquilo devia ser *muito* divertido. Tivemos de esperar eras até que os patins que não custassem um milhão de libras chegassem ao estoque em todos os tamanhos, mas esse dia chegou! E agora somos um grupinho de patinadoras deslizando por aí sem nenhuma preocupação no mundo, pois terminamos nossos exames

finais.

Jessica é a melhor de nós, sem dúvida. Acho que a ginástica deu a ela um centro de gravidade incrível, ou alguma coisa assim, mas é fascinante ver como suas longas tranças azuis balançam sobre as costas enquanto ela desliza. Jessica nem usa joelheiras ou protetores de punho. Depois somos eu, April e Salma. April flutua nos patins pretos com rodas pretas – ela fez questão de esperar até encontrá-los, porque não queria que os patins interferissem no look. E Salma e eu fazemos o melhor que podemos com nossos patins cor-de-rosa. De vez em quando andamos na quadra de tênis do Mayow Park, quando não está reservada para ninguém. A superfície lisa é boa para praticar. Para ganhar confiança. Mas Jessica tinha necessidade de viver perigosamente, e foi assim que viemos parar aqui. Em uma colina.

– Se me viram cair de bunda… primeiro, não viram. Segundo, apaguem isso da memória – digo ao me juntar a April e Salma.

– Tenho a sensação de que estou a um segundo de repetir sua façanha – April comenta, agarrando-se a Salma com as mãos cobertas por luvas de renda preta.

– Confiança! – Salma responde com o otimismo de sempre. – Não deixe os patins sentirem o cheiro do seu medo! Eles são como tubarões ou alguma coisa assim.

– É verdade – concordo. – Assim que fico nervosa, faço um movimento estranho e ilógico com os pés e vou parar no chão.

– Todas nós vamos parar no chão em algum momento – Salma opina em tom incentivador.

– Mas algumas olham para as estrelas – April acrescenta com um sorriso debochado.

Sou boa patinadora? Não. É divertido? Sim. Não quebrei nenhum osso até agora, então já me considero vitoriosa. De qualquer maneira, é uma boa desculpa para estar ao ar livre com minhas amigas em um dia ensolarado.

Vejo Jessica conversando com Joshua Jones, que é da minha turma de História.

– Ah! – exclamo, acenando com a cabeça na direção do parque de skate. – Lá está o motivo para estarmos aqui.

– Boa sorte para ela – diz April, pressionando a parte interna do pulso

contra a testa para conter uma gota de suor que brota da raiz do cabelo loiro de corte joãozinho. Apesar do visual gótico, essa é a única característica que ela se recusa a mudar. Nada de tinta preta no cabelo… ainda.

– Por quê? – pergunta Salma. Quando ela pisca, vejo a linha firme do delineador azul marcando as pálpebras. Ela é uma verdadeira artista da maquiagem. – Ele parece ser legal.

– *Parece* – April retruca, levantando as sobrancelhas de um jeito significativo.

– Ah, entendi… – digo, rindo. – Você não sabe se tem alguma coisa errada com Joshua, só desconfia, porque é impossível *não haver* alguma coisa errada nele.

– Você sabe, gata.

Jessica se aproxima de nós, patinando.

– Estou *obcecada* por ele.

– Na semana passada você disse que ia dar muito trabalho conquistá-lo – lembro. – Porque ele é muito intenso e silencioso. Não foi isso?

– Não liiiiigo! – ela reage, abrindo os braços e fazendo uma pirueta sobre os patins. – Ninguém é perfeito!

– Bem, vocês ficam lindos juntos – Salma admite. – Mas você mesma disse, literalmente, que não acredita que ele sirva pra namorar.

– Não serve, mas não tem problema!

– Estou impressionada com o tanto de coisas com que você não se importa – April comenta, rindo.

– Porque não me importo mesmo! – Jessica confirma, empolgada, no auge da paixonite. – Estou obcecada por ele!

– E eu, pelo modo como você patina – revelo.

Gostaria muito de patinar como Jessica, mas patinar, para mim, é só pelas risadas e piadas, então não vou ficar me consumindo por não ser uma profissional.

– Meu objetivo é fazer espacato em cima dos patins até o fim do verão. – Ela tira o celular do bolso traseiro do short jeans para ver as horas. – Ai, merda, tenho que ir! Minha mãe precisa de mim hoje à tarde; vou ter que cuidar do Marcus. Mas, sim, a Operação Espacato está *em andamento*.

– Estou empolgada para ver quanto você consegue descer – April

comenta, sentando-se no banco de metal para começar a desamarrar os patins.

Jessica dá de ombros.

– A prática leva à perfeição. – Depois pensa por um momento. – Não, espera… a prática leva à *melhora*.

– E por acaso você vai fazer os espacatos na frente do Joshua Jones?

– Talvez sim, talvez não… – Ela pisca e ri com ar diabólico.

Guardamos os patins na bolsa (não vou patinar até em casa de jeito nenhum) e nos despedimos com abraços. Salma e Jessica sobem a encosta em direção a Crystal Palace, e April e eu pegamos a próxima saída para Sydenham.



# Capítulo 2

Quando chegamos ao pequeno estacionamento ao lado do parque, temos uma deliciosa surpresa. A van do sorvete está lá.

– Por que o nome deles é noventa e nove, se não tem nenhum sabor de noventa e nove? – April me pergunta quando entramos na fila.

– Talvez esse nome de noventa e nove não tenha nada a ver com o preço, mas com alguma força cósmica misteriosa que faz os sorvetes serem tão deliciosos.

– É possível…. definitivamente possível.

Uso o celular para pagar o preço extorsivo dos dois sorvetes, e depois saímos do estacionamento para ir para casa. Faz tanto calor que o sorvete já começou a pingar na minha mão quando atravessamos a rua principal ao lado do parque.

– Acho que teria morrido sem um sorvete – diz April, segurando o cone de waffle pela ponta. – Não nasci pra isso.

– É, fiquei chocada por você ter vindo – confesso. – Primeiro por causa do sol, depois…

Deixo a frase sem conclusão. Ela não responde. Bato com o quadril no dela.

– Pode falar sobre isso, sabe? Sou sua melhor amiga. Se não pode tocar nesse assunto comigo, com quem vai conversar?

– Não quero falar sobre isso com ninguém! É uma grande merda. Nem tem nada pra falar, tem?

– Tudo bem. – Suspiro. – Mas estou aqui, se quiser falar sobre *você sabe quem*.

– Está bem, está bem – April diz, e muda de assunto. – Quer ir ao parque? Ainda é cedo.

Acabamos de sair do parque, é verdade, mas, quando falamos sobre *o parque*, estamos nos referindo ao Mayow Park.

– Sim, por que não? Não tenho nada pra fazer hoje, e quanto mais tempo passar fora de casa, menos espaço vou ter de dividir com Jake.

April estremece, horrorizada. Continuamos caminhando sob o sol da tarde quente. Depois de um tempo, April decide que isso é demais para ela; tira um guarda-chuva da mochila e o apoia sobre um ombro. A imagem ligeiramente pretensiosa de alguém toda vestida de preto e segurando um guarda-chuva preto chama a atenção de uma menina que passa do outro lado da rua em sentido contrário com um cachorro salsicha. April não percebe, porque está abrigada à sombra de seu pequeno oásis gótico, mas eu reconheço Liv, vulgo A Outra Gordinha. Trocamos um aceno de cabeça.

Nosso colégio é bem grande, por isso não conheço todos os alunos, e no próximo ano vai ter ainda mais gente desconhecida, com a chegada dos novos alunos para o último ano e o preparatório para a universidade. Mas Liv está lá desde sempre, e não sei nada sobre ela, exceto que é, bem, A Outra Gordinha. E que tem um cachorro salsicha, pelo jeito. Sei que a palavra *gorda* faz muita gente se arrepiar, mas ela não me incomoda, então, se Liv pensa: "Ah, lá vai a Ruby, A Outra Gordinha", tudo bem. É o que sou. Meus sentimentos sobre a palavra se resumem a um grande dar de ombros. Mas vê-la andando por ali me faz pensar… que talvez fosse legal ter uma amiga gorda. Uma aliada. Ou ela é toda estressada, se odeia e *não ia querer* ser minha amiga… Quem sabe?

Finalmente, chegamos ao Mayow Park e nos deitamos na grama, embaixo de uma árvore, perto do playground. April deixa o guarda-chuva aberto no chão para proteger o rosto. Ficamos ali só relaxando, sem falar nada. Conheço April há tempo suficiente para conseguir perceber quando ela quer ficar quieta, e ela ficou ainda mais retraída que de costume, depois que as coisas não deram certo com Juliet. Os sons do verão estão em todo lugar à nossa volta. Alguns adultos jogam

beisebol no gramado central, e o som do taco batendo na bola é instigante. As crianças riem ao descer pelo escorregador ou ser empurradas nos balanços. Homens de aparência intensa usam os equipamentos de exercício espalhados ao ar livre. Às vezes, um cachorro se aproxima e fareja nossa área no parque com grande interesse.

– Ruby? – uma voz atravessa o ar estático de verão. Não é April; ela nunca usaria esse tom animado e convidativo. Abro os olhos protegidos pelos óculos escuros em formato de coração e me sento.

– Oi? – respondo desconfiada, olhando para a garota que, à primeira vista, é uma completa desconhecida, mas então me lembro dela no colégio, uns dois anos na minha frente. Bonita, loira, vestida com um short extremamente curto – tão curto, na verdade, que os bolsos escapam por baixo da bainha.

– Ah, é você! – ela confirma, animada. – Sou Megan Harper. Não sei se ainda se lembra de mim da escola… Enfim, só queria dizer… fala pro seu irmão que eu mandei… um oi. – De repente ela parece constrangida, e suas bochechas ficam vermelhas.

– Vou dizer ao Jake que Megan Harper mandou um oi – garanto, sorrindo com toda a simpatia que consigo demonstrar. – Talvez ele mande uma mensagem quando eu acordar a memória dele.

O rosto dela se ilumina de novo.

– Ah, sim, talvez!

Nós duas nos olhamos em silêncio por um momento. April continua deitada ao meu lado, embaixo do guarda-chuva preto. Não faz nenhum movimento. Nem pisca.

– Bem… – eu digo.

– Vou deixar vocês, hã… – Megan responde.

– Sim…

Ela se vira para ir embora, mas olha para trás um segundo depois.

– Não esquece!

Ranjo os dentes para compor um sorriso forçado.

– Não vou esquecer! – Meu tom tem uma alegria tão intensamente falsa que ela deve estar pensando que me ofendi. E é verdade. Se eu pudesse passar um dia da minha vida sem alguém adular o horroroso do meu irmão, eu seria uma Ruby Morgan feliz. Então, finalmente essa Megan invasiva vai embora, e April e eu ficamos sozinhas de novo.

Exatamente como gostamos.

– Jesus! – April dá risada, reanimando finalmente o corpo imóvel.

– Que coisa… – suspiro, e me deito na grama, tentando encaixar o corpo sobre o padrão de folhas amassadas que tinha deixado no chão.

– Isso acontece com frequência?

– Eu não diria que é *frequente*, mas ela não é a primeira garota que foi da turma dele e me cumprimenta com entusiasmo exagerado, depois manda um recado para o bofe.

– Os héteros são estranhos – ela comenta, balançando a cabeça lentamente.

Dou de ombros.

– Alguns são legais, nem todos somos estranhos.

– Você é legal, acho. – Ela volta à posição anterior embaixo do guarda-sol. April pode ser gótica, mas quem a vê fugindo do sol pensa que ela é vampira. – E aí, vai mandar o oi da Megan Harper para o Jake?

– Sim. Tenho pena de quem fica a fim dele, porque o cara é um cretino. O que me coloca em uma situação ruim, porque ou não falo nada sobre o oi da garota e sou desleal com ela, ou falo e a exponho ao risco de se meter em alguma presepada com ele.

– Uma criatura vil – April recita com ar solene. – Ele continua sendo escroto com a Sasha?

– Sim – suspiro. – Bom, ele é escroto comigo também, mas me incomoda mais quando é com ela. A garota tem dez anos! É um bebê, literalmente! Uma princesinha perfeita!

– Qual foi o último crime?

– Ai, meu Deus, outro dia minha mãe perguntou se Sasha queria começar a preparar o próprio café da manhã durante as férias – um truque clássico para fazer a menina se sentir adulta e reduzir um pouco do trabalho que minha mãe já tem de fazer –, e hoje de manhã, quando desci, Jake estava lá com ela e uma tigela de cereal ao lado da balança da cozinha, e ele, tipo… tirava cereal da tigela *floco por floco* até chegar à porção exata especificada na caixa!

April estremece.

– Credo, que horror! O que o monstro está fazendo hoje?

Nem preciso pensar.

– Provavelmente levantando pesos no quarto dele, ou enfiando a

notícia de que vai para Oxford em qualquer conversa que tiver.

– Isso é a cara do Jake. Consegue imaginar alguém com vontade de treinar em um dia como o de hoje? *Querer suar?* – April pergunta.

– Meu Deus, não. Não consigo imaginar nem nos melhores momentos, e esse é o pior pra esse tipo de coisa.

É um dia quente de fim de junho, o que significa que ainda temos muitas férias de verão pela frente, e o sol é como uma promessa de mais sol por vir, nada além de céu azul até setembro. Não importa se não for bem assim. É só essa sensação de possibilidade infinita. Deliciosa.

– Ainda estou traumatizada com a lembrança do teste de corrida, mesmo que a gente nunca mais tenha de fazer uma aula de Educação Física – April suspira, deliciando-se com o pensamento idílico. – Deus abençoe o último ano e o preparatório!

– É, mas… você sempre foi muito bem nesses testes – comento, intrigada.

– Mas discordo deles por princípio. Tipo, politicamente. Parece que os testes são criados pra fazer a gente se sentir uma merda. Não é nem… *a lei* ou o currículo. É só uma coisa que o senhor Pearce quis fazer pra afirmar sua autoridade. Tipo, lembra como ele foi *com você* àquelas corridas de tiro?

A simples menção àquela aula desgraçada faz meu sangue ferver. É claro que me lembro dos tiros! Foi a coisa mais humilhante! O senhor Pearce decidiu que eu não estava correndo o suficiente quando a turma fazia corridas curtas cronometradas, e me obrigou a fazer o meu tiro na frente de todo mundo, enquanto a turma descansava. Imagine só! Fiquei vermelha de vergonha. Pura humilhação. Todos aqueles olhos no meu corpo gordo, e eu tentando fazer o melhor possível, sem conseguir ser tão boa quanto todo mundo, o que para ele, *obviamente*, significava que eu não estava tentando. Foi naquele dia que eu soube que nunca gostaria de fazer exercício físico. Não. Nunca.

– Bem, tudo isso ficou no passado – digo, e abro bem os braços, encerrando a conversa sobre Educação Física. – A vida não é muito melhor agora, quando vamos para o último ano?

– Um milhão por cento. E sabe o que é ainda melhor que o último ano?

– O quê?

– Férias de verão antes do último ano.

– Tem toda a razão.

– Só de poder não fazer nada… Nada!

– Verão pra relaxar! – concordo, e estendo um braço para trás para pegar minha garrafa de água. E relaxar é exatamente o que preciso fazer. Talvez patinar um pouco e assistir a filmes de terror com April, Salma e Jessica. Talvez ajudar minha mãe com a produção de pães, ou não fazer nada com April, do jeito que a gente gosta.

Mas este verão é diferente. Não tem o papai.

Bem, não que ele tenha morrido ou alguma coisa assim. Mas não ter meu pai por perto é estranho. Manchester não é o fim do mundo, mas também não é o fim da rua. Às vezes é fácil esquecer que ele foi embora, porque nós ainda estamos aqui, então parece lógico que ele também esteja. Mas então você percebe que as coisas dele não estão mais aqui, e se lembra de como foi se despedir dele com um abraço na saída da garagem há alguns meses… e, sim, ele foi embora. Cinco viraram quatro.



# Capítulo 3

Quando volto para casa do parque, percorrendo a rua com as grandes árvores de flores brancas e atravessando a ponte sobre a ferrovia, imagino ouvir Jake fazendo barulho no quarto dele. Estou tentando me mudar para lá, agora que ele foi para a universidade, mas as negociações ainda não avançaram. Só acho ridículo ele manter o maior quarto da casa, se nem mora mais aqui! Parece *muito* que ele sempre consegue fazer as coisas como quer só se recusando a interagir com as outras pessoas. Eu não conseguiria! Adoro interagir.

Bato à porta e espero pela autorização para entrar no espaço sagrado do meu irmão. Quando ouço o "entra" relutante, seguido pelo barulho do halter sendo devolvido ao rack, eu entro. O quarto é bem grande, mas parece que os racks de pesos ocupam metade do espaço. Tem uma barra de flexão sobre a porta, onde, em seus dias pré-universidade, ele podia ser visto subindo e descendo usando apenas a força da metade superior do corpo.

– O que você quer, Cara Sardenta? – Jake pergunta, impaciente. Ele se senta na cama e espera eu me manifestar.

– Uma garota chamada Megan me pediu pra mandar um oi pra você – digo, só para cumprir o que prometi.

Jake fica pensativo por um momento, movendo o queixo esculpido de um lado para outro enquanto reflete.

– Megan Corpão? – finalmente, ele pergunta.

– Megan Harper. Cabelo comprido, loira.

– Hum… – Jake assente devagar. – Que bom que foi ela, e não aquela vaca da Megan Cross. Megan Corpão, é? – Ele pega uma embalagem aberta de amendoins cobertos de chocolate e joga um confeito para cima, bem alto, antes de pegá-lo com a boca.

– É… mas tenho certeza de que, na verdade, Megan Cross é uma princesa – respondo.

Jake ri baixinho.

– Sabia que diria isso. Você é muito *feminista* – ele diz, desenhando aspas no ar em torno de "feminista".

Reviro os olhos.

– Sim… e?

– E isso significa que é óbvio que vai defender qualquer garota aleatória!

– Isso… literalmente não é o que significa feminismo. – Seria chocante descobrir que essa não é a primeira vez que tenho essa conversa com meu irmão?

– Enfim, o que mais ela disse? – Ele não olha para mim, só joga outro amendoim para cima e o pega com a boca.

– Nada. – Dou de ombros.

– Tudo bem. Não que me falte mulher, agora que estou trabalhando atrás do balcão… mas é sempre bom saber.

– Fico feliz por saber que sua posição social melhorou, agora que deixou de recolher copos pra encher jarras – respondo, mas ele não está ouvindo.

Meu irmão projeta o queixo como se estivesse pensando, e espero ele dizer alguma coisa. Ele olha para mim como se não entendesse o que ainda estou fazendo em seu quarto.

– Pode ir. – Ah, valeu a pena esperar, definitivamente!

Suspiro.

– Ok.

Mas, quando me viro para sair, uma coisa brilhante pendurada em uma das colunas da estrutura da cama chama minha atenção. Duas coisas brilhantes, na verdade.

– Por que tem duas medalhas Dawson Dash? Você só ganhou uma vez.

Jake olha para mim como se não conseguisse acreditar que ainda estou ali, respirando seu oxigênio.

– Uma é minha, a outra é do papai. Pedi pra ficar com a medalha dele quando ele estava arrumando as coisas pra… – Meu irmão olha em volta, como se ainda não soubesse como se referir a isso. – Você sabe, pra se mudar.

Sinto uma onda momentânea de compaixão por Jake. Ficamos todos um pouco abalados com a separação dos nossos pais, mas isso deve ser especialmente estranho para Jake. Ele estava fora no último ano, na universidade; perdeu parte da situação, e parece não conseguir acreditar que as coisas ficaram tão ruins quanto ficaram.

– Ah… – respondo, dando de ombros, querendo mudar de assunto. – Eu não sabia que ele também tinha essa medalha.

Jake olha para mim e franze a testa.

– Como assim, não sabia? Todo mundo sabe. Por isso foi tão importante pra ele quando eu ganhei a medalha, dois anos atrás. Transformou o prêmio em uma tradição de família, acho.

– Ah, agora acho que me lembro – eu disse, embora não fosse verdade. Dawson é uma escola que valoriza os esportes, está sempre derrotando outras escolas da região no futebol, no rúgbi, no hóquei, no netball e no atletismo. O que, obviamente, não me interessa, porque nenhum esforço é feito para incluir pessoas como esta que vos fala, que podem querer participar, mesmo não sendo muito habilidosas. Isso é só para os Competidores Reais.

– É claro que você não estava prestando atenção nisso – ele resmunga.

Por que eu estaria prestando atenção na Dawton Dash? Uma corrida inventada há um milhão de anos como um gesto de caridade da St. Alfred's (muito chique) com nossa escola (Dawson High, nem tão chique), a partir do qual eles nos deixam usar seus campi absurdamente imensos, mas *apenas* fora do ano letivo. Porque eles são assim, muito legais. Agora temos nosso próprio espaço ao ar livre! Século XXI! Mas de algum jeito a tradição persiste, porque todo mundo decidiu que ela é *importante*. Acho que tradição é isso.

– Ah, não recebeu elogios e atenção suficientes de outros lugares por ter vencido a corrida idiota? – pergunto em um tom que sei que ele vai achar irritante.

– Não é idiota! É *prestigiada*.

Sim, talvez entre o contingente fascista da Educação Física.

– E, de qualquer maneira, agora se ganha dinheiro *de verdade* – Josh acrescenta, antes de jogar outro amendoim para cima e pegá-lo com a boca. É verdade. Tem um prêmio de cem libras para o ganhador, setenta e cinco para a medalha de prata e cinquenta para a de bronze. Dinheiro de verdade. Eu falei, esporte é coisa séria na Dawson. – Você só acha que é idiota porque nunca conseguiria ganhar a corrida.

Cruzo os braços e olho para ele com firmeza.

– Por que não?

– Além de eu nunca ter visto você correr nem pra pegar o ônibus, muito menos cinco quilômetros? E por estar *imensamente* fora de forma? – Ele enfatiza o *imensamente*, olhando para mim com uma mistura de ceticismo e repulsa moderada. – Só imensa.

Jake não domina a arte da sutileza, sabe? Qualquer pessoa normal teria parado antes, mas ele tem de seguir adiante e partir para o *explícito*.

– Por que tem de ser sempre tão escroto?

Mas, antes que ele possa responder, somos interrompidos.

– Por que estão discutindo? – O rosto redondo de Sarah aparece na porta. Ela é como um inseto quando vê uma lâmpada acesa. Sem mencionar que o quarto dela fica ao lado do da minha mãe no andar de baixo, o que faz de sua presença aqui em cima uma clara indicação do compromisso de estar sempre onde a ação acontece.

– Vai embora, Pedaço – Jake suspira.

Se você acha que ele me tratou com desprezo, espere até ver como ele nunca tem tempo para nossa irmã de dez anos!

– Posso comer um amendoim? – ela pergunta, vendo a embalagem aberta em cima da mesa de cabeceira.

– Não.

– Por que não?

– Porque não faz bem.

– E por que você pode? – ela pergunta, indignada.

Já sei como isso vai acabar.

– Porque eu me exercito, e você, não.

Sasha franze a testa.

– Tudo bem, tudo bem – ela diz, um pouco triste. – Por que estavam

discutindo?

– Jake estava sendo horrível comigo, só isso – digo, sem querer entrar em detalhes com ela. Sim, às vezes ela é irritante, mas assumi a tarefa de tentar impedir minha irmã de ouvir qualquer coisa que possa deixá-la insegura em relação ao próprio corpo, ou que a convença de que existe algo que ela não pode fazer. O corpo de Sasha parece incomodar Jake tanto quanto o meu.

– Por quê? – ela insiste.

– Não sei. – Dou de ombros e torço para ela voltar lá pra baixo e para a tevê.

– Estava explicando pra Ruby por que ela não conseguiria vencer a Dawson Dash – Jake explica, retomando as flexões de bíceps.

Droga… Sinto a irritação esquentar meu peito.

– O que é isso?

Jake suspira, impaciente.

– Você conhece a Dawson? A escola pra onde você vai daqui a dois anos? Essa é a corrida anual para as turmas dos dois últimos anos. Lembra? Eu ganhei no ano retrasado. Você estava lá.

– É só uma tradição boba – digo. – Acontece há anos. Você tem que correr cinco quilômetros em volta dos campos da St. Alfred's. Sabe, perto de onde ficam aqueles cavalos, ao lado do parque.

Sasha pensa um pouco.

– Por que não?

– Por que não o quê?

– Por que ela não conseguiria ganhar? – diz Sasha, que claramente me acha tão fantástica, que nunca pensou que eu não poderia ganhar uma corrida. Se todo mundo me visse com os olhos de Sasha, eu estaria a caminho de me tornar uma vencedora.

Jake olha para ela como se Sasha fosse maluca.

– Porque ela não consegue correr nem até o fim da rua! Porque ela é g…

– Chega! Eu vou conseguir – digo, e bato palmas, determinada uma vez a interrompê-lo. Sim, eu *sou* gorda, mas Sasha não precisa ouvir isso como um insulto, como uma arma. Como ela vai poder ter um bom relacionamento com o próprio corpo se ouve esse tipo de coisa dentro de casa?

– Ah! ah! ah!, muito engraçado! – diz Jake, devolvendo o halter ao rack antes de olhar para mim e fazer uma careta.

– Não estou brincando – aviso com toda a sinceridade. – Eu vou conseguir.

– Ah, vai, não vai? – Ele parece achar a situação engraçada.

– Vou – respondo, e o encaro muito séria. – Tradição de família.

Ele ri.

– Acha que está no mesmo nível que o papai e eu?

Balanço a cabeça. Posso estar.

– Eu acho que você consegue! – diz Sasha.

É claro que ela acha. Sou sua irmã mais velha.

– Ora, ora, ora… – Jake reage. – Essa eu queria ver!

Quando vai ser a corrida? Dia 5 de setembro? Isso me faz pensar em uma coisa: até lá, ele vai ter esquecido tudo isso. Só não quero que Jake pense que pode pisar em mim só porque é o Macho Atleta, o capitão do time de rúgbi da Dawson, o Detestável do Remo de Oxford. Nada disso tem importância para mim!

– Bom, é isso, está decidido – anuncio. – Vem, Sasha, vamos jogar Luigi's Mansion.

Quando estamos descendo a escada, Jake grita para mim:

– Não vai entrar em forma jogando Switch o verão inteiro!

– Obrigada, mas dispenso seus conselhos! – respondo no mesmo tom.

Ficar jogada no sofá com Sasha vendo a garota aspirar fantasmas em um videogame não é exatamente o jeito mais empolgante de passar uma hora, mas estou desesperada para fazer minha irmã se sentir amada e cuidada.

Ela pausa o jogo e suspira de um jeito dramático, então sei que alguma coisa a está incomodando de verdade.

– Estou com saudade do papai.

Pigarreio enquanto penso em como responder.

– Do que sente mais saudade?

Ela pensa por um minuto.

– De… jogar futebol com ele no parque.

– Você pode jogar comigo ou com o Jake, não pode? É só pedir, se quiser – sugiro.

Sei que isso é especial para ela. Sasha adora jogar futebol, e meu pai

fazia de tudo para incentivá-la. E não quero que ela pare só porque nosso pai saiu de casa.

– Talvez… – ela diz, pensativa. – E sinto saudade de comer pizza às quartas-feiras. Faz tempo que a gente não faz isso.

– Podemos fazer.

– Não seria a mesma coisa.

– Não, mas pode ser legal.

– Mas, sim… sinto saudade dele.

Eu a puxo para mim com um abraço desajeitado.

– Eu também.

Como se o contato desencadeasse alguma coisa dentro dela, Sasha olha para mim e pergunta:

– Você acha que meus braços são muito moles?

Engulo em seco.

– Não. Acho que são perfeitamente fofos. Por quê?

Ela dá de ombros.

– São mais moles que os de todo mundo.

– E isso te incomoda?

Tenho a impressão de que ela está realmente pensando na resposta, mas talvez esteja só se concentrando no videogame.

– Não sei. – Sasha mastiga as pontas do cabelo por um momento, o que é nojento e, normalmente, me faria cutucá-la e dizer para parar, mas não quero interrompê-la. – Acha que é por isso que Jake não gosta de mim?

Isso parte meu coração. De verdade.

– Que bobagem! É claro que ele gosta de você! Jake só está bancando o irmão mais velho horroroso. Só isso. E não acho que você é muito mole. Nem muito nada. E, se alguém está fazendo você se sentir assim, então só me conta, e podemos conversar sobre isso, está bem? – Ouço um estalo na escada atrás de nós, depois o som quase imperceptível de passos se afastando. Jake. Pelo menos ele sabe quando não é bem-vindo.

– Sim – ela responde, e balança a cabeça concordando.

Mas não sei se ela vai falar comigo. Especialmente se, para citar os filmes de terror com os quais April e eu adoramos passar medo, *o perigo estiver dentro de casa*.

À noite, durante o jantar, olho para Sasha do outro lado da mesa e me pergunto como isso é possível. Ela só tem dez anos e já está se preocupando com o corpo. Quando isso começa? Como começa? Queria poder me lembrar de quantos anos eu tinha na primeira vez que soube que meu corpo era *errado*, de algum jeito. Prefiro resistir e não deixar que isso arruíne minha vida completamente, mas e se Sasha não conseguir? E se isso for só o começo de alguma coisa que vai roubar seu tempo e sua energia e induzi-la a limitar o que ela escolhe fazer com a própria vida? Pensar nisso me causa arrepios.

– Tudo bem, Roo? – minha mãe pergunta.

– Sim, tudo – respondo.

– Você parecia distraída – ela comenta, rindo.

– Devia estar fantasiando uma utopia feminista – Jake provoca, claramente indiferente à conversa que ouviu entre as irmãs sobre quanto sua presença é hostil.

Aponto o garfo para ele por cima da mesa e fecho um olho, como uma caçadora apontando a arma para a presa.

– Você sabe.

O ruído estridente do telefone fixo ecoa na sala de jantar. Continuamos todos sentados, olhando uns para os outros, esperando alguém se oferecer para atender.

– Ah, muito bem! – minha mãe diz, e se levanta para ir à sala de estar. – Alô? Ah, oi… – Mesmo com poucas palavras e ouvindo só metade da conversa, sei que é meu pai. Todos nós sabemos. Deve ser alguma coisa na mudança do tom de voz da minha mãe. Uma mudança no clima. – Sim, estamos bem. E jantando, no momento. Você está bem? – Uma pausa. – Que bom… Fico feliz por estar se adaptando por aí. Bem, estamos no meio do jantar, mas, se ligar de novo daqui a pouco, todos vão poder falar. – Outra pausa. – Ah, você vai. Espero que seja algum lugar legal. Bem, por que não liga para eles no celular amanhã? Ok. Legal. A gente se fala. Tchau.

Quando ela volta à mesa, Jake pergunta imediatamente.

– Por que não deixou a gente falar com ele?

– Porque estamos comendo! Eu disse isso a ele! – responde mamãe, voltando ao espaguete.

– Não interessa. Eu teria falado com ele.

– E sua comida teria esfriado, então, não. Se está tão incomodado com isso, por que não liga pra ele no celular?

Jake dá de ombros.

– É isso, então. – Ela encerra o assunto. Mas, depois disso, uma nuvem se instala sobre a mesa de jantar. Um constrangimento.

Tenho a sensação de que só dormi por alguns minutos naquela noite quando o cheiro de cigarro invade meu quarto. Jake está fumando no sótão? É a cara dele tentar matar a todos nós. Saio do quarto e, no corredor, olho para a escada de poucos degraus que leva ao quarto dele. Não sinto mais o cheiro. Volto para dentro do quarto e percebo que ele vem de fora. Quando me aproximo da janela e olho para baixo, vejo minha mãe de camisola e chinelo, sentada na mureta do jardim da frente, iluminada pela luz de segurança. Ela está chorando. Só deixando as lágrimas correrem pelo rosto enquanto fuma. Eu *nem sabia* que ela fumava. Talvez seja uma novidade. A imagem revira meu estômago. Devo descer e falar com ela? Ou minha mãe ficaria constrangida? Não sei qual é a atitude certa, nesse caso. Fico ali parada, mordendo a boca. Quando decido que vou descer para ver se ela está bem, eu a vejo se levantar da mureta, apagar o cigarro na parede e voltar para dentro. Não escuto o ruído da porta, porque ela é muito silenciosa. Talvez tenha sido melhor não interromper.



# Capítulo 4

Eu vi April ontem? Talvez. Ela está na minha casa agora? Eu não poderia dizer.

Estamos deitadas na grama do jardim da frente, do outro lado da mureta de pedra onde minha mãe estava sentada ontem à noite. Quando acordei, hoje de manhã, me perguntei se tinha sonhado com isso. Mas a sensação era real demais. Além do mais, por que ela estaria fumando e chorando sozinha no meio da noite? Ainda não decidi se devo tocar nesse assunto com ela, mas pensar nisso abre em mim um poço profundo de constrangimento. A verdadeira questão é quantas vezes ela esteve lá fora e eu *não ouvi*. Vou me limitar a ser muito legal com ela e torcer para que isso seja suficiente.

April está deitada de costas, lendo uma cópia velha e surrada de *A redoma de vidro*. Eu estou deitada de bruços, apreciando os quadrinhos de O *diário de uma adolescente* por cima dos meus óculos escuros em forma de coração. Depois de um tempo, só abandono tudo e deixo o sol me aquecer. A grama faz cócegas nas minhas coxas expostas pelo short jeans, mas tem algo tão deliciosamente veranil na sensação que não me dá vontade de me mexer.

Depois de um período de silêncio, respiro fundo. Não consigo falar com minha mãe sobre o que vi ontem à noite, mas posso perguntar como está minha melhor amiga, por mais que ela relute em falar.

– Sei que não gosta de falar sobre seus sentimentos, mas… você está

bem?

April rosna como um cachorro e rola para ficar de bruços.

– Sim e não – diz finalmente.

– Conta mais.

– Sim, porque vou sobreviver, e não, porque queria que Juliet e eu ainda estivéssemos juntas.

Suspiro.

– Sinto muito. Queria poder fazer alguma coisa pra você se sentir melhor. De que adianta ser sua melhor amiga se não tenho essa capacidade?

– É! – April bate de leve no meu braço e ri. – Que utilidade você tem?

Nossa conversa é interrompida quando uma van para na frente de casa. Sinto uma coisa estranha, uma reação incômoda. A repetição de uma lembrança não muito distante. A marcha lenta e bastante relutante de meu pai indo e voltando entre a casa e a van, que era muito menor que essa, mas ainda parecia meio vazia quando ele tinha terminado de pôr suas coisas lá dentro. Ninguém sai dessa van, o que é estranho, mas isso também significa que podemos retomar a conversa, já que não há nada mais interessante para ver.

– De qualquer maneira – April revela –, ouvi dizer que Juliet está saindo com Rosie Wood, então não adianta fazer mais nada. Tenho que superar, só isso.

– Que droga! – digo, afagando seu cabelo curto loiro.

– Tudo bem. Tem muito mais peixes no mar, sei lá… – ela fala, mas sei que não ter dado certo com Juliet é uma coisa que a machuca. Mas os papéis nunca se inverteram. Nunca chorei o fim de um relacionamento com o apoio de April porque nunca tive um relacionamento. Na verdade, tenho evitado esse tipo de coisa. Não que não tenha me interessado por ninguém, mas nunca me senti pronta para *me jogar* desse jeito. Parece horrível. – Você falou para o Jake sobre aquela garota no parque?

– Falei, e ele mal conseguiu entender de quem eu estava falando. Patético!

– Ele continua sendo horrível com Sasha?

– Ah, sim, continua! Negou um confeito de amendoim com chocolate para a garota porque ela não se exercita. Ele é uma ameaça à sociedade.

April ficou indignada.

– Ela tem só dez anos!

– Eu sei! E ele continua tentando convencer Sasha a experimentar aqueles jogos de computador que são atividade física, sabe? Parece obcecado por isso. É como se tivesse entendido que não vai conseguir me atingir com isso, então passou a aterrorizar Sasha.

Nesse momento, um carro para e as portas da van se abrem quase simultaneamente. Três pessoas descem do automóvel – um homem, uma mulher e um cara mais novo, da minha idade, talvez –, e os homens da transportadora começam a trabalhar. Descarregam caixas e tiram da van a estrutura de uma cama. Quando o homem mais velho se aproxima da porta da frente da casa ao lado da nossa e examina várias chaves, o garoto olha em volta, estudando o novo ambiente. Alto, magro, mas de ombros largos, ele veste camiseta branca, jeans preto e tênis de skate. Pelo que pude avaliar com esse exame preliminar, ele é bem… bonitinho. Olho para a mulher e me pergunto de onde a conheço. Será que é professora na minha escola? Talvez trabalhe no Sainsbury's, ou alguma coisa assim. O reconhecimento é distante, mas definitivo.

– Eu me sinto estranha deitada aqui enquanto essas pessoas estão, tipo, se matando pra tirar aquelas coisas da van… – April comenta, e se levanta. – Vamos entrar.

Fico desapontada com a interrupção – quero saber mais sobre o garoto –, mas faço o que ela diz. Gritamos um oi para Sasha, que está deitada na frente da televisão, e para minha mãe, que está trabalhando em algumas encomendas na cozinha. Mamãe tenta puxar conversa, mas estamos em uma missão – uma importante missão de espionagem. Seguimos para o meu quarto, que fica na parte da frente da casa e tem uma janela que dá para a rua. Vemos os homens da transportadora tirando coisas da van – um sofá elegante virado de lado para passar pela porta, um gaveteiro de aparência sólida, diferente desses móveis que são entregues desmontados, uma bicicleta. E então o menino aparece de novo. Ele se empoleira na beirada do muro que separa nosso jardim do deles, jogando no celular. Mas o sol está muito forte, e ele muda de posição para projetar uma sombra no telefone, virando de frente para minha casa.

Mesmo de longe, posso dizer que não errei em minha avaliação inicial:

ele é bonitinho. Agora posso olhar por mais tempo e examinar os detalhes. Cabelo vermelho-escuro, bagunçado. Lábios cheios. Um rosto que tem um toque de doçura, misturado ao jeitão de gostoso. Sinto aquele borbulhar leve no peito. Aquela inconveniência de uma paixãozinha se anunciando. Mas, em meio à empolgação borbulhante, também tenho uma sensação de familiaridade.

– Ei… – diz April, que está com os cotovelos apoiados no parapeito da janela e o queixo descansando sobre as mãos com as palmas voltadas para cima. – Acho que sei quem ele é.

– Aquele cara?

– Sim. Oliver, acho. Oliver Cowan.

– De onde?

– Dos Escoteiros, talvez?

– Aaaah, tipo, *antigamente*. Me conta tudo?

Mas nesse momento, antes que ela possa responder, Oliver levanta a cabeça e olha para a janela. Não! Puro horror! Talvez tenhamos que melhorar nossas táticas de observação. Ele estreita os olhos por uma fração de segundo, como se não tivesse certeza da nossa presença ali.

– Abaixa! – sussurro, puxando April para o chão, onde temos um ataque de riso. As gargalhadas desaparecem, mas minha curiosidade, não. – Ei, sua tonta… Fala logo, o que sabe sobre ele?

– Não muito. Só lembro que ele estudava na St. Alfred's Prep. – Sentada, ela apoia as costas na estrutura da cama. – Por quê? Ficou a fim dele? Gosta de ruivos?

– Agora que sei que ele estudou na St. Alfred's, não mais. – Finjo que vou vomitar, tentando encerrar o assunto.

– Por que quer saber, então? – Ela arqueia as sobrancelhas, fazendo aquela cara de "te peguei".

– Por nada! – respondo com o tom mais casual que consigo fingir.

– Você sabe que pode ficar a fim das pessoas, não é? – April insiste.

– O que é isso? – Fico um pouco sem ação, porque… bem, me surpreende ela conseguir me ler com tanta precisão.

– Sempre que você se interessa por alguém, é como se… – Ela gesticula com as mãos cobertas pelas luvas de renda preta sem dedos, como se tentasse encontrar as palavras certas. – É como se você se sentisse toda culpada e constrangida por isso, embora isso seja

totalmente normal. É como se sentisse que tem alguma coisa vergonhosa nisso, *pra você* em particular.

Sinto o rosto esquentar.

– Não… é que… não… – começo, mas não sei bem como continuar. Porque sei que ela está certa. Ai, o peso mortificante de ser transparente!

– Tudo bem – ela conclui com leveza. – Só acho que não precisa se sentir desse jeito.

– É que isso é muito constrangedor e desmoralizante, sabe? – comento, percebendo que posso falar sobre isso com April. – Eu me sinto estranha quando me interesso por alguém, porque… bom, por que alguém se interessaria por mim? Aí a coisa toda fica unilateral e esquisita.

– Alguém se interessaria por você porque você é foda – ela garante. – Mas eu entendi. Ou melhor, não entendi exatamente, mas sei o que quer dizer.

– É como se… bem, me sinto perfeitamente à vontade com meu corpo, mas tem essas *coisinhas* que ficam me cutucando e me estressando. E não quero que elas me incomodem! Só quero viver em paz! Viver minha vida gloriosa!

– Sei. Mas acho que você se diminui. Por exemplo, se lembra de quando ficou a fim daquele garoto da sua turma de História?

– Infelizmente, sim – respondo em tom sombrio, me lembrando de Angus Moore.

– Olha aí! Você é sempre muito negativa sobre essas coisas, mas acho que ele gostava de você! Lembra quando ele perguntou se você ia à festa do Harry?

Dou de ombros.

– É, lembro, mas eu não ia. Ia me encontrar com você e com Salma.

– O fato é que ele perguntou! Mas você tem tanta certeza de que nunca vai despertar o interesse de ninguém, que nem percebeu nada.

– Você realmente achou que Angus gostava de mim? – Ainda não estou convencida disso, mas me interesso um pouco pela hipótese, pelo menos.

– Não sei, não consigo ler os pensamentos dele! Mas posso afirmar que não havia nenhuma evidência de que ele *não* gostava de você, apesar da

sua conclusão precipitada. Você se sabota! Então, se gosta de Oliver Cowan, você tem o direito de admitir! Garanto…

Solto o ar lentamente.

– Tudo bem. Acho que ele é bonitinho – murmuro. – Mas não estou apaixonada por ele! Só estou dizendo que ele é bonitinho.

– E isso é suficiente para mim – diz April, unindo as mãos com um estalido alto. – Oliver Cowen é seu novo crush. Estou dando minha aprovação pra isso – diz ela, fazendo um gesto como se carimbasse um papel.

E lá vem aquela sensação de familiaridade de novo… Eu me concentro e digo o nome dele em voz alta.

– Qual é, isso é uma espécie de encantamento? Está fazendo um feitiço de amor? Nunca pensei que gostasse dessas merdas de bruxaria. – April olha para mim com desconfiança.

– Não… só estou tentando localizar o garoto na minha memória. Tenho a sensação de que conheço esse nome há muito tempo, mas não consigo entender por quê… – Contraio o rosto, tentando garimpar as lembranças. E lá está! – Ollie Cowan! Ele era meu amigo no maternal! Antes mesmo de eu conhecer *você*!

– Hum! – April responde. – Mas não o reconheceu?

– Estranho, mas ele mudou um pouquinho desde que tinha quatro anos…

– Como isso afeta a história do crush? É positivo? Negativo?

– É neutro, acho. Não é importante, é?

Ela dá de ombros.

– Não, na verdade.

Passamos uma hora jogando cartas no chão do meu quarto antes de ela ir para casa, mas, durante todo esse tempo, penso no que ela disse. Tudo bem, posso admitir que acho Ollie bonitinho, mas não acredito que tenha chances com ele. Evidentemente, isso não é algo que eu possa consertar da noite para o dia.



# Capítulo 5

Minha mãe está olhando para dentro da geladeira. Seu grande coque loiro serve de amortecedor entre a cabeça e o topo do refrigerador, e ela está estressada, é evidente. Com movimentos furiosos, examina os potes de vidro na prateleira de cima.

– Meu Deus! – exclama.

– Que foi? – Não tenho certeza de que a resposta, seja ela qual for, vai refletir seu nível de nervosismo.

– Pensei que tivéssemos comprado pimentas *jalapeños*, mas não tem nenhuma aqui! Como posso fazer *quesadillas* sem *jalapeños*? – Minha mãe parece arrasada. Ultimamente, pequenas coisas parecem ter o poder de tirá-la do sério. – São só quatro ingredientes! E falta um! Isso é um quarto dos ingredientes, Roo! Vinte e cinco por cento!

Dou de ombros, tentando reduzir a seriedade do dilema de "risco de vida" para "pequeno inconveniente".

– Posso ir comprar mais.

Vejo o alívio tomar conta do seu rosto.

– Você iria?

– Sim, é claro! Não estou fazendo nada… – E quando estou?

Ela olha para o relógio do fogão.

– Pode ir agora, por favor? Não quero servir o jantar muito tarde.

– Tudo bem, se está tão desesperada… – respondo, calçando os chinelos e pegando uma sacola reutilizável da sacola reutilizável que

transborda sacolas reutilizáveis. Estendo a mão para receber o dinheiro, e ela deposita algumas libras na minha palma rechonchuda. – Não vai ter esse tipo de coisa no Sainsbury's de perto da estação, então vou direto ao mercado maior.

– Você é uma boa menina! – Sim, mãe, eu sou. – E, já que vai ao mercado pra mim, vou ter tempo pra levar uma caixa dos meus brownies caseiros à casa dos vizinhos pra dar as boas-vindas. Tinha acabado de assar o brownie quando vi a van da empresa de mudança. Achei que seria legal, sabe?

– Você se lembra do meu amiguinho ruivo do maternal, o Ollie?

Ela pensa por algum tempo, franzindo o nariz, enquanto tenta se recordar do menino.

– Sim! – diz finalmente. – Meu Deus, eu tinha me esquecido completamente dele! Ah, vocês dois eram tão bonitinhos… Eu tinha que te arrastar da escolinha porque você queria ficar brincando com ele.

– Então, ele e os pais se mudaram pra casa vizinha – revelo.

– Que engraçado! Você o reconheceu? Depois de todo esse tempo?

– Não, April disse que o conheceu nos Escoteiros, e quando ela falou o nome do garoto eu me lembrei.

Minha mãe balança a cabeça.

– Oliver Cowan. Bom, não sei se ele gosta de brownie, mas vou levar mesmo assim.

– E é sempre bom conquistar possíveis novos clientes.

– Essa é a última coisa de que preciso agora! Mal consigo atender os clientes que já tenho! – Ela suspira.

Essa é mais uma de tantas coisas que estão estressando minha mãe. Há alguns meses, ela se cansou de pagar as taxas para manter uma barraca no mercado no Crystal Palace Park e decidiu vender apenas pelo Instagram. As coisas vão bem, e ela não precisa se preocupar com as condições meteorológicas, nem com o dinheiro de troco e todos esses detalhes em que se tem de pensar para vender produtos no mercado. Eu prefiro assim, porque sempre era recrutada para ajudar e odiava ficar parada naquele frio, torcendo para um dia poder recuperar a sensibilidade das mãos. Mas gosto de ajudá-la. Sinto orgulho de minha mãe por ela administrar o próprio negócio, seja em um cenário real, seja on-line.

– Talvez eu possa ajudar, se precisar. Ah, e quando eu voltar, será que podemos falar sobre a situação do quarto…? – sugiro por cima do ombro, já a caminho da porta.

Quando saio e sinto o ar do fim de tarde, ainda está claro, e vejo crianças brincando na propriedade do outro lado da rua, na frente de casa. Tudo é muito tranquilo. Começo a andar na direção da rua principal, tentando dar um ritmo mais acelerado aos passos.

No fim da rua, tenho duas opções: a primeira, seguir pela rua principal e acompanhar a curva até chegar ao mercado, que é o caminho mais longo, ou a segunda, subir a colina e descer do outro lado, que é o caminho mais curto. É claro que prefiro não subir Round Hill, mas minha mãe estava muito estressada com o jantar. Portanto, escolho Round Hill.

Começo a empreitada. Round Hill não é uma subida moderada. É íngreme. Tão íngreme que acho que nunca vi ninguém descer a encosta de bicicleta, porque dá medo de ser jogado no meio do trânsito lá embaixo.

Cada passo é como um castigo; sinto a dor rasgando minhas pernas e os pulmões queimando com o esforço. Jesus Cristo, em que planeta eu estava quando disse que era capaz de vencer a Dawson Dash? Planeta Delirante. Adoro movimentar meu corpinho lindo sobre os patins, mas isso é bem diferente. Quando chego ao topo, minhas panturrilhas estão prestes a desistir de tudo, e respiro ofegante, desesperada por ar.

Mas consegui. Consegui! Estou apoiada em uma caixa de correspondência, procurando recuperar o fôlego, quando um cachorrinho branco se aproxima para farejar meus tornozelos. Eu me abaixo para cumprimentá-lo, ainda arfante, e nesse momento o dono do cachorro aparece. É o senhor Pearce. O demônio que é professor de Educação Física. O que um demônio está fazendo com um cachorro tão fofo? Isso deveria ser proibido.

– Oi, Ruby – ele diz, me olhando com o desprezo de sempre.

É estranho até que ele se lembre do meu nome, considerando que nunca fui uma aluna exemplar nas aulas dele. Embora seja verão, uma época totalmente imprópria para roupas de moletom, ele continua leal ao uniforme clássico de blusão de moletom sobre camisa polo, short e tênis, com as meias esticadas para garantir o máximo de visibilidade. O

look professor de Educação Física para todas as estações – será que eles nascem com esse estilo quando saem do útero totalmente formados como professores de Educação Física?

– Oi, senhor Pearce! – respondo relutante, ainda um pouco ofegante. Ou muito. Essa colina não é brincadeira!

– Você está… bem?

– Estou, sim, só subi a ladeira depressa demais. Estou tentando recuperar o fôlego.

Ele me analisa por um momento, como se considerasse se devia ou não falar.

– Sabe, se não tivesse *tanta* carne em cima dos ossos, não seria tão difícil ir de A a B.

Eu o encaro. Estava bem acostumada com toda essa gordofobia nas aulas de Educação Física, mas não deveria ter de ouvir isso nas férias de verão.

– Uau, que dica interessante! Vou me lembrar disso – respondo, inclinando a cabeça com sarcasmo. Isso me faz lembrar de quando ele gritava para mim, do outro lado do ginásio: "Vai, sua lerda!", quando fazíamos a prova de flexões com salto ou, basicamente, qualquer coisa que me obrigasse a executar movimentos mais rápidos. Ah! Ainda posso ouvir o eco dentro da minha cabeça! Horrível…

– Não precisa usar esse tom comigo, Ruby Morgan. – E em seguida, como se dizer meu nome despertasse nele alguma lembrança: – Você deveria arrancar uma página do livro do seu irmão. Ele é um atleta de verdade. Ouvi dizer que ele agora é da equipe de remo da Oxford, é verdade?

Ah, entendi… É por isso que ele se lembra de mim. O grande mistério: como Jake e Ruby Morgan podem compartilhar algum material genético?

– É verdade – digo, e dou de ombros. – Bem, tenho que ir. – Começo a andar na direção de Sainsbury's antes que ele possa elogiar Jake mais uma vez. É como se meu irmão tivesse feito uma lavagem cerebral em todo mundo e convencido as pessoas de que é maravilhoso. Ele não é maravilhoso! É um escroto!

Cumpro minha tarefa envolta em uma nuvem de irritação. Compro as pimentas *jalapeños* e salvo o jantar! Mas não volto para casa por Round

Hill. Em vez disso, sigo pelo caminho mais longo, pela rua que contorna a montanha; assim, não tenho a menor chance de encontrar o senhor Pearce de novo. Nunca entendi por que as pessoas têm de ser tão *descaradas* com suas opiniões sobre meu corpo: o que há de errado nele, e o que podem sugerir para consertá-lo. Nunca perguntei nada para ninguém. Na verdade, só estou tentando viver minha vida alegremente e fazer o que quero contra uma maré de merda. Não devia ser tão difícil! Quanto mais me aproximo de casa, mais me sinto incomodada com tudo isso. Por que Jake tem de ser o filho de ouro, enquanto está efetivamente *aterrorizando* a irmã? Não eu – não ligo –, mas Sasha! E ela?

Que se dane. Se Jake acha que a ideia de eu participar da corrida é uma grande piada, vou mostrar como ele está errado. Se o senhor Pearce pensa que preciso me livrar de parte da "carne sobre meus ossos" para "ir de A a B", vou mostrar que eu *e* meus ossos cobertos de muita carne somos capazes não só de ir de A a B, mas de vencer a Dawson Dash. Se Sasha tem dez anos de idade e já está preocupada com seu corpo lindo e perfeito, vou mostrar para ela que pode fazer o que quiser nas próprias condições, com o corpo que tem.



# Capítulo 6

Depois do jantar, vou para o meu quarto e começo a jogar roupas para fora do armário, torcendo para ainda ter meus tênis. E lá no fundo, bem escondido, vejo meu velho kit de Educação Física. Jogo tudo no chão e pego os tênis, antes de vestir uma camiseta e legging. Talvez precise de um top esportivo? Bom, é tarde demais para isso – vamos trabalhar com o que temos. Desço a escada com cuidado, tão silenciosamente quanto possível. Minha vergonha secreta! Minha mãe está assistindo à tevê na sala, e, quando abro a porta, aviso em voz alta:

– Vou lá fora um pouco, mas volto logo!

Ela grita de volta, perguntando aonde vou, mas não quero que ela me veja com roupas de ginástica.

Na escada do lado de fora, pego o celular e mando uma mensagem para April:

*PRESTAÇÃO DE CONTAS! Primeiro, não ria. Isto não é uma piada. Vou me inscrever na Dawson Dash. Jack está sendo um babaca, e ainda encontrei o senhor Pearce [grito!], que foi basicamente gordofóbico. Estou cansada de todos eles e quero mostrar para a Sasha todas as coisas legais que ela pode fazer.*

A resposta dela é instantânea.

*Rancor é uma motivação tão boa quanto qualquer outra.*
*Você consegue.*

Apesar de estar eufórica com o apoio de April, quando começo a caminhar para o portão percebo que não tenho ideia do que estou fazendo. Acho que estou… correndo, certo? Então deveria só… fazer o quê? Começar? Começo a correr. Piso forte na calçada, balançando os braços, e vou tão depressa quanto posso. E isso significa… que estou correndo! Estou correndo! Estou realmente correndo! Talvez isso não seja tão difícil, afinal… A única coisa é que meu sutiã não está colaborando muito. O balanço intenso beira o doloroso.

Mas não importa! Temos de olhar para o cenário maior! Lá vou eu, correndo alegremente pela Sydenham Park Road em alta velocidade, me perguntando pra onde a corrida vai me levar! Correndo! E então alguma coisa… fica estranha. É como se tudo dentro de mim se misturasse, e as *quesadillas* vão parar em algum lugar do peito, e não no estômago. Ah, não! Isso é sério. Isso é muito sério. Paro ofegante na frente de uma das casas enormes e chiques com frente dupla e entrada de cascalho para carros. E lá, dobrada ao meio, tentando desesperadamente recuperar o fôlego e me organizar por dentro, eu vomito. Não vou entrar em detalhes, mas basta dizer que as pimentas *jalapeños* em conserva que me esforcei tanto para conseguir desistiram de mim.

Ah, Deus! Não foi nada legal. Primeira lição aprendida: não se deve correr depois do jantar. Isso acaba em vômito. Segunda lição aprendida: sim, eu preciso de um top esportivo.

Em meio a todo o balanço interno e externo, o que realmente me impressiona é a sensação daqueles primeiros, hã, vinte segundos? Aquilo foi… bom. Foi uma sensação de poder. Eu me senti poderosa. E talvez possa sentir isso de novo. É claro que não sei o que estou fazendo. Mas talvez possa aprender. É como na escola. Posso aprender tudo o que for necessário, desde que me comprometa, não perca o foco, tenha os materiais certos e alguma orientação. A orientação… isso é algo para pensar. Talvez eu precise de ajuda.

Enquanto estou dobrada ao meio na calçada, olhando para o meu jantar, ouço passos fortes atrás de mim. Levanto a cabeça e, horrorizada, vejo Ollie com um short *extremamente* curto. Ele acena para mim de

um jeito brincalhão quando passa, antes de olhar para trás e voltar. Merda!

– Hã… – ele diz, olhando para mim com ar intrigado. – Você está bem?

Por um momento, penso em fingir que não fui eu que vomitei, mas outra pessoa qualquer, e só parei para, bem, inspecionar a área.

– Estou bem – respondo, tentando parecer relaxada. – E você?

– Bom, não fui eu que acabei de… – Ele aponta vagamente para o chão.

– Ah, isso! Não, nada com que você tenha que se preocupar! Está tudo bem!

– Tem certeza?

Ele levanta as sobrancelhas grossas. É evidente que não me reconhece, o que é perfeitamente compreensível, já que eu também não o teria reconhecido sem ajuda. Devo dizer alguma coisa? Mas, antes que eu possa comentar nosso passado em comum ou mesmo repetir que estou bem, sinto aquele movimento familiar, aquela queimação no peito, e, um segundo depois, vomito de novo. Por pouco não acerto os tênis dele, que, mesmo de onde estou, quase de cabeça para baixo, parecem muito profissionais, comparados aos meus velhos tênis de lona "branca" e sola reta. Ele dá um pulo para trás. Compreensível.

– Ai… meu Deus! – sussurro, incrédula, e me levanto de novo. Olho para ele, chocada. – Desculpa!

– Não precisa se desculpar! Vem, vou te levar pra casa.

Começamos a percorrer o caminho de volta. Não sei o que esperava dele, com base naqueles poucos minutos de observação, mas ele é… mais legal do que eu pensava. Como se as pessoas bonitas não pudessem ser legais também! Isso faz sentido? De qualquer maneira, fico contente por ele ser legal, mas, e agora, que chance eu tenho de superar essa paixonite?

– Não precisa ir comigo. Não vou desmaiar no caminho. Olha ali. – Aponto. – Consigo ver minha casa daqui.

– Eu sei onde você mora. Vi você no jardim ontem, quando nos mudamos. Acha que teria me oferecido pra te levar para casa se morasse mais longe? – Ele sorri com simpatia.

Aproveito a oportunidade.

– Ah, então, não sei se você, hum, se lembra de mim… tipo, de algum jeito. Faz muito tempo, é claro, então é bem provável que não se lembre, mas… acho que estivemos na mesma escolinha no maternal – revelo, com um constrangimento incomum.

Ele vira a cabeça e olha para mim enquanto andamos.

– É mesmo?

– É… Ruby?

Um sorriso ilumina seu rosto.

– Ruby! Meu Deus, eu tinha me esquecido completamente de você! Sem ofensa, é claro.

– Não, é claro, eu também não me lembrava de você.

– Que coisa estranha… – Ele sorri. – É, agora me lembro de você. Usava sempre as roupas mais coloridas.

– Ah! Rainha da moda na categoria fraldinha. Era mais ou menos isso. – Que bom que não foi só um produto da minha imaginação… – Lamento ter interrompido sua corrida. – Faço uma careta de desgosto.

Ele dá de ombros.

– Tudo bem. Eu começo de novo. Você também corre?

Sinto que estamos andando muito devagar. Embora a distância seja pequena entre a cena do meu crime e a entrada de casa, parece que está demorando muito, como se um de nós estivesse andando deliberadamente devagar. Ou nós dois.

– Não, essa é minha primeira tentativa. Mas já entendi que cometi alguns erros de planejamento…

– O corpo humano é uma maquininha esquisita, não é?

– Nem me fala!

Quando chegamos às casas vizinhas, ele me diz:

– Se quiser ajuda, é só falar. Você sabe onde me encontrar. – E acena com a cabeça para a casa vizinha.

– Obrigada – respondo, sem saber se a oferta é séria, se ele só está tentando ser simpático ou se está fazendo o papel do machão. – Espero que sua corrida seja boa.

Ele balança a cabeça e se afasta em velocidade moderada, como se o trote não fosse importante. E talvez não seja, para ele! Mas eu estou acostumada a ser… boa em tudo. Portanto, ser ruim em alguma coisa me deixa muito abalada!

– Aonde você foi? – minha mãe pergunta da sala de estar.
– Nem queira saber – respondo, e subo a escada para trocar de roupa.

*April, eu vomitei.*

*Grito! Isso é complicado! Então, o sonho morreu? Ou a história da PRESTAÇÃO DE CONTAS significa que quer que eu diga que NÃO IMPORTA SE VOMITOU – VOLTA LÁ, MINHA FILHA.*

*É isso aí. A segunda opção.*

*Acredito em você, vomitando ou não.*



# Capítulo 7

Quando desci de pijama, depois de guardar o kit de Educação Física na bolsa de náilon azul e enfiá-la no fundo do guarda-roupa, encontrei minha mãe sentada no sofá assistindo a *Firt Dates* com uma pequena linha de produção de caixas desmontadas e cookies embrulhados com papel elegante e fitas, além de vários post-it com endereços anotados.

– Quer ajuda? – pergunto.

– Se não estiver muito ocupada com esse seu esqueminha misterioso… – ela responde, tirando as caixas do sofá para eu poder me sentar.

– Nunca estou ocupada demais para ajudar minha mãezinha – digo.

– Ah, entendi. Isso tem a ver com o quarto de Jake. – Ela sorri.

– De jeito nenhum! Para começar, como se atreve? E depois… também, como se atreve?

– Conheço você desde antes do parto – ela diz, balançando a cabeça. – Não acontece nada com você que eu não perceba.

– Sei. E como posso ajudar?

– Você pode… – ela olha em volta, procurando o equipamento necessário – escrever *direitinho* o endereço das pessoas nas caixas antes de montá-las, depois monta, me entrega e eu ponho as encomendas nelas. Entendeu?

Ela vira a tela do laptop para mim, para que eu veja todas as encomendas.

– Entendi – respondo.

Ficamos sentadas em silêncio por um momento, enquanto copio determinada o primeiro endereço da tela para a caixa, que depois monto e entrego a ela.

– É isso? – pergunto.

– Perfeito – ela aprova. – Que caligrafia bonita… Você herdou isso do seu pai.

Sorrio.

– Melhor a letra que as orelhas.

– Ah! – ela ri, mas é um som vazio.

– Então… – Quero mudar de assunto, parar de falar do meu pai. – Levou os brownies à casa dos vizinhos?

– Levei – ela confirma, e fica um pouco tensa. – É engraçado, eu não o teria reconhecido se você não tivesse falado nada antes, mas Ollie abriu a porta, e praticamente o vi pequeno. Ele chupava o dedo o tempo todo, eu me lembro.

Sorrio.

– É mesmo, eu tinha me esquecido disso. Deve ter usado aparelho, ou não teria aquele sorriso.

– Não vi a mãe dele. Eu me lembro dela… Italiana, não? Mas não gostei muito do pai.

– Ah, é?

Ela balança a cabeça.

– Não, espera, isso não é justo. Tenho certeza de que ele é um bom homem. Só me causou uma sensação estranha.

– Como assim?

Ela suspira.

– Tive a impressão de que ele fez muita questão de deixar claro que morar aqui não era sua primeira opção. Fez muitas perguntas sobre o imóvel do outro lado da rua, como se ele fosse dominado pelo caos todas as noites assim que o sol se põe.

– Nossa! – reajo.

– E, sabe, tive vontade de dizer a ele que moro aqui há duas décadas, que escolhi trazer minha família para cá, e que não tem nada de errado aqui! Não sei… talvez eu tenha sido sensível demais. Só achei que ele foi um pouco grosseiro, é isso.

– Mas não o suficiente para desistir de deixar seus famosos brownies na casa dele.

– Como se isso fosse possível!

Dou de ombros.

– Seria uma boa maneira de impressionar os novos vizinhos.

– Aparentemente, seu antigo amiguinho vai fazer o último ano e o preparatório na Dawson.

Franzi a testa, mas senti um frio na barriga quando pensei nele frequentando minha escola.

– Ele não estudava na St. Alfred's?

– Então, parece que eles perderam privilégios – ela comenta, levantando as sobrancelhas.

– Ah!

– Ouviu isso? – Minha mãe acena com a cabeça na direção da tevê. – Eles sempre falam a mesma coisa nesse programa. Aquele homem todo tatuado acabou de dizer que é *muito família*, e a mulher respondeu: *Ah, é, eu também sou bem família*. Não acha que seria engraçado se alguém dissesse: *Ah, eu não. Odeio essa coisa de família. Não suporto. Não salvaria a minha de um prédio em chamas*?

Dou risada.

– Você diria isso sobre nós?

– Não, salsichinha boba. Eu faria qualquer coisa por vocês.

– Até pelo Jake?

– Até por ele.

– Hum. – Faço uma pausa para me lembrar de onde fica o Z em Katarzyna. – Você tem uma encomenda da mãe da April!

– Sempre digo que ela não precisa pagar o preço cheio, mas ela insiste.

– Amigos são assim! Se eles não te apoiarem, quem vai te apoiar?

– Você é muito sensata. – Minha mãe afaga meu cabelo.

Depois de duas horas que passam muito depressa, terminamos de preparar as encomendas para a entrega no dia seguinte.

Ela me abraça forte antes de eu ir dormir.

– Você é muito útil e prestativa, e eu amo você. – Quando me solta, pega a bolsa, tira a carteira de dentro dela e me dá uma nota de trinta libras.

– Não sou do tipo que recusa dinheiro, mas sabe que não precisa me

pagar por esse tipo de coisa.

– Pega logo! – Ela empurra a nota na minha direção.

– Bom… já que insiste… Mas quero que saiba que vou te ajudar sempre que precisar. Sei que tem muito trabalho.

– E odeio pedir ajuda a vocês. Eu deveria conseguir fazer tudo sozinha, afinal o negócio é meu! É Bobbie's Bakery, não… Sasha, Jake, Ruby e Bobbie's Bakery!

– Sim, mas você acabou de perder seu entregador… – comento em voz baixa, ainda sem conseguir me conformar com a ausência de James na lista de membros da família Morgan. – Vai precisar de ajuda com alguma coisa, em algum momento.

– Ah, nem me lembre! – ela responde com uma careta. – Você ou Jake aprenderam a dirigir em segredo?

– Não, mas pode tentar falar com a Sasha.

– Posso mandar Sasha fazer as entregas com a bicicletinha cor-de-rosa. Eu prendo um carrinho atrás dela. Ou isso seria trabalho infantil?

– Ah, sim… Acho que uma criança de dez anos não pode trabalhar como entregador, e eu sentiria muita saudade se você fosse para a cadeia.

– Você é muito atenciosa. – Minha mãe me abraça de novo. – Não sei o que eu faria sem você.



# Capítulo 8

No dia seguinte, decido testar a oferta de ajuda feita por Ollie. Meu coração está batendo forte no peito quando toco a campainha. É como esperar do lado de fora da minha casa, exceto pelo revestimento de madeira no andar de cima. O deles é pintado de verde, o nosso é azul. Espero alguns segundos, depois decido que a ideia foi idiota e me viro para ir embora, mas percebo que o jardim da frente não me oferece uma via de fuga. Estou examinando o terreno, procurando uma planta maior atrás da qual possa me esconder, lamentando não ser uma coisinha miúda que consegue se encolher atrás de uma roseira, quando alguém abre a porta. Giro e me deparo com o pai de Ollie. Ele sorri, curioso, e vejo olhos castanhos e mansos como os de Ollie. Atrás dele, caixas de mudança empilhadas aleatoriamente no hall esperam que alguém as desmonte e as mande para a reciclagem.

– Oi?

– Ah, oi… – respondo, torcendo para não estar muito suada e com cara de doida. – O… Ollie está, por favor?

– Acho que está no quarto dele. Vou chamá-lo. Como é seu nome?

– Ah, é Ruby. De ontem à noite – acrescento, antes de pensar que isso pode parecer insinuante demais e distorcido. – Quero dizer, ontem à noite, quando ele saiu para correr. E eu estava correndo. E aí eu passei mal. Ele vai saber quem eu sou.

O pai de Ollie olha para mim como se me achasse engraçada.

– Tenho certeza que sim…

Ele deixa a porta encostada, e me sento na mureta baixa que separa o jardim deles do meu, já profundamente arrependida. Essa ideia é idiota. Por que ele haveria de querer me ajudar? Por que ia querer passar algum tempo comigo? Ele nem me conhece! Provavelmente, só achei que essa ideia seria boa porque fiquei a fim dele, o que é muito constrangedor.

Quando Ollie aparece, descubro que ele é ainda mais fofo do que me lembrava. Meu arrependimento cresce. Ele parece surpreso com minha presença. Ah, isso tudo é muito vergonhoso! Eu devia ter abandonado o plano quando tive chance, e agora estou metida até o pescoço nele, e ainda envolvi meu crush na história. Credo!

– Oi – ele fala, hesitante, curioso.

– Oi – respondo, parecendo confiante, tentando disfarçar o constrangimento. Preciso de ajuda e estou aqui para pedir ajuda. É isso! – Então, sobre aquela coisa de correr… Você sabe que a Dawson usava os campos de atletismo da sua escola… quero dizer, da sua *antiga* escola, antes do começo do ano letivo? Era para uma corrida chamada Dawson Dash.

– Sim, eu sei. Eles até me disseram que eu poderia me inscrever, quando me matriculei. Parece que dão muito valor a esse evento. Talvez eu participe. Por quê?

– Então, decidi que vou participar este ano, o que deve parecer bem idiota, porque, vamos ser realistas, não sou nenhuma atleta, mas quero competir mesmo assim. Preciso de ajuda para isso, e estava pensando se você não poderia me ajudar.

– Tipo… ser seu técnico de corrida? – ele diz em tom divertido, mas com um entusiasmo que me surpreende.

Ah, esse sorrisinho fofo! Caramba!

– Acho que sim – confirmo, dando de ombros e tentando não sorrir.

– Você sabe que não sou especialista em corrida, não é? Sou só um cara comum. Só pra gerenciar suas expectativas…

Estamos ali parados há tempo suficiente para eu sentir seu cheiro no ar. A nostalgia que o aroma provoca em mim é intensa. Roupas limpas. Lavadas recentemente. Macias. Puro conforto.

– Sim, não estou esperando treinamento para maratona. Não vou me

classificar para a Olimpíada. Só preciso de alguém pra me dar um pouco de estrutura, entende? E foco… Eu vomitei na primeira vez que saí pra correr, então…

Ele faz uma careta.

– Eu me lembro bem.

– Prefiro que não lembre. – Ficamos em silêncio por um momento. – E aí, você topa?

– É claro. – Ele dá de ombros. – Por que não? Não tenho mais nada pra fazer no verão. Seria uma boa desculpa pra me tirar de casa também. Não suporto ouvir nem mais uma conversa sobre o tom específico de azul que vai ser usado pra pintar o banheiro.

– Honestamente, não consigo nem dizer quanto sou grata por isso… – digo. – Vou ter que pensar em um jeito de te recompensar.

– Tem uma coisa… – ele começa, mas para de falar, hesitando. – Tem uma coisa com a qual esperava que pudesse me ajudar.

– Ah, é?

Isso é surpreendente. O que posso ter para oferecer a ele?

– É, hum… – Ele olha para trás, antes de fechar a porta. Intrigante! – Então, quero começar um negócio próprio no ramo de confeitaria e panificação. E sei que é isso que sua mãe faz. Ela deixou uns brownies aqui outro dia, e tinha o cartão dela na caixa. Então, sei que isso não é um hobby.

– Com certeza não é – confirmo, em um tom mais sério do que pretendia, provavelmente resultado da atitude dele, do seu cuidado para não ser ouvido.

– Estava pensando… que seria muito útil se eu pudesse conversar com ela e fazer umas perguntas sobre como isso funciona, tipo… como calcular os ingredientes das receitas pra vender, a logística, o que você tem de fazer antes de começar a vender, essas coisas, sabe?

– Ah, é claro! Tenho certeza de que ela vai gostar de conversar com você sobre isso. No momento, ela está um pouco ocupada demais, porque meu pai acabou de sair de casa, mas tenho certeza de que vai poder falar com você e explicar o básico pra começar seu negócio.

– Que merda, sinto muito por seu pai… – Ele franze a testa.

Dou de ombros.

– O que você pode fazer?

– Quer começar logo, não é? – Ollie pensa por um momento, fazendo alguns cálculos mentais. – Temos pouco mais de seis semanas até a corrida. Não é impossível.

Não parece muito possível, com base no modo como comecei na noite anterior. Na verdade, parece bem impossível. Mas, se Ollie acredita que posso conseguir, quem sou eu para discutir?

– É, quanto antes, melhor.

– Amanhã?

– Amanhã está bem pra mim. – Estou nervosa com o projeto de corrida e empolgada por poder passar mais tempo com ele. – Provavelmente não… logo depois de uma refeição.

O rosto dele se ilumina.

– Ah! É isso, ninguém vai vomitar na rua no meu treino. O que acha de marcarmos… amanhã às cinco e meia?

– Perfeito – aceito, determinada.

– É estranho! Sinto que isso pode ser muito divertido! – A voz de Ollie tem uma nota de entusiasmo recém-descoberto.

Meu sorriso é pálido.

– É… – Não tenho tanta certeza. – Então, a gente se encontra amanhã às cinco e meia, aqui fora?

– Combinado. E me conta o que sua mãe disse – ele pede, já com a mão na maçaneta para entrar.

– É claro! – respondo, antes de pular a mureta para o meu jardim.

– Mais uma coisa! – A cabeça dele aparece no vão da porta, antes de eu abrir a da minha casa. – Vi os tênis que você estava usando. Se insistir neles, vai acabar com os joelhos e os tornozelos. Sei que não é barato, mas… precisa usar os tênis adequados. Não vai dar certo sem eles, porque você vai arrebentar os tornozelos na primeira semana, e aí não vamos conseguir fazer mais nada. Não pode disputar a Dawson Dash de muletas! – O sorriso dele é largo. – Bem, acho que poderia… ou pelo menos *deveria* poder. De qualquer maneira, é melhor comprar um par de tênis bons.

– Ok, vou tentar resolver isso antes de… – penso. – Antes de amanhã à tarde!

– A gente se vê amanhã.

Então é isso. Vou comprar um par de tênis que não ofereçam riscos e

um top esportivo, e depois vou para minha primeira aula com Ollie. Tudo certo! Meu caminho para o sucesso está garantido! "Ruby Morgan: estrela do atletismo" já brilha no horizonte.



# Capítulo 9

– Acha que estes são muito feios? – pergunto a April.

Ela desvia o olhar da tela do celular.

– Ah, eles… são bem horríveis. Mas todos os tênis de corrida que vejo na minha frente – ela gesticula, mostrando o estoque da loja esportiva de preços com desconto – são horrorosos. E esses aí não são *literalmente* os mais feios.

Suspiro. Ando um pouco pela loja com os tênis nos pés, antes de pegar a caixa para verificar o preço novamente. Com base apenas nisso, e no fato de serem do meu número, não serem os tênis mais feios que existem e não terem sola reta, decido que essa é a minha melhor opção.

– Ei – digo –, talvez o fato de serem tênis feios me favoreça. Se Ollie me disse que eu precisava comprar tênis novos porque os meus ofereciam risco de morte, talvez ele me leve mais a sério se eu usar esse monstro exagerado.

– Olha pra isto – April me diz, mostrando a tela do telefone. – Como ela pode ser tão talentosa?

Eu me sento ao lado dela no banco da seção de tênis de corrida e olho para a tela, para o vídeo de Salma criando a mais perfeita maquiagem esfumada que reproduz um pôr do sol. É incrível.

– Ai, a Salma! Consegue imaginar alguém que é capaz de fazer isso com sombra para os olhos? Que cabeça a dela!

– Não é nem a cabeça! São as mãos firmes! Ela é tão talentosa que

sinto vontade de gritar!

– Eu também – concordo, enquanto tento decidir se tenho a força mental para procurar um top esportivo ali. Infelizmente, preciso de um, como descobri ontem à noite, depois de uns segundos de sacolejo. No resumo geral das coisas, quebrar o queixo com os seios representa um risco maior do que tentar comprar alguma coisa em uma loja e descobrir que não tem o meu número, o que, como uma garota gorda há muito tempo, é algo com que estou *muito* acostumada.

Começo a procurar em uma arara de tops, mas não encontro nada que me sirva. Jesus, parece que não querem que garotas gordas como eu se exercitem. O que é isso? Não tem nada nem próximo do meu tamanho! Eu até me ajoelho no chão para ter certeza de que não tem nada esquecido no fundo da arara. Nada.

– Isso é de enlouquecer! – comento com April. – Eu sabia que alguma coisa assim ia acontecer antes mesmo de começar a procurar de verdade!

– É muito revoltante! – ela concorda. – Mas não vou deixar você desistir por causa disso! Vamos olhar na arara do saldão. – Ela me leva na direção da área dos produtos com etiqueta vermelha e olhamos top por top metodicamente, verificando as etiquetas, só por precaução.

– Aha! – grita April, exibindo diante do meu rosto uma monstruosidade de Lycra pink neon e prata.

– Obrigada, odiei – respondo. – Mas entendo, e reconheço que não tenho escolha. – Fecho os olhos e me benzo como se entrasse em uma igreja. Olho a etiqueta duas vezes para ter certeza. Sim, é isso mesmo. Com o top e os tênis, agora me considero inteiramente equipada para o desafio.

Talvez seja a impossibilidade de achar mais que uma peça solitária do meu tamanho, mas, quando atravesso a loja de material esportivo a caminho do caixa, sinto um arrepio de constrangimento. Como se esse não fosse meu lugar, como se eu estivesse deslocada ali. Talvez as pessoas estejam olhando para mim e pensando a mesma coisa, especulando o que estou fazendo ali, ou, pior ainda, pensando: "Ah, que bom pra ela…". Mas o mais provável é que ninguém esteja pensando em mim. As pessoas estão apenas fazendo o que vieram fazer aqui.

– Vou pagar pela compra e podemos ir pra casa. Obrigada por ter me

acompanhado nessa missão épica.

– Não tem ninguém com quem eu gostaria mais de estar – ela responde.

O rapaz atrás do balcão não me interroga em relação à compra, nem tenta verificar se tenho as qualificações para usar aqueles tênis. Só conclui a operação de pagamento e chama o próximo cliente.

– Queria que Lower Sydenham e Sydenham não fossem separadas por uma grande colina – digo, subindo a Perry Rise com meus passos mais determinados.

– Considere isso como um treinamento para a corrida – April sugere, e bate com o quadril no meu.

– Não quer se inscrever? – pergunto. – Fazer companhia à sua velha companheira Ruby?

– Ah! ah! – ela gargalha alto. – Espera, está falando a sério?

Dou de ombros.

– Se eu consigo… – respondo, animada, antes de acrescentar: – Pensando bem, vamos encarar os fatos, nem sei se consigo!

– Desde quando me interessei por esportes organizados de qualquer tipo?

– Nunca – admito. É evidente que não vou conseguir arrastar April comigo desta vez.

– De qualquer maneira, você não precisa de companhia! Agora tem Ollie Cowan!

Sinto um leve enjoo ao ouvir o nome dele.

– Acho que… – Penso um pouco. – Você não se lembra de nada interessante sobre ele nos Escoteiros? Estou tentando reunir todas as informações possíveis para decidir se é um crush apropriado ou não.

– Ele era bem quieto, mas… legal, sabe? Não era o tipo de garoto que a gente acha horroroso, entende?

Não há muito o que fazer com isso. Acho que vou ter que descobrir sozinha. Mas, cada vez que penso em conhecer Ollie, me sinto imediatamente desestimulada, constrangida, envergonhada, como se, caso soubesse que eu o acho fofo, ele pudesse desistir de me ajudar.

– Quantas vezes vai sair pra correr com ele? – April pergunta quando

chegamos ao topo da Perry Rise. Conversas e o tilintar de copos transbordam da cervejaria na esquina da ruazinha onde ela mora. Tem uma grande bota de caubói no telhado do bar, e ninguém entende por quê. Estamos em South East London, e não no Velho Oeste.

– Não sei. Ainda não pensei sobre isso.

– É um tremendo compromisso começar assim, bem, não se sinta ofendida, mas do nada.

– Como se atreve? Eu sou uma atleta! – respondo, e bato no braço dela. – Mas, de verdade, não sei. Só tenho seis semanas, então vou precisar me esforçar, o que vai ser o horror dos horrores.

– Eu acredito em você! – April anuncia, e me abraça com um entusiasmo incomum quando nos despedimos na frente da casa dela. – Vou querer saber do seu progresso! Mas, hum, não exagera! Se eu receber outra mensagem sua vomitando, vou ter que impedir esse seu projeto de risco.

– Acha mesmo que tenho alguma chance? – pergunto. Certamente, não posso vomitar de novo.

– Acho que você é uma criatura linda e poderosa, que pode fazer tudo o que decidir fazer.

– Agradeço pelo otimismo.

Percorro o restante do caminho até em casa sozinha. Agora estou equipada, mas será que estou mentalmente preparada para isso?



# Capítulo 10

Quando chego em casa, minha mãe está sentada no chão da sala de estar com fotos espalhadas no tapete em volta dela. Ah, não, isso não é nada bom…

– O que está fazendo? – pergunto enquanto vou deixar a sacola de compras na escada.

– Estava procurando aquele rolo de fita cor-de-rosa para embrulhar as encomendas. Tinha certeza de que estava em uma das caixas na sala, mas, em vez da fita, encontrei essas fotos fofas de quando fomos à Disney… Pensei em mandar uma para o seu pai. Aposto que ele não tem fotos de vocês, a não ser no computador.

Peguei uma fotografia da pilha perto dela – eu, Jake e Sasha na Disney de Paris, uma viagem feita pela família principalmente por causa da Sasha, já que Jake e eu éramos velhos demais para isso. Mesmo assim, nos divertimos muito.

– Nossa! Eu era horrível aos doze anos – comento, impressionada com as sobrancelhas finas demais. Por que tinha mexido nas sobrancelhas? Ainda bem que cresceram de novo!

– Não! Você sempre foi fofa. – Ela me entrega uma foto minha com Jake em uma praia britânica de aparência cinzenta. Tínhamos quatro e seis anos, e Sasha ainda nem existia. Para ser justa, eu era muito bonitinha nessa idade.

*Tum*, *tum*, *tum*, ouvimos lá em cima. Jake e seus passos pesados.

– Jesus! – Jake grita da escada. – Estão tentando me matar, por isso deixaram isso na escada pra me fazer tropeçar? – Escuto o barulho quando ele chuta a sacola com meus tênis novos e o top esportivo garimpado com tanto esforço.

– Você não tem olhos? – pergunto com impaciência quando ele aparece na sala, igualmente impaciente.

– A questão não é essa. O que estão fazendo? – Ele se senta no braço do sofá, ao meu lado. Não pode se sentar *no* sofá! – Ele precisa sinalizar quanto é ocupado e importante sentando-se *no braço* do sofá.

– Olhando fotos – respondo, entregando a ele as duas que minha mãe tinha me dado. – Escolhendo algumas pro papai. – Pensar que meu pai precisa de fotos nossas porque não nos vê todos os dias é bem estranho e horrível, uma coisa com a qual não sei se algum dia vou me acostumar.

– Meu Deus! – ele diz, e joga a foto da Disney de volta para minha mãe. – Não manda essa para ele… Olha como eu estava gordo! Nojento!

Ah, sim, eu já contei? O motivo para Jake pensar que pode ser tão escroto comigo por causa do meu corpo é que ele é um Ex-Gordo. Em muitos casos, um Ex-Gordo é uma entidade mais perigosa que alguém que sempre foi magro, o que é verdade, com toda a certeza, em se tratando do caso do Jake. Se ele emagreceu, por que não posso emagrecer? Talvez porque não quero, seu cabeça de merda… Por não acreditar que isso é mais importante que tudo? Você já pensou nisso? Não, é claro que não pensou…

Suspiro.

– Você está ótimo.

– É a sua cara fazer esse tipo de comentário – ele responde, desdenhoso, e se levanta.

– Eu falo porque é verdade. Tem ideia de quanto é doloroso para mim não dizer que você parece lixo derretido? – disparo, antes de ele sair da sala.

– Parem com isso, vocês dois – minha mãe ordena, e seu tom é tão irritado que paramos.

É o seguinte: Jake e eu temos sentimentos muito diferentes em relação a nosso corpo. Tudo bem. Mas não entendo por que ele decidiu que a opinião dele é o único Caminho Verdadeiro! É só me deixar viver em

paz, sabe?

Deixo minha mãe na sala, selecionando fotos, e subo com a sacola de compras. Caio na cama e releio metade de *Fun Home*, de Alison Bechdel, porque minha cabeça está cheia, barulhenta e irritante, e preciso de alguma coisa conhecida e confortante em que não tenha de me concentrar muito. Honestamente, Jake só precisa me deixar em paz. Me deixar ser gordinha em paz. Não preciso ouvir todos os dias alguma bobagem sobre como meu corpo é inadequado e quanto ele agora é superior a mim. Como alguém pode ser superior se anda por aí tentando estressar as pessoas por causa da aparência delas? Me explica! Que bom que tenho a força mental de um touro (*e o corpo de um, he, he,* diz Jake dentro da minha cabeça) e consigo só seguir em frente, apesar de todo esse absurdo.

Às cinco e vinte e cinco, visto meu top esportivo novo, a camiseta e a legging, e calço meias e os tênis novos. Paro na frente do espelho. Estou nervosa e muito consciente de quanto vou sair da minha zona de conforto. Mas isso não é motivo para perder a coragem agora.

Essa é a aparência de alguém que corre? Ah, é! Sim, é isso aí!



# Capítulo 11

– Chegou bem na hora! – Ollie diz, sorrindo, quando saio de casa. Ele está com aquele short curto de novo.

– É claro! Isso é importante! – "Não olha pras coxas dele! Não olha pras coxas dele! Não olha pras coxas dele!"

Ele olha para meus pés.

– Ah, bem melhor!

– Que bom… Eu não sabia o que comprar, mas… hum, esses eram baratos, então…

– Não são ruins pra começar, e, se descobrir que gosta de correr, pode comprar outros melhores mais tarde.

– Esse é um cenário de meta estabelecida. Eu quero o prêmio – confesso enquanto andamos até o fim da rua, onde tem a ponte para pedestres sobre a ferrovia. – É para a Dawson Dash. Só por rancor, mesmo. Fim da história.

Ele olha para mim com cara de curiosidade, mas balança a cabeça, sinalizando que compreende.

– Ok, entendi. O que importa é o prêmio.

– Então… para onde vamos? – pergunto. – E por que estamos andando?

– Vamos ao parque. E estamos andando porque… bem, porque é um aquecimento…

– Ah, sim, é claro! Não dá pra correr pra todos os lugares o tempo

todo.

– Não exatamente – ele responde sorrindo. – Você não precisa sair correndo assim que passa pela porta, antes mesmo de suas pernas entenderem o que está acontecendo. – Subimos os degraus da ponte.

Ah, já estou um pouco ofegante! Que bom começo!

– Entendi. – Talvez esse tenha sido meu primeiro erro na Noite do Vômito.

– Bem, a Dawson Dash… – ele diz.

Estou descendo a escada do outro lado da ponte com passos lentos, porque os degraus são estreitos e sempre tive a impressão de que esse é um lugar onde vou acabar dando de cara com o perigo.

– Isso. Preciso ganhar a corrida.

Ele para na minha frente e olha para mim por cima do ombro.

– Ganhar?

– Sim – confirmo em um tom indiferente.

– Sei – ele diz. – É um desafio maior do que eu esperava, mas vamos em frente.

Pulo do último degrau.

– Estou sonhando grande!

– Você *tem* que sonhar grande – ele concorda, e quando sorri uma covinha aparece em cada bochecha, e sinto vontade de gritar.

Quando chegamos ao Mayow Park, o lugar ainda está cheio de famílias e pequenas esquipes esportivas e corredores. Acho que agora nos enquadramos nessa categoria também! Nunca pensei que viveria esse momento.

– Ok – diz Ollie, levantando o olhar do celular. – Pronta?

Engulo o nervosismo. É isso!

– Sim… estou.

– Vamos!

Ah! Ele está realmente correndo na minha frente! Quando disse "vamos", era isso mesmo que queria dizer! Melhor começar, então… Começo a correr atrás dele, e descubro que Ollie não está avançando tão depressa. Isso é viável! É até, me atrevo a dizer… um pouco lento?

– Para! – ele diz quando um alarme dispara em seu celular, e começa a

andar.

– Agora? – pergunto, quase indignada. – Estava começando a me animar!

– Sim, agora!

Reduzo a velocidade para acompanhar o ritmo dele. Um cachorro enorme passa por nós.

– Agora vamos andar um pouco – ele diz, e programa outro alarme.

– Ok… – respondo.

– E vamos repetir esse ciclo mais seis vezes.

– Ai! – reclamo, mas estou feliz por ele ter um plano.

Enquanto caminhamos, penso se posso conversar com ele, ou se essa é uma situação estritamente profissional.

– Então… – me arrisco finalmente –, que matérias vai fazer na Dawson?

– Hum, matemática… – O alarme dispara de novo. – Hora de correr!

E ele acelera. Se tenho que fazer só o que fiz antes, tudo bem. Corro atrás dele até o alarme avisar que é hora de voltar a andar.

– Onde a gente estava? – ele pergunta. – Ah, sim. Vou fazer matemática, química, geografia e arte, só pra dar uma apimentada.

– April, minha melhor amiga, é completamente maluca por matemática. É fácil de reconhecer, ela é a gótica magricela.

– Bom saber. Mas você faz matemática, não faz?

– De jeito nenhum! Não é a minha praia, longe disso.

– E qual é a sua praia?

– Minha futura praia é história, política, espanhol e inglês.

– Legal – ele balança a cabeça com ar de aprovação. Talvez isso seja a base de uma amizade antiga, mas ele parece muito à vontade. Não sei o que esperava. Mais… frieza? Maldade? Não sei. Meu cérebro deve ter sido arruinado por todos os outros garotos horríveis da escola. Não tenho expectativas muito elevadas em relação aos bonitinhos!

Somos interrompidos pelo alarme do celular.

– Vamos!

Dessa vez é um pouco mais difícil. Meu triunfo anterior, pensar que eu poderia ter continuado além do alerta do timer, começa a parecer uma memória distante no fim dessa corrida. Meus pulmões estão comprimidos, e, quando Ollie anuncia que é hora de ir mais devagar,

minha respiração acelerada não volta ao normal imediatamente.

– Está ficando mais difícil, não é? – ele pergunta. – Eu avisei: tenho um plano!

– Estou vendo… – respondo, me sentindo constrangida com o fato de ser tão fácil me deixar ofegante.

Ele entende o sinal e não insiste em conversar, dessa vez. Só me deixa recuperar o fôlego. O que é muito legal da parte dele. Mas, quando chega a hora da próxima corrida, eu ainda nem voltei a respirar normalmente. Isso está ficando cada vez mais difícil! Pensei que estava indo bem na primeira série!

Quando chegamos à última série, estou completamente acabada. Minhas panturrilhas queimam, e mal consigo respirar. Mas acabou.

Ollie bate de leve no meu ombro.

– Você conseguiu! Terminou sua primeira corrida!

– Mas isso não conta muito, não é?

– Por que não?

– Eu mais andei do que corri… – explico, ofegante.

– É claro que conta!

– Se você diz…

Olho o celular quando estamos saindo do parque e voltando para casa. Pouco mais de seis horas, ainda! Não foram mais de vinte minutos de esforço, incluindo o trecho de caminhada! Pensei que ele tivesse entendido que tempo era a essência da Operação Estrela do Atletismo! Quero dizer, não que eu fosse capaz de fazer muito mais do que fiz hoje. Mas isso não é muito animador, tendo em vista a já citada Operação Estrela do Atletismo, é?

Estou me preparando para tocar nesse assunto quando Ollie diz:

– Gosto do Mayow Park, mas vamos fazer um circuito misto. Não é bom seguir sempre a mesma rota.

– Variedade é o tempero da vida – concordo, e olho para ele com as sobrancelhas erguidas de maneira sugestiva, mesmo sem saber o que estou sugerindo. E nesse momento devo parecer um tomate com sobrancelhas.

– Tem toda a razão. Hum, esses degraus são de matar – ele comenta

quando voltamos pela ponte sobre a ferrovia.

– Nunca pensei que pessoas em boa forma notassem esse tipo de coisa – respondo, absolutamente certa de que serei para sempre uma Pessoa Fora de Forma.

– Ah! você é engraçada – ele diz.

Eu não estava nem tentando fazer graça.

– E você… é, tipo – desenho aspas no ar –, *"esportista"*?

Ele sorri de novo.

– Acho que sim. Era do time de rúgbi na minha antiga escola e também jogava hóquei. E gosto de correr.

– Ainda bem que gosta, porque eu me sentiria mal por tirar você de casa só pra me ajudar.

– Eu estaria correndo, de qualquer maneira. Só estou fazendo tudo de um jeito um pouco diferente do normal. – Ele dá de ombros como se isso não fosse grande coisa, mas é evidente que o estou impedindo de seguir sua agenda.

– Muito obrigada, de verdade.

– Não me agradeça ainda! Isso está só começando!

Vejo a tela do meu celular acender. É uma ligação do meu pai. Fico olhando para a tela por alguns segundos, mas não atendo. Mais tarde eu ligo de volta. Ou devo atender agora e dizer que ligo depois? Vou só ligar mais tarde. Mas conversar com ele ainda é tão estranho que não sei se realmente *quero* ligar mais tarde. Percebo que estou em silêncio há muito tempo, e Ollie está esperando uma resposta.

– Não, não! – falo depressa. – Estou animada. Tenho que ir até o fim. É uma questão de princípios.

– *Princípios*, é?

– Sim! O que posso dizer? Sou uma garota com princípios! – De onde saiu isso?

– Bem… – Paramos na frente da minha casa. – Não é bom exagerar, então amanhã não vamos sair. Mas depois de amanhã corremos de novo, está bem?

Penso nisso por um segundo.

– Sim, combinado – concordo.

– A gente se vê, então. Mesma hora, mesmo lugar.

– Até lá – respondo, e coloco a chave na fechadura. – E obrigada!

Para minha infelicidade, Jake está do outro lado da porta, descendo a escada. Ele olha para o meu rosto corado, para o cabelo suado e para a legging.

– Ai, meu Deus! – E começa a gargalhar. – É sério? Isso é de verdade? – É como se ele não conseguisse compreender, literalmente.

– Hum, sim – respondo. – Pode acreditar.

– No quê? – Minha mãe grita da cozinha.

– Nada! – grito de volta.

– Ruby saiu pra correr! – Jake grita para ela.

– Ah! – A surpresa dela é evidente.

Vou até a cozinha.

– Jake estava se comportando como um cretino de novo, e eu, mais uma vez, levei as coisas longe demais e disse que era capaz de vencer a Dawson Dash, se quisesse, e agora estou treinando pra isso.

– Que bom para você! – minha mãe responde.

Jake se junta a nós.

– Acabei de pensar em uma coisa – digo. – Se eu ganhar, posso ficar com seu quarto?

Jake dá risada.

– Sim, pode ficar com meu quarto e pode ficar com o valor da primeira parcela do meu empréstimo estudantil no próximo período letivo.

Estendo a mão.

– É sério? – ele pergunta.

– Eu estou falando a sério. A questão é se você está.

Ele franze a testa.

– Tudo bem, então. – Jake aperta minha mão como se eu fosse uma noz, e ele, um quebra-nozes, e depois segue para o outro lado da cozinha.

Eles ensinam aperto de mão brutal em Oxford?

Minha mãe suspira, acostumada a agir como árbitro nessas questões entre mim e Jake.

– Desde que resolvam essa história entre vocês, não me interessa como vão fazer isso.

Estou sentada na minha cama depois do banho, segurando o secador apontado diretamente para o meu cabelo grosso, e só consigo pensar que *preciso ligar para o meu pai*. Mas não ligo. E não ligo antes do jantar. Ou depois. Ou antes de ir me deitar. Vou ligar de manhã. Vou mesmo?



# Capítulo 12

No fim, não ligo de volta, mas mando uma mensagem. Telefonar para ele é estranho. Ter que contar sobre o meu dia porque ele não está aqui para conversar pessoalmente? Esquisito. Decididamente esquisito. Mensagens de texto parecem um pouco mais normais, mas sei que não vou conseguir evitar essa conversa com ele em algum momento, em breve. As mensagens do meu pai são animadas, e as minhas também, acho. Não conto nada sobre a corrida. Só saí uma vez, nem tenho muito o que contar. Na verdade, o que quero dizer é que não falo pra ele que vou me inscrever na Dawson Dash. Seria muito constrangedor – talvez porque não quero falar sobre o *motivo* para ter tomado essa decisão (porque Jake é um escroto, porque Jake acha que não sou capaz e porque quero provar para Sasha que ela não tem de deixar outras pessoas limitarem suas crenças). Todas essas razões são particulares.

Dois dias depois da primeira sessão de treinamento com Ollie, estou lá de novo. Quando saio de casa naquele fim de tarde, meio que espero que ele não esteja lá. Mas lá está ele naquele minúsculo short azul e com uma camiseta com um furo na bainha.

– Você voltou! – diz Ollie.

– Estava pensando a mesma coisa sobre você – respondo, sorrindo.

– Por que eu não voltaria?

– Porque isso deve ser tedioso – suspiro.

– De jeito nenhum. É um desafio divertido pra mim. Nunca fiz nada

parecido antes!

– Por que teria feito? A maioria das pessoas pode simplesmente… correr. Sem precisar de ajuda.

Ele balança a cabeça.

– Não, todo mundo é diferente, cada um do seu jeito. E é bom pedir ajuda de vez em quando.

Pessoalmente, não gosto muito disso, mas não digo isso a ele.

Começamos a andar no sentido oposto ao da primeira vez, e Ollie tem um destino em mente, é evidente.

– E hoje, pra onde? – pergunto.

– Wells Park – ele responde, e o medo invade meu coração imediatamente.

– Odeio ter que te dar essa notícia, mas o Wells Park fica em uma colina.

– Sim, eu sei – ele diz, e olha para mim de lado.

– Pareço alguém que consegue subir uma colina correndo?

– Parece alguém que consegue fazer o que quiser, mas, como estamos treinando só tiros curtos, podemos descer correndo e subir no período de descanso – ele sugere, dando de ombros.

– Ah, bom, gostei da proposta. Ou melhor, não odiei a proposta…

– Ótimo! Porque não é pra odiar, sabe?

– Como assim?

– Bom… isso é opcional… então, se odiar de verdade sair pra correr, não precisa insistir em fazer isso, certo?

Fico vermelha, me sentindo um pouco idiota.

– Não, eu sei disso. Mas isso vale pra você também.

Ele levanta as mãos na defensiva.

– Pra mim isso é divertido! Mas, se vai ficar apavorada cada vez que sairmos, então…

Pigarreio, decidida.

– Não, tudo bem. Não estou apavorada. Estou animada pra tentar de novo. – É mentira, mas ele parece não se importar.

Quando chegamos ao Wells Park, dois rapazes estão jogando pingue-pongue na mesa pública. Por que Dawson Dash não pode ser um torneio de pingue-pongue em vez de uma corrida de cinco quilômetros? Esse é um esporte que posso praticar. Andamos até o topo da colina, e

então começamos o treino.

– Vamos! – ele diz, e eu o sigo naquele trote acelerado. Estamos realmente descendo a colina, como ele sugeriu. – Pare!

Reduzo a velocidade e continuo andando.

– Não foi muito tempo – comento, com uma mistura de surpresa e gratidão.

– O mesmo tempo que fizemos no outro dia – Ollie revela, e viramos para subir a encosta.

– Ah… – Acho que esperava fazer algum progresso, em vez de repetir a mesma coisa.

– É assim que isso vai dar resultado! Vamos repetir isso até você se sentir à vontade pra avançar!

– Entendi.

Mal chegamos ao topo da colina, já é hora de correr de novo; e, mais uma vez, sinto que é quase fácil *demais*.

Ollie tem a mesma impressão.

– É isso, chega de correr ladeira abaixo. – Ele aponta para cima. – Tem uma trilha que atravessa o meio do parque. Vamos seguir por ela. É um meio-termo.

Suspiro com ar teatral.

– Imagino que sim.

E, sim, correr em área plana, em vez de descer a encosta, é um pouco mais desafiador, mas, no fim da sessão, me surpreendo por descobrir que não estou tão ofegante quanto no fim do primeiro dia. Puxa! Talvez ele saiba o que está fazendo!

– Está se sentindo bem? – ele pergunta quando reduzimos o ritmo para dar uma caminhada depois da última corrida.

– Super – respondo. Ainda me sinto idiota diante dele por estar tão fora de forma. Ollie nem transpira para fazer o que fazemos! Não consigo nem imaginar que um dia vou conseguir chegar a esse nível, como se correr fosse algo natural, em vez de algo que choca e assusta meu corpo.

– Deveria trazer água – ele diz. – Seu corpo precisa de água. O corpo de todo mundo precisa de água! Além do mais, serve para ocupar as mãos enquanto você corre.

– Estava pensando nisso… – confesso. – Senti que era exagero ficar,

tipo… sacudindo os braços de um jeito agressivo, como se estivesse na Olimpíada ou alguma coisa assim. Mas, se não fizer nada, acho que vai ficar esquisito.

– Gosto da combinação de água em uma das mãos e celular na outra. Mas não precisa segurar o telefone, só água deve resolver!

– Entendi. – Ele tem razão. Não quero me desidratar como uma uva-passa ao sol. Preciso manter a pele hidratada e viva como a de um pêssego. Além disso, acho que deve fazer bem para os meus órgãos.

Saímos do parque e descemos para a rua principal, atravessando a propriedade que ocupa os dois lados da rua.

– Ruby! – Quando escuto alguém me chamar, não preciso nem olhar para saber que é Jessica.

– Oi! – Aceno para ela.

Ela está debruçada sobre a mureta do corredor, na frente de seu apartamento no primeiro andar, chupando um picolé azul.

– O que está fazendo? – ela grita.

– Correndo, é claro! – respondo no mesmo tom.

– É claro! Quem é seu amigo?

– Este é o Ollie. – Fico vermelha, mas acho que nem dá pra perceber, porque eu já estava vermelha da corrida.

– Oi, Ollie! – Ela acena.

– Mando uma mensagem mais tarde – digo.

– Acho bom! – ela grita.

Continuamos a caminhada para casa, mas ver Jessica enquanto estava com Ollie provocou aquela insegurança que mora dentro de mim. Tipo: *olha, essa é a aparência de uma garota bonita*. Ou: *ah, que constrangedor ficar a fim de alguém que nem olharia pra mim duas vezes.*

– É sua amiga? – ele pergunta sorrindo, interrompendo meus pensamentos e me trazendo de volta ao momento.

– Uma das minhas melhores amigas, Jessica. – E deve ser o tipo de garota que Ollie quer. Bonita, relaxada. E, principalmente, magra. Quero mudar de assunto.

– Algum amigo seu vem para a Dawson?

Ele pigarreia e olha em volta, como se tentasse se concentrar muito intensamente.

– Hum, não, acho que não.

Deve ser estranho ser transferido para um lugar tão grande e caótico quanto a Dawson. Estudo lá desde que tinha onze anos, já estou acostumada, mas não deve ser fácil para quem chega só para concluir o Ensino Médio e o Curso Preparatório para a universidade.

– Bem, vai conhecer muita gente no primeiro dia, então eu não me preocuparia com isso.

* * *

Vou para casa e tomo um banho, e, quando saio do chuveiro, o chat do grupo está pegando fogo.

*Jessica:* Ruby descolou um cara e não contou pra ninguém…
*Salma:* Meu Deus, quem é?
*Jessica:* Um garoto ruivo. Alto e magro.
*Salma:* Não sei quem é.
*April:* Ollie Cowan. Ele fez parte do passado dela, mas não é o cara que ela descolou… ainda.
*Jessica:* Que história é essa?
*April:* Dawson Dash.
*Salma:* É isso!
*Jessica:* Estou passada! Então Ruby é minha concorrente agora?
*Salma:* Vai correr, April, ou não? Não consigo decidir.
*April:* Nunca, mas vai você!
*Ruby:* Ei, estou aqui, mas não descolei ninguém. Sim, vou correr a Dawson Dash. Por favor, não me deixem desistir. Tenho que correr pra mostrar ao otário do meu irmão quem manda.
*Salma:* Seu irmão gostoso…
*Ruby:* Que nojo!
*Jessica:* Por que nojo? Ela tem razão…
*Ruby:* Nojo!…

Quando estou me vestindo para ir jantar, penso em Sasha no sofá no outro dia, perguntando se os braços dela eram "muito moles". Pego um colete branco da gaveta e o visto. Ainda tenho minhas inseguranças, mas quero fazer o que puder para combater as dela.



# Capítulo 13

Quando cumprimos a mesma rotina pela terceira vez, sinto que fizemos algum progresso. Não tanto quanto eu gostaria, mas, para ser honesta, meus padrões são tão altos que o ideal para mim seria estar correndo bem em uma semana. Mas progredimos, mesmo assim. É fácil? Não. Se me sinto diferente depois da terceira vez em relação ao que senti na primeira? Sim.

Quase fico triste quando chega o fim de semana e tenho dois dias de folga seguidos, mas a segunda-feira chega logo.

– Crystal Palace Park, pode ser? – Ollie pergunta quando nos encontramos na frente de casa no final da tarde de segunda.

– Por mim, tudo bem – respondo. – Posso ser uma das corredoras para quem olho quando estou em cima das rodinhas e penso: "Uau, elas estão fazendo isso mesmo? E mais importante… por quê?"

Ele ri.

– Você anda de skate? Que legal…

– Não, faço parte de um grupinho de patinadoras com minhas três melhores amigas. April, a gótica que vai ser da sua turma de matemática, Jessica, que você conheceu há alguns dias, e Salma. Ela é um gênio das ciências, mas também é um gênio da maquiagem. Ah, e dos vídeos também; as transições dela são insanas. Ei, Crystal Park é mais um que tem uma tonelada de colinas! – exclamo, percebendo que fui enganada.

– Vou achar um trecho plano pra nós.

– Promete? – pergunto.

– Prometo – ele responde, revirando os olhos.

– Desculpa! É que tenho algumas necessidades!

– Estou vendo… – Ele sorri.

Penso em como teria sido se tivéssemos ido para a mesma escola fundamental e mais tarde para a Dawson e se nos conhecêssemos durante todo esse tempo. Queria saber se seríamos amigos agora. Se eu teria ficado a fim dele ou se a amizade teria neutralizado um pouco essa atração. Quem sabe, talvez nem fôssemos amigos…

– Ei! – Aproveito o momento, já que a caminhada até Crystal Palace Park é um pouco mais longa. – Por que vocês se mudaram? E por que veio fazer os últimos dois anos antes da faculdade na Dawson?

Ele suspira e depois engole em seco.

– Bem, é tudo parte da mesma coisa, na verdade.

– Ah, é?

– Meus pais tinham um restaurante. Não sei se ainda se lembra de alguma coisa sobre ela da época em que estávamos na escolinha, mas minha mãe é italiana, e ela e meu pai tinham um restaurante italiano. Em Crystal Palace. O nome do lugar era Zanetti – o sobrenome de solteira da minha mãe. Enfim, era um restaurante muito popular, um tremendo sucesso, muito lucrativo, tudo isso.

– Sei. – Sinto que uma queda se aproxima.

– Eles abriram um segundo restaurante em Dulwich. E esse foi meio que o começo do fim. O primeiro restaurante deu certo porque meus pais conseguiam ficar de olho em tudo, controlar tudo, garantir a qualidade, tudo isso. Dividir a atenção entre dois estabelecimentos foi demais, e houve alguma coisa com o contador deles que piorou a situação, e de repente as pessoas deixaram de aparecer, porque a qualidade despencou, *e* eles tinham um valor enorme de impostos pra pagar. – Ollie dá de ombros. – E foi isso. Os dois restaurantes fecharam.

Não quero interrompê-lo, mas não consigo me conter:

– Sinto muito.

– Eu era aluno da St. Alfred's – ele continua, e olha para mim pelo canto do olho.

– Que chique… – A St. Alfred's é a escola mais chique da região.

– Chique e caro… – ele acrescenta, amargurado. – Estudei lá no Fundamental e no Ensino Médio, mas, é claro, quando o restaurante fechou e o dinheiro sumiu, não pude ficar para o último ano do Ensino Médio e o Preparatório. Não me importei muito, pra falar a verdade. Mas meus pais tinham investido todo o dinheiro deles na tentativa de salvar os negócios e manter as pessoas empregadas, mesmo quando já era claro que isso não estava mais dando certo. Era como se não conseguissem desistir do sonho. – Fico um pouco surpresa com quanto ele está falando. Isso me faz pensar que ele talvez não costume ter um espaço onde colocar todos esses pensamentos.

– Então, é por isso que você está na Dawson.

– Sim. E tivemos de nos mudar porque meus pais precisaram… bem, basicamente, eles tiveram de vender a casa pra pagar as dívidas.

Penso em minha mãe levando os brownies à casa dos vizinhos, e em como o pai dele tinha sido crítico em relação à vizinhança.

– Onde vocês moravam?

– Em Dulwich – ele diz, e suspira.

– Vou ter que repetir: que chique! – Sorrio.

– Para quem gosta desse tipo de coisa…

– Você não gostava?

Ele balança a cabeça.

– Nunca me senti muito à vontade por lá. Era como se meus pais estivessem sempre se esforçando muito pra acompanhar a vizinhança, ter o que todo mundo tinha, em vez de só, sei lá, serem felizes. Serem normais. Sempre tentando fazer mais, ter mais. E aonde foi que isso tudo os levou, no fim? – Uma nuvem parece passar diante de seu rosto. Fica claro que ele não quer mais falar sobre isso.

– Obrigada por ter preenchido as lacunas – digo. – Agora sei o que aconteceu com você desde a última vez que nos vimos, pelo menos.

Ele concorda. Percorremos o restante do caminho até o parque em silêncio, o que me faz sentir-me mal por ter perguntado. Mas como eu poderia saber que era tudo tão complicado?

– Muito bem – ele fala quando chegamos lá. – Vamos começar. – É como se ele quisesse acabar logo com aquilo. Tenho a sensação de que envenenei o clima de algum jeito.

– Sim. O que vamos fazer esta semana?

– A mesma coisa da semana passada, mas por mais tempo.

– Certo. Acho que consigo.

Quando vamos chegar às coisas boas? Quando eu estiver pronta, acho.

Quando Ollie falou que seria *por mais tempo*, o que ele queria dizer era que correríamos o dobro do que tínhamos corrido na semana anterior. E, sim, no meu caso, tinham sido tiros de um minuto, mas dobrar esse esforço era um desafio enorme. Talvez eu não devesse estar tão animada para acelerar as coisas.

– Está acabando, vamos! – ele diz por cima do ombro quando fica claro que estou me arrastando na última série do dia.

– Vou… tentar… – ofego, grata por ele não tentar conversar normalmente. Esses foram os dois minutos mais longos da minha vida até agora, e não tenho como dar ênfase suficiente a essa declaração. Sinto que meus pulmões vão explodir. Como as pessoas correm por mais tempo que isso?

– Para! – Ollie finalmente diz, e olha para mim com um sorriso triunfante. – Agora você sabe do que é capaz! E tudo o que vai ter de fazer é repetir o ciclo completo na quarta-feira!

– Por que não sexta-feira? – pergunto ofegante.

– Na sexta vamos correr durante *três* minutos.

Concordo, determinada.

– Vou escolher acreditar em mim.

– É isso aí. – Ele bate de leve com o cotovelo na minha costela, num gesto que não posso dizer que aprove completamente. Mas pelo menos não estraguei tudo sendo a criatura bisbilhoteira de sempre.

– Desculpe por ter feito perguntas invasivas mais cedo – falo quando estamos voltando para casa.

– Tudo bem. – Ele sacode os ombros quadrados daquele jeito relaxado, um jeito muito Ollie. – Essa tem sido uma parte tão grande da minha vida nos últimos dois anos, que acho que é impossível não falar sobre ela em algum momento. Está em tudo. – E engole o ar com esforço.

– Tudo? – insisto.

– *Sinto que sim*, em tudo – ele confirma.

Eu me pergunto se poderia conversar com ele livremente sobre, tipo, a

separação dos meus pais. Mas é tudo muito novo, e ainda não sei realmente como falar sobre isso, ou o que dizer.

– Por isso perguntei de um jeito meio acanhado sobre os negócios da sua mãe.

– Ah, sim. – Franzo a testa.

– É isso que quero fazer. Ou melhor, *é o que eu faço*, o que faço agora. Adoro a confeitaria, gosto de ter novas ideias, de experimentar coisas e refiná-las até chegar aonde quero, até produzir o bolo com o sabor mais perfeito, ou os melhores biscoitos, blondies, ou o que eu for capaz de imaginar.

– Uau! – Estou um pouco surpresa, mas nem sei por que deveria estar. Não é como se o conhecesse, afinal.

– Mas meus pais ficaram tão *traumatizados* com essa coisa toda, que a última coisa que eles querem é que eu entre nesse mercado. Praticamente me proibiram de fazer isso. Como sou bom em matemática, eles decidiram que a progressão lógica é que eu vá para a área de *finanças*. – Ele faz uma careta.

– Como eles podem te proibir de fazer alguma coisa?

– Bem, não foi uma proibição literal, mas toda vez que menciono a vontade de entrar na faculdade de gastronomia e me tornar um chef confeiteiro, ou, o maior de todos os horrores, de não ir para faculdade nenhuma e só começar um negócio próprio, eles meio que… dão risada, como se eu não pudesse estar falando a sério. Estou sempre experimentando coisas novas pra adquirir prática, tentando aprender o que gosto de fazer, me desenvolver naquilo em que sou bom, mas sempre tenho que mentir sobre a razão de estar fazendo isso. Digo que é aniversário de alguém, ou que me ofereci para colaborar com um… sei lá, um bazar, qualquer coisa. – Ele protege os olhos do sol ao olhar para mim. – E acabo dando as coisas que faço para um sem-teto aleatório depois de experimentar o resultado, porque não sei o que mais posso fazer com a comida!

– Isso é fofo… – comento sorrindo.

– Estou cansado de fazer a vontade dos meus pais sobre essa coisa toda… mas agora parece ser a pior hora pra tentar fazê-los entender que é isso que quero.

Sinto-me como se uma borboleta tivesse pousado na minha mão, e

não quero assustá-la, afugentá-la. Quero saber tudo sobre Ollie, mas não quero parecer *muito* interessada.

– Eles acham que isso é, tipo… proteger você?

– Talvez – ele responde. – Mas só me inibe, na verdade. Não vou ter de passar pelo que eles passaram, e, mesmo que isso aconteça, a decisão é minha.

– E eles acham que você tem de ir pra área de finanças?

– Antes do restaurante, meu pai trabalhava nessa área, então, obviamente, ele pensa que *ah, sim, essa sempre é uma boa ideia, faça isso, estude economia na universidade,* e eu… eu nem quero ir para a universidade. E eles não conseguem entender isso. Enfim… – Ollie parece constrangido por ter compartilhado tudo isso comigo. – Não estou acostumado a falar tanto sobre mim. É evidente que não sei quando parar.

– Não, não – reajo, o que certamente faria, porque o que pode ser mais interessante para alguém (especificamente eu) do que saber mais sobre a pessoa em quem está interessada (especificamente Ollie)? – Tudo bem. É bom falar. – E então eu penso em uma coisa: – Ei… você não queria falar com minha mãe sobre negócios?

– Queria – ele diz em um tom mais animado.

– Você tem uma bicicleta?

– Uma bicicleta comum? Só uma bicicleta?

Quando confirmo, ele continua:

– Tenho… É um pouco velha, mas gosto de sair com ela nos fins de semana. Por quê?

– Bem, por razões que não preciso explicar agora, minha mãe perdeu o entregador recentemente, e tenho a sensação de que a vida dela melhoraria muito se ela tivesse alguém de confiança pra dirigir… ou melhor, pedalar por aí, por Sydenham, Forest Hill, Dulwich, Crystal Palace, enfim, os lugares habituais, e entregar as encomendas.

– Eu toparia, sem sombra de dúvida!

– O pagamento é decente, aposto – acrescento, pensando nas trinta libras que tinha ganhado na semana anterior por alguma ajuda. – Bom, não é nada certo, mas acho que seria uma grande ajuda pra ela… Então, posso conversar com minha mãe, já que está interessado?

– É claro que sim! – Ele parece sinceramente empolgado.

– Assim, você pode ganhar algum dinheiro, e ainda vai ter uma desculpa pra perguntar tudo o que quiser. E ainda vai ajudar minha mãe.

– Os brownies que ela deixou em casa são incríveis. Pensei que eu tivesse enjoado de brownies, nem faço mais essa receita, mas os dela são perfeitos – ele comenta em tom reverente.

– Vou falar com ela assim que chegar em casa, está bem? Minha mãe tem um carrinho que você pode prender na traseira da bicicleta e acomodar as caixas dentro dele.

– Parece ótimo. Mas só uma coisa… Não fala nada sobre isso com meus pais. Minha vida é mais fácil quando eles pensam que abandonei a ideia de ser chef confeiteiro, de trabalhar com confeitaria, tudo isso. Se souberem que estou tentando aprender como funciona um negócio nessa área…

– Já entendi – respondo, e balanço a cabeça para mostrar que concordo.

Quero ajudá-lo! Ele está me ajudando tanto, que sinto que devo retribuir de algum jeito.

– Mãe! – grito ao entrar em casa, batendo a porta de um jeito triunfante.

– Que é? – ela responde da cozinha. – Não bate a porta! Estou aqui toda tensa com essa cobertura! Um movimento errado, e vou ter problemas sérios.

– Desculpa. – Entro acanhada na cozinha onde ela está desenhando com um bico de confeiteiro e glacê cor-de-rosa em uma fileira de cupcakes para um aniversário de dois anos. – Mas resolvi todos os seus problemas. Ou um deles, pelo menos.

Ela abaixa o saco de confeiteiro e olha para mim com extrema expectativa.

– Fala.

– Sabe o Olllie, da casa vizinha?

– Seu novo-antigo melhor amigo – ela responde, sorrindo. – Sim, eu sei quem é.

– Então, ele quer muito aprender a confeitar. Tipo, como uma *carreira*. Parece muito dedicado e quer se preparar de verdade para exercer o

ofício quando terminarmos o colégio.

– Não preciso de um aprendiz agora, Roo! – ela reage com os olhos arregalados, como se eu o tivesse convidado pra passar oito horas em casa todos os dias.

– Não, não é isso! – protesto. – Ele é todo esportivo, gosta de pedalar e tem uma bicicleta, então pensei que talvez ele possa fazer as entregas locais.

Minha mãe pensa um pouco.

– Uau… Isso realmente resolveria alguns dos meus problemas…

– Está vendo? Não sou tão inútil, afinal! E você pode pagar um pouco por esse serviço, não é?

– Sim, é claro. Não vou deixar um menino que mal conheço pedalar pelo sudeste de Londres pra me ajudar só pelo exercício físico.

– E talvez possa ensinar pra ele algumas coisas sobre higiene, certificação do conselho e como começar nos mercados, por exemplo?

– Vai ser um prazer! – ela diz. – Acha que ele pode começar no fim de semana? Vou ter que levar esses bolos pessoalmente para o aniversário, e isso está acabando com os meus planos.

– Não sei, mas posso perguntar – digo. – Sou sua filha favorita?

– É minha filha favorita neste cômodo – ela responde, olhando para mim com os olhos meio fechados.

– Ei! – Sasha reage da sala de estar, antes de entrar na cozinha. – E agora?

Minha mãe abre os braços com ar derrotado.

– Agora você me pegou!

– Você está bem, Sasha? – pergunto.

Minha irmã faz que sim, e suas bochechas redondas balançam como maçãs pequenas e fofas.

– Acabei de falar com o papai. Ele disse pra você ligar para ele quando quiser.

– Devia ligar, Roo – minha mãe opina. – Conversa com ele por vídeo pra vocês poderem se ver.

– É, vou ligar – digo, como se isso não fosse muito importante.

– Ele falou que você não liga há séculos – Sasha insiste, de modo suplicante.

– Eu sei que não – confesso, um pouco impaciente. Só um pouco. Não

gosto de ser pressionada desse jeito.

– Por que não? – ela pergunta, porque não sabe quando é hora de parar.

Minha mãe só acompanha a conversa com um olhar nervoso.

– Porque não! Só porque não! Porque ainda acho estranho conversar com ele sobre minha vida, porque ele não sabe mais o que estou fazendo! E porque não quero saber nada sobre a vida nova dele! Pra que ligar, então?

– Mas é o papai… – Sasha continua, e parece magoada por ele, o que me faz sentir vontade de chorar.

– Eu sei! – admito, e amoleço. – Vou ligar para ele.

Naquela noite, acordo com o som de alguém chorando e fungando do lado de fora. Dessa vez, não preciso olhar pela janela para saber que é minha mãe.



# Capítulo 14

No dia seguinte, quando chego em casa cansada e feliz, depois de patinar no parque com April, Salma e Jessica, Ollie está na sala de estar. Ele levanta a cabeça e me cumprimenta com um daqueles sorrisos. Sofri uma emboscada em minha própria casa? Fui surpreendida pelo garoto mais lindo que conheço? Que me faz sentir um frio na barriga? Ultrajante…

– Oi, Ruby… – ele diz. – Muito obrigado por isso!

– Não sei se vai estar tão agradecido depois de completar a primeira rodada de entregas – minha mãe comenta, com um sorriso. – Se odiar muito, é só me avisar; eu pago por essa primeira semana, e nunca mais tocamos no assunto.

– Não, não, prometo que vou fazer um bom trabalho – ele responde, ansioso.

– É engraçado. Eu achava que não me lembrava de você pequeno, mas, agora que está aqui, as lembranças estão voltando. Você era um menino muito *educado*, sabe, nunca empurrava os coleguinhas nem tentava levar vantagem sobre eles. Sempre muito quieto, esperando sua vez. O que tornava ainda mais engraçado que você e Ruby quisessem brincar juntos o tempo todo.

– Está dizendo que eu era mal-educada?

Ela olha para mim e cruza os braços.

– Enfim, Ollie, acha que sabe o que está fazendo?

Ele confirma.

– Sim, tenho todos os endereços no celular, organizados por área. E tracei minha rota. Prendi o carrinho à bicicleta. O que pode dar errado?

– Não diga isso. Vai me deixar nervosa – minha mãe retruca.

– Chega de estresse! – interfiro, batendo palmas com determinação. – Ollie sabe o que faz. E você só precisa pagar pelo serviço e dividir com ele os segredos do seu ofício.

– Se isso vai me dar mais tempo pra aceitar encomendas, tudo bem.

Ajudo os dois com o transporte das caixas para o carrinho, onde elas são organizadas em ordem de entrega, e depois me despeço com um aceno quando ele se afasta pedalando.

– Bom garoto – minha mãe comenta quando ele já desapareceu além da primeira esquina, rumo à rua principal.

– É – concordo em tom neutro. Não preciso demonstrar muito entusiasmo.

Ela olha para mim pelo canto do olho.

– Ah, então é assim, é?

– Assim como?

– Nada… – Ela sorri.

– Eu, hein!

– Ollie trouxe brownies de chocolate e laranja com raspas de laranja de verdade na cobertura. Ele quer que eu dê minha opinião sobre eles.

– Bom garoto… – retruco em voz baixa.

Entramos, e grito para avisar a Sasha que ela e a amiga Ellie podem sair do quarto e vir para a sala, mas me arrependo assim que elas aparecem, porque, além de descer a escada aos pulos, elas ligam a tevê no canal de vídeos de música e aumentam o volume, enquanto eu estava confortavelmente instalada em uma poltrona lendo *Mundo fantasma* pela milésima vez. Elas se esparramam no sofá, e vejo o cabelo castanho de Ellie se espalhar no encosto. Eu me encolho na poltrona e deixo os sons do vídeo me envolverem, sentindo as pernas doerem depois do esforço de patinar. Meus olhos percorrem os quadrinhos de *Mundo fantasma*, minha leitura confortável, e, embora conheça cada cena, cada personagem, o som da televisão me distrai.

Desisto do livro e abro o Instagram, esperando ver fotos das férias de várias pessoas da minha turma, mas tem uma mensagem esperando por

mim inbox.

*Oi, desculpa se isso é invasivo, mas vi você correndo no parque outro dia e achei você totalmente foda!*

Quando olho para a foto do perfil, vejo que a mensagem é de Liv, vulgo A Outra Gordinha. Opa! Isso é uma grande surpresa! Releio a mensagem. Não gosto de pensar que pessoas que conheço podem estar me vendo em meus momentos mais horrorosos, mas… isso é legal da parte dela. Eu me sinto entusiasmada e incentivada pela mensagem, e decido que esse é o momento para tentar fazer amizade com outra gordinha.

Ela não demora para responder com um sim, e combinamos um encontro para a semana seguinte em um café em Forest Hill. Não tenho amigas gordas! Talvez precise exatamente disso – a menos que ela se mostre uma tremenda cretina, e nesse caso vai ser exatamente do que menos preciso. Vou esperar para decidir.

Guardo o celular no bolso do short, e minha mãe reaparece saindo da cozinha.

– Sobrou um pouco daquela encomenda grande que eu terminei. Quem quer um cupcake?

– Eu! – Sasha e eu respondemos ao mesmo tempo.

– Ellie? – minha mãe pergunta.

Ellie não desvia o olhar da TV.

– Não, obrigada. Minha mãe diz que bolo vai me deixar gorda.

Imediatamente, a atmosfera muda, fica tensa. Não quero olhar para Sasha. Não quero olhar nem para minha mãe.

– Ah… – ela responde. – Bem, tem coisas piores pra ser.

Ellie dá de ombros.

– Não quer bolo, então? – Minha mãe ri.

Ellie balança a cabeça. Quando minha mãe começa a voltar à cozinha para pegar os cupcakes pra mim e pra Sasha, minha irmã avisa:

– Também não quero.

– Mas você acabou de dizer que queria – minha mãe aponta com um tom nervoso, meio em pânico.

– Era *brincadeira* – ela diz, revirando os olhos antes de olhar para Ellie,

esperando uma aprovação que não vem, porque Ellie nem está interessada.

– Tem certeza?

– Tenho – ela diz.

Enquanto como meu cupcake com cobertura de glacê cor-de-rosa, tenho que fazer um esforço para não chorar. Sinto até um pouco de vergonha por estar comendo o bolo. É só um cupcake! Como isso já está acontecendo com ela? Como elas sabem tanto? Agradeço em silêncio ao cosmos por ter me dado essa mãe que não plantou pensamentos desse tipo em nosso cérebro influenciável, e tento só… saborear o cupcake. Se não fossem feitos para isso, por que seriam tão gostosos? Explica essa!

Continuo olhando para Sasha discretamente, tentando adivinhar o que ela está pensando. Não posso continuar me enganando, fingindo que ela não se incomoda com isso. Acho que já estive no lugar dela uma vez, mas parece que foi há muito tempo. E cheguei aonde estou agora impedindo *insistentemente* que isso me incomodasse. Tive de me esforçar de verdade para resistir, porque é fácil deixar tudo isso entrar na sua cabeça, interferir no seu comportamento e dominar sua conversa. Mas eu decidi que não seria assim. Quis tentar encontrar outro jeito de fazer as coisas, quis ver se era possível pensar de um jeito diferente sobre o meu corpo e o corpo das outras pessoas. Quero muito que Sasha também consiga fazer isso.

– Ei, vocês duas, divirtam-se! – digo para Sasha e Ellie. – Mãe, vou à casa da Salma! – aviso.

– Está bem – ela responde da cozinha. – Você volta para o chá?

– Sim, mando uma mensagem quando estiver voltando – digo, enquanto guardo minha chave no bolso.



# Capítulo 15

Quando chego à casa de Salma, vinte minutos mais tarde, April e Jessica já estão lá. April me cumprimenta com uma continência rápida. Jessica está deitada na cama de Salma, com a cabeça pendurada na beirada e as tranças caídas no chão como serpentes azuis enroladas.

– Oi, garota – ela diz, endireitando-se.

Depois de abrir a porta para mim, Salma encaixa imediatamente o celular no tripé em cima da escrivaninha.

– Estão prontas pra isso?

– Nasci pronta – responde Jessica, sacudindo os ombros com entusiasmo.

Salma está produzindo um reel para o Instagram – um vídeo dela maquiando Jessica e reproduzindo em seus olhos uma grande aquarela. Ela acomoda Jessica em uma cadeira diante da escrivaninha, de frente para a janela, por onde entra uma luz linda.

– Não estamos no fundo, estamos? – April pergunta, olhando em volta discretamente.

– Se ficarem na ponta da cama, não – diz ela, acenando com a cabeça na direção da cabeceira.

– Vamos ficar aqui quietas e encolhidas como gatos, fora da cena, prometo.

– Podemos falar? – pergunta April, visivelmente incomodada com a situação.

– Sim! É um time lapse, não vai ter som.

– Ufa! – ela sussurra.

Jessica dá risada.

– Consegue imaginar Ruby tentando ficar quieta por mais de cinco segundos?

– Vamos ser justas, acho que ela consegue até dez. – April pisca para mim.

– Ai! Que grosseria! – reajo, indignada, embora elas estejam certas.

Salma se inclina para o celular que está no tripé, toca na tela e diz:

– É isso, gravando! – E começa a trabalhar no rosto de Jessica.

– Jessica, conseguiu alguma coisa com seu crush de verão? – April pergunta.

– Joshua? – ela responde.

– Sim, por quê? Quantos são? – pergunto, entrando na conversa.

– Só tenho olhos pra ele – Jessica garante, e vejo seu sorriso largo na tela do celular.

– Para de mexer tanto o rosto! – Salma reclama, impaciente.

– Desculpa! – Jessica fica quieta, mas ainda move a boca para contar: – Vou ver Joshua no parque amanhã.

– Ah! um encontro! – deduzo. – Que legal!

– E você e o ruivo? – Jessica me pergunta, virando para olhar para mim e April sentadas na cama em posição de pretzel. Salma bate na cabeça dela com um pincel de maquiagem. – Ai, meu Deus, desculpa! – ela pede novamente, certa de que está fazendo um péssimo trabalho como modelo.

Salma olha para nós por cima do ombro e sopra uma mecha de cabelo preto da frente do olho.

– É, conta mais sobre essa história toda: garoto, corrida, Dawson Dash, tudo. Com detalhes.

Suspiro, imaginando quanto isso vai parecer idiota quando eu traduzir tudo em palavras e em voz alta.

– Bom, eu tenho essa questão com meu irmão…

– Seu irmão gostoso – diz Salma.

Nunca vou entender o que ela vê nele.

– Ah, para, isso é nojento! – Estremeço. – Entrei nessa coisa toda com meu irmão sobre a desgraça da… Dawson Dash. Ele estava bancando o

machista e disse basicamente que eu não poderia participar da corrida porque sou gorda, o que, *evidentemente*, eu não ia tolerar. Então decidi me inscrever, o que significa que tenho que treinar para a prova.

– Tenho a sensação de que estou só começando a digerir a informação de que você vai correr a Dawson Dash esse ano. Justo você, Ruby Morgan, que inventava duas menstruações por mês pra fugir da Educação Física?

– O corpo humano é uma coisa misteriosa – respondo, reduzindo a importância das minhas mentiras abundantes para o Departamento de Educação Física da Dawson High. – E… bem, sim, é isso. Eu também disse que podia ganhar, o que me coloca em uma posição *ligeiramente* mais complicada…

– Ai, caramba! – Salma reage, rindo e balançando a cabeça, sem interromper o trabalho no rosto de Jessica. – Sei que quando você fala parece loucura, mas… eu acredito na sua capacidade, sabe?

Não consigo evitar um sorriso.

– Não temos muito tempo até a corrida, então estou fazendo o melhor que posso, e até agora está tudo bem. Quero dizer, não morri. Nem vomitei de novo.

– E como o ruivo entra nessa história? – Jessica pergunta.

– Ollie. O nome dele é Ollie. Ele me viu correndo naquela primeira vez e me ofereceu ajuda, caso eu precisasse. E eu *preciso* de ajuda, o que não surpreende ninguém.

– Precisa de ajuda e de uma boa desculpa pra passar um tempo com um garoto bonitinho – Jessica acrescenta, levantando as sobrancelhas de maneira sugestiva, o que faz Salma bater nela de novo com o pincel.

– Até parece! Eu fico um desastre quando corro, é o pior cenário possível. Passar um tempo com um cara lindo, *especificamente e exclusivamente* quando sua aparência é uma merda…

– Parabéns, você mostrou logo sua pior versão – Jessica aponta, rindo.

– A prioridade é ganhar a aposta com meu irmão, não defender meus interesses românticos. Acho que é um motivo nobre.

– Com que frequência está correndo? – Salma pergunta, passando o pincel em uma sombra azul e batendo com ele na beirada da mesa, espalhando no ar uma nuvenzinha de poeira cintilante.

– Três vezes por semana. Parece muito, mas ainda não estamos

fazendo muita coisa.

– Tudo a seu tempo – April opina com ar filosófico.

– Acho que você vai arrebentar – diz Jessica.

Suspiro.

– Espero que sim.

– Como pode não ter bons resultados, se está correndo três vezes por semana? – Salma questiona. – Você ainda tem, tipo… um mês até a corrida.

Não aproveito a oportunidade para revelar que ainda não corri mais que três minutos seguidos. Tenho um longo caminho pela frente, eu sei!

– Você acha?

– Sim, acho – ela confirma. – É só treinar. E aproveitar o tempo. E se fortalecer. Você é muito determinada; não existe a menor chance de não conseguir.

– Tenho medo de que isso seja… fisicamente impossível para mim. Mentalmente, sei que posso conseguir. Mas eu sinto esse… esse medo instintivo de não ser capaz, literalmente.

– Tudo o que você pode fazer é treinar. É isso, nada mais. Como eu e a maquiagem – ela sugere, recuando um passo para estudar o resultado de seu trabalho no rosto de Jessica.

– Sim, não sei se tem consciência disso, mas você é muito talentosa – digo a Salma.

– Acha mesmo que eu sempre fui tão boa assim? – diz, revirando os olhos. – Você me conhece há… tipo, cinco anos!

– Acho que sim… – respondo, acanhada.

– Eu não fazia isso – diz ela, apontando para o rosto de Jessica. – Há dois anos, eu não fazia isso. Não conseguia, porque ainda não tinha dedicado o tempo necessário pra isso. Não nasci com nenhuma habilidade especial. – Ela dá de ombros. – Você também consegue. Qualquer uma de vocês pode fazer isso. Mas não vão fazer porque não têm um interesse especial por isso.

– Acho que não…

– Mas correr? Se você está mentalmente comprometida e tem alguém que te ajuda a manter o foco e não desistir, se está realmente envolvida com a coisa toda, não tem nada que te impeça.

– Sim! – Jessica concorda, triunfante. – É isso!

Fico vermelha com a força do que sinto, orgulho ou felicidade, embora ainda não tenha feito nada, na verdade. O fato de elas pensarem que sou capaz disso já significa muito. Quero dizer, sei que fui confiante demais quando disse a Jake que podia correr, sem dúvida nenhuma, mas… é difícil! É muito difícil!

Mas Salma está certa. É só uma questão de treino. Não é?



# Capítulo 16

– Isso é fácil demais – diz Jessica, patinando de costas até onde Salma, April e eu nos movemos em círculos pela quadra de tênis do Mayow Park. – Não tem graça!

– Porque Joshua não está aqui? – April retruca em tom seco.

– Não é *só* isso! – Jessica responde.

Paramos junto da cerca verde que separa as quadras de tênis da trilha por onde tenho corrido com Ollie.

Salma protege os olhos do sol.

– Ei, aquelas não são sua mãe e Sasha? – ela diz, olhando para o caminho do outro lado das quadras. Eu me afasto da cerca e patino naquela direção. Minha mãe e Sasha estão andando pelo parque ensolarado, mamãe com um vestido fresco e floral e sandálias adequadas ao maravilhoso clima quente. Mas Sasha está de blusa de moletom com capuz e jeans.

– Mãe! – chamo. – Aonde vão?

– Só ao Lidl comprar umas coisinhas – ela responde.

– Oi, Sasha – aceno para minha irmã. – Por que está vestida desse jeito com esse calor?

Minha mãe respira fundo.

– Nem queira saber. Tive a mesma conversa com ela e não consegui fazer sua irmã desistir dessa roupa.

– Não estou com calor. Estou bem – Sasha declara de mau humor,

embora esteja suando muito. Não gosto nada disso.

– Tudo bem. Vou pra casa daqui a pouco para… bom, trocar de roupa e voltar para cá pra correr com o Ollie.

– Ok! – minha mãe grita de volta, acenando enquanto patino em direção às minhas amigas, que bebem água de suas garrafas.

– Ah! – exclamo, ao me sentar no chão com elas. – Estou estressada com Sasha.

– Por quê? – pergunta Jessica.

– Estou preocupada. Ela está, tipo… obcecada pela própria aparência. Parece que está ficando cada vez mais acanhada. Viram como ela está vestida? Isso é loucura. Moletom com capuz nesse calor?

– Talvez ela só quisesse usar o moletom – diz Salma, sem dar muita importância a isso.

Quero responder para ela que *não, não é assim!* Eu me lembro daqueles dias, daqueles sentimentos, antes de entender como me sentia em relação ao meu corpo, de entender que não precisava acreditar que era má e toda errada! Eu me lembro de nunca querer mostrar as coxas ou os braços gordos, de como me cobria no verão, sempre escondida embaixo de uma toalha na praia! Já vivi tudo isso!

– Não sei… – é tudo o que consigo dizer.

– Não pode conversar com ela sobre isso? – pergunta April, ajustando as munhequeiras.

– Não, na verdade… não sei… não quero tornar tudo isso ainda pior.

É muito evidente que não vou ouvir nenhum bom conselho delas, embora sejam minhas melhores amigas. Esse é um problema que vou ter de resolver sozinha.

Patinamos na quadra de tênis até um homem grisalho e sério avisar que reservou o espaço para as cinco da tarde e pedir licença. E então me dou conta de que só tenho meia hora para ir pra casa, trocar de roupa e me arrumar para a corrida com Ollie.

Mas, com a verdadeira eficiência de Ruby Morgan, consigo fazer tudo nesse intervalo e passo pela porta às cinco e meia, com tempo para me preparar psicologicamente para o treino de hoje. E, puxa, preciso de muito preparo psicológico.

Cinco minutos. São só cinco minutos. Eu consigo. Cinco minutos. O que são cinco minutos? Não são nada. Esse tempo passaria num piscar

de olhos se eu não estivesse correndo. Mas estou correndo! Ou melhor, estarei. Cada vez que penso em como cinco minutos podem ser *extremamente pesados*, eu me deparo com a realidade de como essa tarefa é gigantesca, e como está próxima – faltam só, o quê, quatro semanas? Porque, se vou correr a Dawson Dash, serão mais que cinco minutos. Mas eu vou chegar lá. Eu tenho que chegar lá.

– Acha mesmo que consigo? – pergunto a Ollie quando descemos a ladeira para o Mayow Park.

– Eu não acho – ele diz, e faz uma pausa significativa. – Eu *sei* que você consegue. – Ele fala com tanta convicção que não duvido de que acredita em mim, o que é uma delícia. Queria que ele fosse um pouco menos gostoso. Um pouco menos boca carnuda, covinhas, olhos castanhos e doces e cabelos avermelhados. Um pouco menos de tudo isso, por favor.

– Mas hoje o dia está muito quente – respondo, já começando a suar.

– Não tem muito que eu possa fazer quanto a isso, Roo – ele diz, e ouvir meu apelido na voz dele me deixa toda mole e derretida por dentro. Tenho que fazer um grande esforço para não sorrir.

– Acho que não.

– É isso, então vamos começar logo – ele fala, e programa o alarme do celular. – Não pensa muito. Não pensa em quanto tempo vai ter de correr, só em como se sente no momento. Acho que vai descobrir que é mais fácil do que está esperando.

Duvido.

– Vamos – ele diz com um entusiasmo contagiante, e, antes que eu perceba, estamos correndo. Devagar. Mas correndo.

*UmpénafrentedooutroUmpénafrentedooutroUmpénafrentedooutroUmpén afrentedooutroUmpénafrentedooutroUmpénafrentedooutro…*

Tuc-tuc-tuc, sigo pela trilha do parque. Ollie olha para trás várias vezes para ter certeza de que ainda estou viva, e às vezes reduz um pouco a velocidade para acompanhar meu ritmo. Queria que ele não ficasse olhando para mim quando estou com o rosto vermelho e a respiração ofegante.

Depois do que parecem ter sido cinco minutos, ofego:

– Estamos quase acabando?

– Não vou falar nada – ele responde, respirando com normalidade, comportamento clássico da pessoa em boa forma. – Você não precisa saber. É só continuar!

Bufo indignada, mas faço o que ele diz e continuo correndo. Sinto que meus pulmões vão desistir a qualquer momento, como se estivessem sobrecarregados e prestes a decretar: *não, chega disso!* Como é possível que ainda não tenham passado cinco minutos? E tenho que fazer isso mais *duas vezes* hoje!

– Para! – ele anuncia com um sorriso largo. – Você conseguiu!

– Eu… consegui… – repito assim que paro, tentando em vão recuperar o fôlego.

– Não para, continua andando! Precisa cuidar da recuperação – ele explica com os olhos bem abertos, me incentivando, como um filhotinho implorando para ser alimentado.

– Credo! O que aconteceu com a *recuperação passiva*?

– Saiu de moda – ele responde, antes de beber um gole de água da garrafa e me lembrar que provavelmente eu deveria fazer a mesma coisa. Levo a garrafa à boca, e a água entra nela no mesmo momento em que meu corpo decide que preciso respirar, o que me faz engasgar e tossir do jeito *mais vergonhoso* possível.

Ollie bate nas minhas costas.

– Você está bem?

– Estou – respondo, assim que minhas vias respiratórias me permitem falar.

– Não está tentando fugir das duas próximas séries de hoje, está?

– Eu? – reajo. – Eu faria isso?

– Nunca – ele decide, sorrindo. Queria que ele não sorrisse tanto.

Andamos em silêncio pelo que parecem ser alguns segundos, antes de ele anunciar que é hora de voltar a correr. Foram dois minutos?

Não me sinto preparada! Sinto que estou menos pronta que antes da primeira rodada, porque agora sei que cinco minutos realmente parecem *eras*. Começo a corrida seguinte com uma atitude que só pode ser descrita como muito ruim. Mas, contrariando todas as expectativas, é… um pouco mais suportável? Não é bom, mas suportável. Eu… consigo. Consigo. Estou conseguindo. Estou conseguindo! Já passaram

cinco minutos? Não? Ah… Acho melhor continuar correndo.

– Para! – Ollie diz depois de um tempo que, do meu ponto de vista, pode ter sido de trinta segundos ou dez minutos. – Reduz, vamos continuar andando antes da próxima série.

– Essa foi… melhor! – comento, surpresa.

– Não foi? Essa coisinha se chama progresso.

– Já ouvi falar disso.

– Nesse estágio, é esperado que você melhore cada vez que correr! Não sei por que está tão surpresa, sabe? Estamos trabalhando pra isso!

Eu me sinto um pouco idiota. Ele tem razão! Estou fazendo tudo isso para que, um dia (especificamente dia 5 de setembro), consiga correr cinco quilômetros. Então, faz sentido estar progredindo. Acho que só nunca pensei que eu, Ruby Morgan, pudesse realmente… fazer isso.

– Ainda falta uma série hoje – ele avisa.

– Não esqueci – garanto.

– Beba um pouco de água e tente recuperar o fôlego – ele diz, o que me faz ficar vermelha, porque não quero que Ollie perceba que estou tão ofegante. Não sei como isso seria possível, mas estava gostando de preservar a ficção na minha cabeça. – Mas tenha cuidado! Essa água pode ser perigosa!

Sigo a orientação dele e bebo um gole com toda a delicadeza, forçando meu corpo a não respirar ao mesmo tempo.

– Viu? – pergunto quando termino de beber sem me engasgar.

– É como eu disse! Progresso!

Continuamos andando até perto do café, e ele pergunta:

– Pronta pra correr de novo?

– Nasci pronta – declaro com uma confiança que é meio real, meio encenação.

Quando começo a última série de cinco minutos naquele meu ritmo lento, penso no fato de Liv ter-me visto e em como me sinto constrangida quando penso que mais gente me vê correr. Odeio isso, odeio, odeio! Deveria ser melhor! Não deveria me incomodar! Mas me incomodo. Sim, me incomodo muito! Por outro lado, Liv disse que me achou foda, o que é legal. Espero que ela tenha dito a verdade e não pense que estou passando por uma espécie de surto. Penso em como vai ser passar um tempo com ela amanhã. Espero que não seja

desconfortável.

– Para! – diz Ollie, o que me surpreende.

– Ah! Acho que me distraí. – Não que não esteja ofegante ou suando, ou que os músculos de minhas pernas não estejam doendo. O que acontece é que essas coisas não dominaram meus pensamentos em todos os segundos da corrida. Consegui me distrair.

– Viu? É como eu disse: progresso.

– Acho que, se melhorar um pouco a cada vez… – comento, pensando alto enquanto ainda tento regular minha respiração arfante.

– S… si… sim?

– Um dia… vou ficar… muito melhor?

– Você entendeu! – ele confirma. – Eu disse que ia conseguir.

– Talvez eu consiga mesmo, sabe?

Ele olha para mim com uma bondade tão intensa naqueles grandes olhos castanhos que quase derreto e me torno uma grande poça de suor na calçada.

– Você consegue. – E ele toca minha nuca por alguns segundos, apesar de eu estar muito suada. Provavelmente, é só um gesto de solidariedade de corredor, uma coisa fraternal, mas a sensação é de… intimidade. Não estou acostumada com Ollie me tocando.

Droga! Queria que o tempo que passamos juntos não fosse aquele em que minha aparência é a pior possível. Isso é o que chamam de dilema insolúvel? Ele só me vê quando estou horrorosa, mas o motivo para passarmos esse tempo juntos é mesmo o esforço pelo objetivo que me faz parecer horrorosa? Certamente era nisso que o autor de *Ardil-22* estava pensando quando escreveu o livro: garotas gordinhas que queriam conhecer o vizinho gostoso.

– Ah, minha mãe ficou muito feliz com sua competência nas entregas – comento quando, bem devagar, minha respiração começa a voltar ao normal.

– Ah, é?

– Sim! Ela disse que você nem demorou muito mais do que meu pai demorava, e ele fazia as entregas de carro. Bem, mas é provável que ele estivesse usando esses momentos fora de casa pra ter longas conversas românticas com sei lá o nome dela. – Assim que termino de falar, eu me arrependo.

– Ah, é? – Ollie responde em um tom atencioso.

Engulo em seco. Penso um pouco. Ele se abriu comigo, não foi? Talvez eu não morra se for honesta com ele também.

– É o cenário completo – confirmo. Ainda não sei como falar sobre isso. Quase nem conversei sobre essa história com April, mas sempre contei o básico pra ela, e não preciso discutir o assunto com minha mãe, Jake e Sasha, porque minha mãe e Jake sabem o que aconteceu, e Sasha não precisa saber dos detalhes. Mas tento encontrar as palavras certas: – Uma mulher que ele conheceu on-line… e foi meio que… Por que ele estava procurando mulher on-line? Tipo, isso não acontece por acidente, acontece? É preciso procurar?

Ollie concorda, pensativo, como se não quisesse me interromper.

– Enfim, ela mora em Manchester. O que significa que agora *ele* mora em Manchester.

– Que merda…

– É… Ninguém esperava por isso. Ou melhor, eu não esperava… Eu sabia que eles discutiam, mas todos os pais discutem, não é? Não era nada muito chocante. Mas aí eles começaram a brigar cada vez mais, e nem isso parecia ser suficiente para uma separação. E então… isso… E, definitivamente, isso foi suficiente para eles se separarem.

– Sinto muito – ele diz, parecendo sincero.

– Tudo bem. – Eu me pergunto por que estou fingindo. – Foi muito difícil, na verdade. Eu me sinto como se não soubesse mais como estar com ele. E sei que minha mãe está… é, sim… enfrentando as dificuldades de tudo isso. – Acho que não é certo falar sobre ela, então paro por aí.

– Isso é tudo muito novo pra vocês – Ollie justifica. – É claro que é difícil.

– Acho que sim – concordo. E, depois disso, descubro que não quero mais falar sobre esse assunto. Dizer em voz alta que é difícil e que odeio tudo isso já foi suficiente.

Percorremos em silêncio o restante do caminho até em casa. Mas, quando chegamos, Ollie para na frente do portão.

– Só queria dizer que estou gostando muito de tudo isso, sabe?

Sorrio, feliz por não estar desperdiçando o tempo dele com minha empreitada atlética potencialmente ridícula.

– É, eu também. Tenho achado tudo muito legal. Não sei que tipo de maluquice eu estaria fazendo se tivesse de correr sozinha.

– Estou falando de maneira geral… – Ele pensa por um segundo. – Enfim, a gente se vê na quarta-feira?

Concordo, determinada.

– Sim, a gente se vê.

*De maneira geral*, você disse?



# Capítulo 17

Quando me arrumo para ir encontrar Liv no dia seguinte, é como se me preparasse para um compromisso. Tiro várias roupas do armário e as experimento diante do espelho, tentando me ver pelos olhos de Liv. O que é difícil, porque, bem, não a conheço de verdade, não é? Finalmente, visto uma camiseta larga que posso pôr para dentro da cintura alta dos jeans e completo com tênis de ponta de borracha. Neutro. Nem aqui nem lá, sabe? Uma fórmula de sucesso.

Quando desço a escada, dou uma olhada no celular para ver se Liv cancelou o café na última hora, mas o que encontro é uma mensagem de April.

*Quer vir pra cá mais tarde?*

*Quando? Vou encontrar uma pessoa daqui a pouco, mas posso ir no fim da tarde.*

*Não sei, umas 6. Que pessoa é essa?*

*Eu te conto mais tarde.*

*Você vem, então?*

*Vou.*

*Ok.*

Aviso a minha mãe que não volto para jantar e saio. Estou um pouco atrasada, por isso ando depressa pela rua principal até a esquina onde vou encontrar Liv. Quando chego, ela ainda não está lá, então espero do lado de fora e pego o celular pra passar o tempo.

*Estou com muita saudade, Roo. Sei que não conseguimos conversar há algum tempo, mas podemos fazer a quarta-feira da pizza pelo Zoom na semana que vem, como fazíamos antes?*

Meu pai. Sinto um nó na garganta quando leio a mensagem. Quero responder que *não comíamos pizza pelo Zoom. A gente comia pizza juntos na sala de estar.* Mas sei que não devo fazer isso. Não posso continuar evitando meu pai. Por isso, concordo.

– Oi! – diz Liz, interrompendo meus pensamentos. Quando levanto a cabeça, vejo que ela veste… camiseta grande pra dentro da calça jeans e tênis de ponta de borracha.

– Ai, meu Deus, nós… somos gêmeas?! – comento, rindo mais que o necessário, porque o nervosismo de encontrar uma pessoa nova e o estresse com Sasha e com meu pai me deixaram no limite.

Ela também ri.

– Pelo menos minha camiseta é branca, e a sua é preta – diz, sorrindo e exibindo os dentes da frente um pouco encavalados. Apesar das roupas de estilo parecido, a única coisa que Liv e eu temos em comum fisicamente é que ambas somos gordas. O cabelo dela é loiro e encaracolado e forma uma moldura vibrante em torno da cabeça. Ela usa óculos quadrados de armação grossa, e o contraste entre os cabelos finos e os óculos cria um efeito visual quase caricatural. E ela é muito alta. Não sou baixinha, mas também não sou alta. Mas Liv é *alta*.

– Vamos…? – ela convida, segurando a porta aberta. É como se tivesse decidido que a situação não vai ser incômoda. Ela não vai permitir que isso aconteça. Talvez ela seja esse tipo de pessoa. Mandar mensagens para as pessoas dizendo que elas parecem ser legais é uma atitude ousada, então por que ela deveria se deixar constranger?

Entramos e pedimos café gelado. Liv pergunta se eles têm calda de açúcar, e a resposta é não, só açúcar comum, que Liv considera ridículo,

evidentemente, mas aceita mesmo assim. Nos sentamos diante de uma grande mesa de madeira sob um lustre marroquino de metal. Espeto o canudo listrado de vermelho e branco na tampa do copo. Liv faz a mesma coisa. E só agora, que estamos sentadas frente a frente, a estranheza se impõe. Por alguns segundos, nenhuma das duas desvia o olhar do copo, sem saber quem deve começar a falar, agora que estamos em um ambiente fechado nessa estranha situação de interação direta.

Respiro fundo e resolvo dizer alguma coisa, mas, quando abro a boca, ainda não decidi o que falar.

– Então… – começo, mas Liv fala ao mesmo tempo. – Não, pode falar! – digo, consciente de que não poderia contribuir com nada de grande valor para a conversa.

– Não, eu só ia dizer… – ela bebe um gole do café gelado. Não sabia que a voz dela era tão rouca. Nunca conversei com ela de verdade, antes de hoje… – Acho que isso que eu fiz foi bem estranho.

– Não! – Percebo que quero muito que isso funcione, que a gente se torne amigas de verdade. – Não tem nada de estranho. É bem legal. Acho que é, pelo menos.

– É que vi você no Wells Park e pensei… Ah, ela parece legal, sabe? E se estava correndo para emagrecer ou só por correr, bem, se era para emagrecer, talvez *você* possa aceitar uma amiga gorda, e se não era, *eu* posso aceitar uma amiga gorda.

Sou pega de surpresa por aquela franqueza absoluta. Não estou acostumada a ouvir a palavra *gorda* em voz alta, sem a intenção de me magoar ou de me fazer me sentir mal. Mas queria estar. Não consigo evitar um sorriso.

– Não é pra emagrecer. Estou treinando para a Dawson Dash com meu vizinho, o cara que estava comigo. – Tento não deixar o interesse por Ollie aparecer no rosto… e depois me pergunto por que isso é tão importante para mim. April tentou me fazer entender que tenho o direito de gostar das pessoas, mas ainda não me convenci disso. – Então, ele está me ajudando a… me preparar pra corrida. Tentei treinar sozinha, mas não sabia o que estava fazendo.

– Essa merda intimida! Tudo isso!

– Isso o quê?

– Exercício! Esportes! Não tenho problema nenhum com a aparência

do meu corpo, mas tentar se envolver nessas coisas exige muita… força de vontade.

– É como se não quisessem a gente lá – respondo, e percebo que talvez esteja certa.

Ela gira o copo de café.

– Ai, como é que o açúcar vai se dissolver no café gelado? Isso é uma piada. Enfim, as outras garotas do time de hóquei sempre olhavam para mim, tipo, *o que ela está fazendo aqui?* Mas depois de um tempo mostrei pra elas quem manda.

– Ah… que legal! – Definitivamente, quero saber mais sobre como é essa história de Liv mostrar quem manda.

Mas, antes que eu possa perguntar, ela diz:

– Como escrevi na mensagem, você parecia muito foda. Bastante determinada.

– Pensar nas pessoas me vendo por aí envolvida com essa coisa de corrida é muito constrangedor, mas, se você achou que eu parecia foda, talvez parecesse mesmo.

– Parecia – Liv confirma, e tira os óculos para limpá-los na camiseta.

– Quer ir também? – pergunto, contaminada pela energia boa da conversa com Liv. Mas me arrependo imediatamente, porque acho que devia ter falado com Ollie antes. Não sei se prefiro que ela diga sim ou não.

– Talvez! – ela responde, animada, de um jeito que revela que não vai, e devolve os óculos ao nariz. – Vou pensar.

– Acho que você provavelmente *não precisa*…

– Não é isso. É que gosto mais de correr sozinha. Tipo lobo solitário. Se eu *tiver* que correr, sabe?

– Hum… – comento. – Mas você corre no hóquei, não?

– Sim, mas nunca tanto assim. Só distâncias curtas. Com pequenos intervalos entre um tiro e outro. Correr por mais que alguns poucos minutos é difícil! Por isso te respeito tanto pelo que você faz e por correr com outra pessoa! Quando as garotas do time treinam fora da prática específica do hóquei, sempre evito ir com elas. – Quero saber mais sobre isso, mas, antes que eu possa perguntar, ela dirige a conversa novamente para mim. – Então, por que está fazendo isso?

Engulo a saliva, já me sentindo ridícula.

– É meio… idiota, acho… mas meu irmão venceu a corrida há dois anos, e depois fiquei sabendo que meu pai também ganhou essa prova, e meu irmão é um cretino e vive me atormentando pra eu perder peso, e recentemente comecei a perceber como essas… *questões* do corpo estão afetando nossa irmã mais nova, que ainda nem chegou na adolescência, então pensei… Posso mostrar *aos dois* que não preciso perder peso pra fazer o que quero.

– Não acho isso idiota – Liv opina. – Você tem dois grandes motivadores.

– Rancor e amor – resumo, sorrindo.

– Exatamente. O que está acontecendo com sua irmã?

– Bem, ela tem dez anos. O nome dela é Sasha. Vai começar a estudar na Dawson no ano que vem, e ela… também é gordinha. E é muito fofa, gentil e legal, mas já está sentindo que nada disso importa, porque ela não é magra. Tipo, não importa *pra ela*¸ quero dizer. Meus pais nunca ficaram em cima dela por isso, nem eu, mas a pressão vem de outro lugar. Meu irmão não ajuda, mas pelo menos não passa muito tempo perto dela, atualmente, exceto *agora*, nas férias de verão. E eu… não sei como ajudá-la. Não sei como conversar com ela sobre isso sem a deixar ainda mais constrangida, sabe?

– Entendo perfeitamente o que está dizendo. Há alguns anos, se alguém tentasse conversar comigo sobre meu peso, mesmo que de um jeito positivo, eu teria ficado mortificada – ela confessa, e esconde o rosto com as mãos.

– É, tipo, *ai, meu Deus, eles perceberam que sou gorda!* – respondo, rindo de quanto essa ideia é ridícula.

– Pois é, mas é claro que eles notaram. Essa é a minha aparência! Não dá pra esconder, não é? Mas eu ainda teria ficado mortificada.

– Exatamente! – concordo. – É por isso que não sei como lidar com ela.

– Hum… – Liv murmura.

– E eu… – Encaro intensamente meu canudo listrado, mas em seguida levanto a cabeça e digo uma coisa em que estive pensando, mas que ainda não havia sido capaz de dizer: – Bem, não sinto que posso conversar com minhas amigas sobre isso, porque…

– Talvez elas não entendam – Liv deduz.

– Isso.

Ela empurra um pouco a cadeira e cruza as pernas.

– Sinto que tudo mudou pra mim quando parei de ver a gordura como… essa característica que era, sei lá, o começo e o fim de tudo.

– Como assim? – Sinto que deveria ter entendido o que ela disse, mas na verdade não compreendi.

– Eu mudei meu jeito de pensar sobre isso. Foi, tipo… bem, é uma variação humana. Literalmente, é só uma variação humana. O jeito como falamos sobre isso nos faz pensar que é a *pior* coisa do mundo, algo que afeta sua personalidade, o comportamento e todo o resto. Mas não é. É só uma variação na aparência. Portanto, você não precisa conversar com sua irmã como se isso fosse uma coisa grande e assustadora com todo o… estigma associado a ela, sabe? Pode só abordar a questão como uma coisa neutra, como a cor do cabelo e outros detalhes. Porque é disso que se trata.

Sorrio. Não consigo evitar. Sorrio porque isso faz muito sentido para mim. Sinto que é verdadeiro, porque *é* verdade.

– Parei de me odiar… Não, espera, isso não é verdade. Nunca me odiei – corrijo, pensando em voz alta. – Parei de *me preocupar* com meu corpo quando comecei a seguir todas aquelas pessoas incríveis no Instagram e no TikTok, mas uma parte de mim ainda pensava… será que estou errada? Isso é realmente ruim? Mas… não é, é? É só uma diferença bem básica. Ou… do que foi que você chamou? Uma variação.

– Não acho que isso seja ruim, de jeito nenhum. Merda… – Liv resmunga, e balança a cabeça com uma risadinha. – Honestamente, não sei onde eu estaria sem a internet. Provavelmente, ainda estaria sonhando com aquele dia, *aquele* dia em que vou ter corpo pra usar um biquíni! Ou aquele dia em que vou poder fazer o teste para o time de hóquei!

– Eu nunca nem *pensei* sobre isso – respondo, tentando não me arrepiar de pavor. – Dá pra imaginar?

– Não, eu não consigo, literalmente. Você é a única outra garota gorda do nosso ano na escola, e demorei uns cinco anos pra conversar com você de verdade, então de onde vamos tirar todas essas coisas positivas pra enfiar na cabeça, senão da internet?

– É engraçado. Sabe o que você disse sobre as pessoas pensarem que

ser gorda afeta sua personalidade e seu comportamento, mas que agora você sabe que não é assim? – aponto, pensativa. – Acho que esse efeito existe, sim, mas não sei, não é uma coisa ruim. É como se fizesse a gente pensar que outras coisas são vendidas para nós como verdades. Tipo, coisas que pensamos que são normais. – Dou de ombros, meio constrangida. – Sei lá…

– É, você está certa – Liv responde. – Ter alguém por perto que possa tentar refutar toda essa bobagem é muito importante. Você está fazendo um bom trabalho com sua irmã. Tenha certeza disso.

Sinto uma leveza no peito quando ela diz isso. Não posso deixar de rir ao experimentar o alívio de ter alguém com quem conversar.

– Obrigada. Desculpa, sempre fico meio tensa quando falo sobre isso, e é bom poder desabafar.

Ela sorri com simpatia.

– Está vendo? Eu sabia que seria divertido.

E nós conversamos, conversamos, conversamos… sobre quadrinhos e família, sobre a escola e garotas gordas e legais para seguir na internet, e sobre o que queremos fazer depois do fim do Ensino Médio. O café se esvazia à nossa volta, até que um homem de aparência nervosa se aproxima da mesa e diz:

– Estamos fechando, então… se não se importam…

Surpresa, olho para a tela do celular.

– Merda! – reajo. – Eu já devia estar na casa da April! Vou mandar uma mensagem pra ela. – Escrevo avisando que chego em breve.

– April? – Liv repete quando se levanta da mesa, e, quando desvio o olhar do telefone e a encaro, tenho certeza de ver o fim de um sorriso.

– Isso, April Nowinski. Não sei se a conhece. Acho que não.

– Não, mas… – Ela sorri de verdade e fica um pouco vermelha. – Sabe quando a gente *não se conhecia* de verdade, mas *tinha conhecimento* da existência uma da outra? É o que acontece com as pessoas queer.

– Ah, é, acho que sim.

– Ela estava com Juliet no ano passado, não estava? Que agora está com Rosie? Ou acabei de comentar sobre fatos que deveriam ser confidenciais?

É minha vez de segurar a porta pra ela, mas fico meio triste por estarmos indo embora, por esse encontro ter acabado, em vez de estar só

começando. Sinto que passamos pouco tempo juntas, mas foram *horas*, na realidade.

– Não, isso tudo é de conhecimento público. April não está feliz com isso, mas não é como se não soubesse.

– Então, April não está… hum… – De repente, Liv parece estar sem graça, uma atitude muito distante da confiança que ela demonstrou desde o início da nossa conversa. – Ela não está com ninguém?

Balanço a cabeça e tento não sorrir. Não quero que ela se sinta *ainda mais* constrangida.

– Hum… – ela murmura, como se ouvisse uma informação só ligeiramente interessante.

– Bem – aviso, apontando para o outro lado da Estação Forest Hill –, ela mora do lado de lá, então vou por baixo da ponte.

– Eu também moro do lado de lá – ela conta, e acena com a cabeça na direção do Horniman Museum. – Então…

– Então, acho que a gente se vê em breve?

– Com toda a certeza.

Nós nos despedimos com um abraço, e é bom sentir alguém me envolver com os braços e saber que a pessoa não está pensando: *Nossa, quanta coisa pra abraçar!* Em seguida, cada uma segue seu caminho.

– Ei! – Liz me chama alguns segundos depois. Olho pra trás, para ela. – Não esquece de contar pra April como essas horas que você passou comigo foram divertidas!

– Não vou esquecer! – respondo.



# Capítulo 18

O quarto de April já está escuro quando chego lá, meia hora mais tarde.

– Meu Deus, onde você estava? – ela pergunta, impaciente, de sua posição aparentemente confortável na cama. – Passei um tempo escondida no guarda-roupa esperando você chegar pra poder pular e te assustar, mas fiquei entediada e desisti.

– Ah, você não faz isso há tanto tempo que acho que teria me matado.

– E aí? – Ela se afasta para abrir espaço pra mim na cama. – Conta tudo.

– Tudo o quê? – devolvo, fingindo que não entendi.

– O que estava fazendo? Que mistério é esse? Teve um encontro com o Ollie? Um encontro de verdade?

– Meu Deus! Não! Quem me dera… Eu estava com Liv.

– Liv Bennett? – Ela parece curiosa, e de repente me dou conta de que não quero de modo algum ouvir April dizer que Liv é horrível, ou que ouviu uma fofoca sobre ela, ou alguma outra coisa. No espaço de uma tarde, ela se tornou alguém de quem quero ser amiga. Como sou amiga de April, Salma e Jessica.

– Isso – respondo.

– Uau! Como ela é?

– Muito legal – digo. – Incrível, impressionante.

– Ela é legal demais. Tipo, muito legal. Quero saber tudo.

– Por quê? Gosta dela?

Ela assume um ar sugestivo.

– Talvez…

– Ah, é?

– Não acha que ela é linda? Olha só a altura, e aquele cabelo!

– April! Nunca ouvi você falar desse jeito de alguém! Sempre banca a desinteressada!

– E daí? – Ela dá de ombros. – Me deixa viver minha verdade!

– Ela… – Sorrio, saboreando o poder de saber uma coisinha. – Ela parecia interessada em você.

– O quê? – April grita, eufórica. – Está brincando?

– Não estou! Isso seria cruel!

– Uau!… ok… uau!… – ela repete, tentando assimilar essa nova e deliciosa informação. – Uau!…

– Eu disse que achava que ela não era seu tipo – comento, tentando ficar séria enquanto olho para ela pelo canto dos olhos.

– O quê? Por que faria isso? – ela reage, batendo no meu braço.

– Meu Deus, é brincadeira! Não falei nada! Nem sabia se você tinha conhecimento da existência dela!

– Como é possível não ter? Ela tem um metro e oitenta de altura, é extremamente gostosa e gay confirmada. Como é que vocês duas demoraram tanto pra fazer amizade?

Suspiro.

– Acho que foi porque nós duas estávamos com um pouco de vergonha de tentar uma aproximação com a única outra garota gorda do nosso ano. Não sei, talvez eu esteja projetando. Talvez Liv nunca tenha pensado em mim. Mas, sim… acho que fiquei um pouco… constrangida com isso, sabe? Tipo no sétimo ano. E depois, quanto mais demorava, mais estranho ficava, tipo, *ah, não, espera, na verdade, quero ser sua amiga porque hoje em dia não tenho mais vergonha de ser uma vadia gorda*, sabe?

– Sim, acho que entendo – diz April, e balança a cabeça, pensativa. – Eu, por exemplo, passei muito tempo sem querer fazer nada que pudesse plantar na cabeça das pessoas a ideia de que sou gay. Então, definitivamente, não queria ter nada a ver com Rosie Wood quando ela foi a primeira a sair do armário, depois que todo mundo ficou em cima dela por ela ser lésbica, o que ela *era*, sim, mas não é esse o ponto. Eu

não queria virar alvo por associação.

– E agora não quer papo com a Rosie porque ela roubou sua namorada – digo, torcendo para ter liberdade pra fazer esse tipo de comentário, agora que April está distraída com a ideia de se aproximar de Liv.

– Exatamente.

O que April e eu fazemos quando somos só nós, quando Jessica e Sala não estão, é assistir a filmes de terror. Não precisa ser um filme novo. Não precisa ser bom. Só precisa ser um filme de terror.

– Quer alguma coisa que já viu ou algo novo? – ela pergunta, abrindo o laptop.

– Vamos ver O *chamado* – sugiro com um sorriso, lembrando como April quase não dormiu depois que assistimos a esse filme pela primeira vez.

– O americano, não é? – ela pergunta, esperançosa.

– Não! O japonês!

Ela cobre o rosto com as mãos.

– Tudo bem – concorda, e começa a procurar o filme em seus vários grupos de internet. Depois nos acomodamos embaixo do edredom da cama de solteiro, espremidas, agarradas quando ficamos com medo, o que acontece sempre, porque, apesar de adorarmos filmes de terror, o que realmente amamos é sentir medo juntas. April se encolhe de puro pavor quando eles mostram o vídeo em que estão matando os adolescentes no filme, e enfia as unhas, felizmente curtas, no meu braço.

– Não tem medo de ir pra casa sozinha? – ela pergunta de olhos muito abertos quando anuncio que vou embora, depois de comermos o carbonara maravilhoso do pai dela.

– Porque acho que uma garota sinistra de cabelo comprido vai aparecer na minha frente na escuridão? Não, porque ainda tem luz lá fora.

– Você é muito corajosa – ela declara sem rodeios, voltando a ser a April de sempre. – Vai ver Liv de novo em breve?

– Não tenho planos, mas… Sim, acho que sim. Quer que eu faça uma propaganda? Se eu a encontrar de novo, quero dizer.

– Ai, meu Deus, não! Mas talvez possa apresentar a gente qualquer hora dessas.

– Talvez eu possa – concordo, e levanto as sobrancelhas de um jeito sugestivo. – Tchau, bonita!

No caminho de volta para casa me sinto um pouco animada demais, como se, vou até falar baixo, estivesse ansiosa para correr de novo. Estou começando a pensar que talvez, só talvez, eu consiga.



# Capítulo 19

Passo um pouco de rímel nos cílios e tento domar meu cabelo antes de descer com uma atitude *extremamente* casual.

– Ah, oi, Ollie… – digo. – Não sabia que estava aqui! – o que é uma tremenda mentira, é claro.

É terça-feira, dia de entregas.

– Oi – ele diz, levantando o olhar das caixas que está empilhando no carrinho e sorrindo para mim.

Tento não exagerar no sorriso de volta, mas é difícil! Ele me faz querer sorrir! Pelo menos quando não me faz querer morrer, como quando estamos correndo.

– O que vai fazer, Roo? – minha mãe pergunta.

Antes que eu possa responder, a porta bate e Jake entra.

– Caramba, que calor lá fora! O pub vai lotar de novo hoje à noite – ele diz, e bebe um gole da garrafa de água. O coletinho absurdo que usa para enxugar o suor da testa me diz que ele saiu para correr. – Ah, desculpem, não queria interromper. O que estão fazendo? – Ele olha para Ollie com desconfiança.

– Jake – diz minha mãe –, esse é o Ollie. Ele está me ajudando com as entregas, já que você demonstrou que não quer se envolver. Ollie é nosso vizinho. Ollie, esse é o Jake, irmão da Ruby.

Eles se cumprimentam com um aceno de cabeça, e Ollie volta ao trabalho. Jake está tirando os tênis no corredor, e eu me sento na

poltrona, meio sem graça, sem saber se deveria ajudar ou se isso seria só irritante. Pego a cópia de *Persépolis*, de Marjane Satrapi, que deixei em cima da mesinha ao lado da poltrona na última vez que estive aqui lendo. Viro as páginas, tentando encontrar o capítulo onde havia parado, enquanto me mantenho atenta à conversa, para o caso de eles falarem alguma coisa interessante.

– Como vão as coisas com o desafio de Ruby? – minha mãe pergunta, animada. Acho que isso é alguma coisa interessante, mas continuo olhando para o livro.

– Ah, ela está indo muito bem. – Ele olha para mim com uma expressão de orgulho sincero.

Suspiro alto.

– Não precisa mentir pra ela, Ollie – digo, sem desviar os olhos da página.

– Não estou mentindo! – ele protesta, rindo. – Eu realmente acho que você está indo muito bem. Não desistiu! Isso é meia batalha vencida! Em pouco tempo, vai estar pronta para a corrida.

– É porque não tenho tempo! – argumento. Solto o livro no colo e cubro o rosto com as mãos.

– Vamos ter que aumentar um pouco a intensidade. Levar isso mais a sério. Mas temos tempo. Tudo depende da sua cabeça.

Jake ri ao pé da escada, com uma das mãos no corrimão.

– Não é bem assim, na verdade.

A atmosfera fica tensa.

– Bom, eu… – Ollie pigarreia. – Eu discordo de você. Acho que boa parte disso tudo é psicologia.

– Que bobagem… – diz Jake, balançando a cabeça.

– Jake! – minha mãe interfere. – Sobe, vai tomar banho antes do seu turno e deixa a gente em paz. Estamos trabalhando.

– Ok. – Ele sobe a escada, pulando os degraus.

– Então – minha mãe continua, batendo palmas como se tentasse dispersar a energia ruim –, você tem os endereços, mas posso imprimi-los, se quiser.

Ollie sorri.

– Não, tudo bem. Já fiz um mapa da rota.

– Não é um garoto esperto? – ela diz, olhando para mim como se

houvesse algo de pessoal entre nós.

– Só estou tentando organizar as entregas, reduzir o tempo – diz Ollie, ajustando o capacete de ciclista.

– Você é uma grande ajuda pra mim, honestamente – minha mãe reconhece.

– Vejo você amanhã, Ruby? Mesma hora? Cinco e meia?

Estou me preparando para dizer que sim, que nos vemos às cinco e meia, quando minha mãe interfere.

– Não combinou alguma coisa com seu pai amanhã?

– Que coisa? – reajo, antes de me lembrar. – Ah, é, pizza pelo Zoom. Combinamos às sete… Será que a gente pode sair às cinco, então? Tudo bem?

Ollie dá de ombros.

– Por mim, sem nenhum problema. Desde que esteja animada e pronta como uma boa esportista – ele acrescenta, exibindo aquele sorriso delicioso.

– Pode contar com a esportista, prometo.

– Só quero ver você arrebentar! Amanhã vamos mudar de nível.

– Não sei se gosto disso – aviso, mas sorrio mesmo assim. – Mas fiz uma amiga nova outro dia, Liv, e ela fez eu me sentir muito *motivada*, sabe? Pra fazer tudo isso dar certo.

– Isso é ótimo! Fico feliz por não ser o único que pensa que você vai arrebentar. Combinado, então. Te vejo amanhã – ele diz, e bate uma continência rápida. – Ou mais tarde, talvez, quando vier devolver o carrinho. Se você tiver sorte.

Não consigo evitar o rubor. Minha mãe olha para mim, e imploro com o contato visual mais intenso de todos os tempos para ela não dizer nada, *nem uma palavra*.

– Até mais tarde, Ollie – ela se despede com alegria.

Ele sai, e minha mãe fecha a porta.

– Eita! – ela exclama.

– Eita o quê?

– Só… eita! – Ela está sorrindo como o gato da história de Alice.

– Não sei do que está falando.

– Ele estava flertando! Quer te ver mais tarde! – minha mãe fala por cima de um ombro, a caminho da cozinha.

– Acho que não, parceira – respondo, e me levanto da poltrona. Não, eu não *acho* que não, *não posso me permitir* pensar que sim, mas isso não impede o frio na barriga. Ou o calor que invade meu peito por alguém pensar que ele pode gostar de mim, mesmo que esse alguém seja minha mãe.

– Pega. – Ela joga para mim um cookie de chocolate amargo e banana que pegou de cima da bancada de trabalho. – Fiz um pouco mais.

Dou uma mordida no biscoito.

– Que delícia! Talvez seja… seu melhor trabalho até agora?

Comendo meu cookie e pensando em Ollie, como faço com tanta frequência ultimamente, bato na porta do quarto de Jake e não espero a autorização dele para entrar.

– O que foi aquilo? – pergunto.

Ele está sentado na cama, enxugando a cabeça com uma toalha depois do banho.

– O quê?

– Você sabe, dizer que Ollie estava falando bobagem. Alguém que você acabou de conhecer, literalmente?

– Era bobagem, mesmo – ele insiste, relaxado. – Se você está em boa forma, pode disputar a prova. Se não está, não pode. Isso não tem nada a ver com a cabeça. É uma idiotice.

– Acha que não vou conseguir, então?

Ele sorri para mim.

– É, acho, na verdade. Mas estou ansioso pra ver você tentar.

– Como pode ter tanta certeza de que não vou conseguir? – Tento não dilatar as narinas de irritação. Não quero que ele saiba até que ponto consegue me perturbar.

– É só olhar pra você – ele diz, e joga a toalha no chão. – Não está levando isso a sério.

– O quê?

– Se estivesse se importando com a prova, não comeria cookies todos os dias – ele esclarece, e revira os olhos.

– Eu me importo com a prova *e* como cookies todos os dias. Prefiro morrer a beber aquela bobagem de pó de proteína, se é disso que está falando.

– Bom, isso é evidente, não é? Enfim, quando mudar de ideia sobre

toda essa besteira feminista sobre o corpo, eu faço um shake de proteína para você. – Sua expressão e o tom de voz são de extrema condescendência.

– Eu não vou mudar de ideia.

Ele encolhe os ombros.

– Tanto faz. Mas não pode correr cinco quilômetros nesse estado. Isso é só um fato.

Não discuto mais com ele. É inútil. Quanto mais falo com ele, mais tenho que ouvir as coisas que ele diz, coisas que eu *sei* que as pessoas pensam sobre o meu corpo, ou sobre corpos como o meu, mas não preciso *ouvir* isso o tempo todo. Sei que foi uma besteira aceitar o desafio, mas eu realmente pensei que seria capaz de ir até o fim. Sim, tenho meus altos e baixos, e minha confiança oscila, mas… pensei que conseguiria. Com um pouco de prática e dedicação, sabe?

Mais tarde, quando Ollie toca a campainha para devolver o carrinho, não desço para vê-lo. Não estou com disposição para isso. Fico no meu quarto. Posso vê-lo da janela. Ele não pula a mureta que divide os jardins da frente para ir pra casa; caminha até o fim da calçada estreita, passa pelo portão enferrujado e barulhento e olha para trás, como se pensasse que eu poderia aparecer na porta a qualquer momento. Não, é mais que isso. Como se tivesse *esperança* de me ver ali.



# Capítulo 20

Ai… Quarta-feira. Eu estava com medo desse dia. Tinha não uma, mas duas razões para sentir esse medo. Duas! O que aconteceu com os dias com zero razão para sentir medo?

Minhas razões são estas: primeira, tenho que correr durante *vinte minutos* sem parar. Você já ouviu falar em algo assim? Eu? Ruby Morgan correndo por vinte minutos inteiros? Isso progrediu demais, não? Bem, foi o que eu disse ao Ollie na segunda-feira. Ele me fez correr por oito minutos sem parar, o que não foi ótimo, vamos ser honestas, seguidos por uma caminhada de cinco minutos, que foi muito melhor, e depois fizemos oito minutos de corrida outra vez. Ele tentou conversar comigo na segunda rodada para ter certeza de que eu estava bem, mas me senti fisicamente incapaz de falar. De jeito nenhum. E então, no fim, ele anuncia que hoje vamos "subir o nível" e fazer vinte minutos sem intervalo? Um absurdo, se quer saber minha opinião!

E aí… a segunda razão: hoje é dia da pizza pelo Zoom com meu pai. Sasha e Jake agora fazem parte do esquema, o que pode tornar a situação menos incômoda, mas não estou nem um pouco animada.

– Seu irmão é sempre assim? – Ollie pergunta, tentando parecer bem-humorado e relaxado, mas é evidente que não superou o modo como Jake o tratou no outro dia.

– Meio que sim… é o jeito dele. Ele pensa que, por treinar o tempo todo, é o rei do mundo, e todos nós, meros mortais, somos só

desleixados e bobos.

Ollie ri.

– Fico feliz por você não se deixar intimidar por ele… acho.

Ao ouvir isso, percebo que, se eu realmente não me deixasse intimidar por Jake, não estaria nessa situação. Só me meti nesse treinamento porque ele me perturba, sim. Queria que ele não tivesse o poder de me abalar desse jeito, mas na verdade ele tem.

– Caso ainda não tenha notado, sou uma grande fã de fazer as coisas do meu jeito – respondo, porque nesse momento não quero discutir com Ollie as complexidades da dinâmica da minha família e do relacionamento com meu corpo.

– Muito bem. – Ele bate palmas e adota uma atitude profissional. – Em vez de correr em parques, como temos feito, hoje vamos correr em algumas ruas também, porque vai ser um treino mais longo.

– Ruas com ladeiras? – pergunto, nervosa.

– Vou tentar reduzir as ladeiras ao mínimo – ele promete, sorrindo. – Tenho um plano, é só me seguir. Sei aonde vamos. – Andamos até o topo da colina antes de a rua descer novamente em direção ao Mayow Park. – Pronta? – ele pergunta.

– Pra correr durante vinte minutos sem parar?

– É… mas não pensa nisso desse jeito. Só encara um passo de cada vez.

Engulo em seco. Não me sinto pronta, de jeito nenhum. Tenho a sensação de que minha cabeça está cheia de nuvens escuras. Mas talvez eu me surpreenda comigo mesma.

– Vamos – digo, um pouco nervosa.

Ollie olha para mim com uma cara meio preocupada, mas prepara o cronômetro do celular mesmo assim, e começamos a correr.

Corremos pela rua e passamos pela escola, que está vazia nas férias de verão. Até aqui, tudo bem, ainda estou correndo. Quando chegamos ao fim da rua, viramos para continuar pela via do outro lado do parque, antes de entrar nele e dar uma volta completa na pista externa. Ainda estou correndo. Quantos minutos foram? Nem perto da metade, aposto. Quando passamos pelo playground, alguma coisa em mim começa a perder força. Um pouco de tenacidade. Um pouco de motivação. Se é que elas estiveram ali em algum momento. Mas continuo, e sigo Ollie

pelo parque. Voltamos na direção do portão por onde entramos, e depois pela rua por onde viemos, até uma esquina onde viramos para uma viela onde fica a casa de April. Mas não estou aguentando mais. Não sei como vou conseguir terminar isso. Há muitos minutos entre mim e o fim. Muitos metros que minhas pernas ainda precisam correr. Vou ter que respirar muitas vezes enquanto forço meu corpo a fazer uma coisa que não quero fazer agora.

Dane-se. Não vou conseguir. Isso não está acontecendo.

Paro de repente. O alívio sobe por minhas panturrilhas. Mas não chega ao cérebro. Assim que reduzo a velocidade, lamento profundamente não ter continuado. Podia ter continuado, não podia? Talvez?

– Tudo bem? – Ollie pergunta por cima do ombro, antes de parar e voltar.

– Eu não… consegui… – murmuro com o peito arfante.

– Tudo bem, está tudo certo – ele afirma pra me consolar.

– Merda… – resmungo, dobrada ao meio. – Talvez eu não seja capaz…

– Olha, Ruby, por favor, por favor, não entra em pânico. Foi um salto muito grande. Talvez tenha sido grande demais. – Ele olha para o telefone. – Corremos quinze minutos, e essa foi uma grande conquista.

– Ah, isso é tudo uma grande perda de tempo. Estou só te fazendo perder tempo, não é?

– De jeito nenhum! – ele protesta. – Você já chegou muito longe, e é óbvio que pode fazer o que quiser, pode desistir a qualquer momento, mas acho que seria um erro abandonar tudo agora só por causa de um tropeço. – Ele está olhando para mim com tanta ternura que não me sinto *capaz* de desistir agora.

Levanto o tronco e olho em volta.

– Acho que Liv mora por aqui. – Franzo a testa, tentando desesperadamente recuperar o fôlego. – Rápido, vamos sair daqui, não quero encontrar mais nenhum conhecido estando neste estado.

– Ah, você está ótima! – Ollie garante, e me cutuca, brincalhão.

Suspiro.

– Ainda tem a sexta-feira; podemos fazer mais uma tentativa. – Pensar em correr de novo me causa náuseas neste momento, mas, até lá, vou me recuperar.

– Na verdade, não – ele me corrige. – Vou viajar no fim de semana;

retomamos só na segunda-feira.

Em meio ao clima ruim do dia, e ao clima ruim específico de não ter conseguido concluir o treino, a decepção me pega de surpresa, e depois o constrangimento por ter me decepcionado. São só alguns dias. Relaxa, Ruby!

– Ah! – exclamo, fingindo animação. – Pra onde você vai?

– Brighton. – Ele suspira.

– Qual é o problema com Brighton?

– Nenhum, é só… o contexto. Meus tios, a irmã da minha mãe e o marido dela estão chegando da Itália, e meus pais não querem que eles conheçam nossa casa nova. Por isso insistiram pra nos encontrarmos em Brighton.

– Sua casa nova que é exatamente igual à minha casa? – digo, tentando revirar os olhos.

– Sim, e é óbvio que não vejo nada de errado nela, mas meus pais se preocupam muito com essa coisa de manter as aparências, e eles se sentiriam muito mal se meus tios vissem que não moramos mais em uma casa grande e luxuosa.

– Que coisa horrível…

– É, e por isso vamos a Brighton. Mas voltamos na segunda-feira, ok?

– É claro – respondo. – Vou criar coragem pra correr sozinha no próximo treino.

– Vou sentir falta da nossa sessão da tarde! E vou pensar em você às cinco e meia da sexta-feira.

Reviro os olhos.

– Vai nada.

Ollie não responde. Só franze a testa e parece incomodado.

E, falando em desconforto… tenho que ir para não perder o Zoom com meu pai. Ai! Não estou no clima para isso. Não seria o melhor dos momentos, e este é o *pior* dos momentos. Me sinto um fracasso.



# Capítulo 21

Tomo banho, me visto e desço. Jake apoiou o laptop dele sobre uma pilha de livros grandes.

– Tudo certo… – ele diz sem olhar para mim.

Percebo que também está nervoso com isso.

– Sim.

– Mamãe pediu as pizzas. Devem estar chegando.

– Tudo bem – respondo. – Quer que eu faça alguma coisa?

– Não, acho que não. Hum, talvez ir buscar Sasha?

Ando até o primeiro degrau da escada e falo o nome dela. Minha irmã aparece de pijama.

– Não esqueça que vamos falar com o papai agora, ok?

– Ah, é – ela diz. Apesar de Sasha ter esquecido, evidentemente sinto uma estranha satisfação por saber que a situação não a incomoda como tem me incomodado.

Ouvimos a campainha, e minha mãe vai atender. O cheiro de pizza invade a sala, e eu vou ajudá-la com as caixas. Olho para o relógio da parede da sala. Faltam poucos minutos para o horário combinado. Vou pegar os pratos e sirvo os pedaços de pizza (marguerita para Sasha, pepperoni para Jake e uma com coisas salgadas para mim), levo os pratos para a sala, e então chega a hora, e nos acomodamos no sofá. Minha mãe vai para a cozinha confeitar um bolo de aniversário, girando o prato com uma das mãos enquanto espalha a cobertura com a outra.

Jake abre o link que papai mandou para nós, e, quando entramos no Zoom e meu irmão se senta no sofá, estamos todos tão pouco à vontade que mais parece um vídeo de reféns, mas com pedaços de pizza.

Meu pai *sempre* se atrasa para tudo. Hoje não é uma exceção, e ficamos ali sentados em silêncio, vendo nossos rostos refletidos na tela, pensando em como é estranho estarmos todos no mesmo sofá quando, normalmente, estaríamos espalhados pelos diferentes assentos da sala. Mas hoje temos de nos espremer dentro da moldura pra ele poder ver todo mundo. Não tem nada de natural nessa situação. Mas o rosto do meu pai aparece, e é tão igual a tudo o que vimos durante a vida toda, que meu peito dói. Não como quando estou correndo, com a pressão da respiração curta e difícil, mas de um jeito que me faz sentir pesada e vazia ao mesmo tempo. Seus olhos castanhos, o cabelo quase preto, a barba que começa a ficar grisalha e a suavidade dos traços, como um filhotinho grande, ou alguma coisa assim… Esse é o rosto que vi durante toda a minha vida até este verão. Esse é meu pai.

– E aí, cambada horrorosa?! – ele fala com um sorriso largo quando aparecemos na tela, exatamente como dizia quando chegava em casa depois do trabalho.

– Oi, pai – diz Sasha.

Eu e Jake ainda não falamos nada; ainda estou muito perturbada com essa coisa de ver o rosto dele em vídeo, e não pessoalmente, mas depois me lembro de que o objetivo de tudo isso é podermos conversar, então digo:

– Oi! – O cumprimento sai animado, melodioso demais. Deve soar falso, mas é o melhor que posso fazer agora.

Jake só resmunga alguma coisa que pode ser um *oi* ou só um grunhido, quem sabe?

– Pediram pizza? Do Gino's, não é?

– Sempre – confirmo, forçando um sorriso. Levanto o prato para mostrar minha pizza com anchovas, azeitonas e alcaparras.

– Salgada! – ele diz, torcendo o nariz em sinal de desaprovação.

– E você, Sasha? Pediu marguerita? – Sasha assente e come um pedaço. – E você, Jake, aquela cheia de carne?

– Não, só pepperoni – ele resmunga.

Percebo que todo o trabalho vai ficar para mim.

– Já encontrou uma pizzaria nova? – pergunto.

– Estou procurando. Gem… – Ele para e se corrige. Gemma. Uma palavra proibida. Pelo menos agora. – Soube que o lugar onde pedi esta aqui é o melhor da região, mas não é como a do Gino's. Não é ruim, mas…

– Não existe pizza ruim – comento. E depois ninguém fala nada. E ninguém fala nada. E ninguém fala nada. – Como… – começo, mas meu pai fala ao mesmo tempo:

– Pode falar, Roo – ele diz.

– Não, não era nada. – Balanço a cabeça. – Só ia perguntar como vai o novo trabalho.

– Ah, tudo bem, nada muito empolgante… mas imagino que contabilidade nunca tenha sido empolgante, não é?

– Não – Jake responde com tom seco. Eu me lembro da ocasião em que Jake reclamou por minha mãe não ter deixado a gente atender à ligação do meu pai no meio do jantar. Como parecia ansioso para falar com ele. E agora, que pode vê-lo "em pessoa" (mais ou menos), toda aquela animação desaparece. É real demais. É muita coisa pra cabeça.

– Então… – meu pai tenta de novo com um suspiro. – O que estão fazendo nas férias?

– Ruby sai pra correr – Sasha conta, entusiasmada, o que me faz sentir uma pequena vibração em algum lugar do peito.

– É mesmo? – Ele reage como se Sasha só pudesse estar enganada.

– É mesmo – confirmo, e espero que Jake se manifeste para deixar claro quanto essa ideia é absurda, mas ele continua em silêncio. E é assim que percebo que meu irmão está se sentindo realmente derrotado. Deixou passar uma oportunidade para debochar de mim. – Vou me inscrever na Dawson Dash. E vou tentar ganhar a prova – concluo.

– Ah! – Meu pai parece achar a proposta engraçada. – Que legal!

– Jake tem ficado em casa e trabalhado no pub à noite. Não é? – continuo, olhando para meu irmão.

– É – ele confirma.

– As gorjetas são boas? – pergunta meu pai.

– É, não são ruins – Jake responde, olhando para a câmera enquanto fala, o que é uma grande mudança, depois do modo como evitou fazer contato visual com papai até agora.

Silêncio. Todos nós fingimos que a pizza é muito interessante e importante, e mastigamos de cabeça baixa. É muito diferente daquelas noites de quarta-feira com pizza em casa.

De repente, meu pai olha para o lado, e ouvimos um tilintar de chaves.

– Oi, meu bem! – diz uma voz de mulher, e nós a vemos surgir no campo da câmera do laptop e beijar o rosto dele. E, do nada, sinto meu estômago virar do avesso. Como se eu estivesse em um elevador que despenca dez andares de uma vez só. Sinto isso em mim e, de alguma forma, por minha mãe, que nem está aqui. Ah, não. Isso não fazia parte do plano…

– O que está vendo? – Ela olha para a tela. Um rosto. Cabelos castanhos e compridos. Maquiagem perfeita. Um vestido floral leve. – Ah!

– Gemma! – ele reage, quase furioso. – Eu falei! Avisei que era hoje! Pensei que fosse ficar fora!

– Eu esqueci! – ela responde, irritada. – Por acaso isso é crime?

Ficamos sentados em um silêncio tenso até a voz de Jake interromper o momento, mais alta e trêmula que de costume:

– É ela?

– Jake, eu… – meu pai começa, antes de se virar para a mulher. – Pode ir pra outro lugar, por favor? Só enquanto eu resolvo isto.

– Tudo bem! – a mulher concorda, impaciente, e desaparece. Mas não faz muito sentido meu pai tentar se livrar dela, porque Jake pula para a frente e fecha o laptop, antes de se jogar contra o encosto do sofá e roer a unha do polegar com uma expressão sombria.

– Quem era aquela? – pergunta Sasha. É claro que já sabe o que está acontecendo, mas quer que alguém diga.

– A nova namorada dele – digo com um suspiro.

Olho para a cozinha e vejo minha mãe com o saco de confeitar na mão, imóvel, tentando decidir se deve vir para cá ou não. É impossível que ela não tenha ouvido tudo aquilo, que não tenha percebido o que aconteceu. Sinto um nó na garganta. Agora tudo é muito real. Não que não fosse antes, mas… agora é *de verdade*. Ele está realmente em outro lugar. Está morando com outra pessoa. Tudo isso está acontecendo mesmo, e não há como voltar atrás.

– Cara… – eu falo, e passo um braço em torno de Jake, coisa que não

costumo fazer com frequência. – Você está bem? – Ele não responde, só continua roendo a unha.

– Que grande merda! – ele diz finalmente. Depois se levanta para ir para o quarto e sobe a escada pulando os degraus.

– É – murmuro, mesmo sabendo que ele não pode me ouvir.

A saída de Jake faz minha mãe abandonar o saco de confeitar e vir para a sala.

– Posso ir para o meu quarto? – pergunta Sasha.

– Leva a pizza – minha mãe sugere, e se acomoda no lugar que Jake deixou vazio no sofá.

– Não, tudo bem. Não quero mais.

Minha mãe olha para ela, tentando pensar no que dizer.

– Leva uma fatia – insiste.

Sasha suspira daquele jeito teatral e espontaneamente engraçado, mas dessa vez não consigo dar risada.

– Está bem – concorda, e tira a segunda fatia de pizza do prato que leva para o quarto.

Ficamos só minha mãe e eu.

– Isso foi difícil… – falo.

– *É* difícil, não é? – Minha mãe morde o lábio. Morde a pele exatamente como eu.

– Mãe… – Sinto o coração pesado e cheio ao mesmo tempo.

– O que é, meu bem?

– Você está bem?

Ela faz uma pausa de um segundo antes de rir, mas não é uma risada sincera. É como se percebesse que era isso que tinha de fazer.

– Estou bem, Roo. Não se preocupe comigo.

– É que…

– O quê?

– Vi você no jardim duas vezes. À noite.

– Bem, então… É difícil, sim. Muito difícil. Essa é a verdade, tanto pra mim quanto pra vocês. Mas *você* não tem que se preocupar.

– Mas eu me preocupo.

– Lembre-se, Roo, eu tenho muitos amigos, e a tia Siobhan, e muita gente com quem conversar, se me sentir deprimida por isso. Já disse, não é nada com que você tenha de se preocupar. Sim, às vezes fico mal, mas

vai passar, vou ter de superar isso. Não quero que se preocupe comigo. – Ela me encara e abre os braços. – Você é boa demais. Uma menina muito boa.

Aceito o abraço.

– Estou bem. – Ela beija o topo da minha cabeça.

É possível que, no fim, todos nós fiquemos bem.



# Capítulo 22

Quando encontro Liv na segunda-feira, estou meio animada para sair e correr de novo no fim da tarde, a fim de provar para mim mesma que sou capaz disso, e meio preocupada e nervosa com a possibilidade de não ser capaz, literalmente.

Liv suspira.

– Isso é só uma dificuldade temporária. É só um momento ruim – ela diz, e nos debruçamos na grade do Horniman Gardens para tentar tocar na alpaca. A alpaca não quer saber de contato, e respeitamos a vontade dela. – Tipo, seu irmão foi escroto com você. Depois, você descobriu que correr é difícil. Descobrir que correr é difícil não prova que seu irmão estava certo. Na verdade, só prova que boa parte de tudo isso, ser ou não ser capaz disso, está na sua cabeça.

– E foi *exatamente isso* que provocou toda a situação com meu irmão! Esse mesmo assunto!

– E você estava certa. Saiu pra correr questionando se era capaz disso ou não, se seu corpo permitiria que você corresse. Em vez de pensar "Porra, é isso, é claro que consigo, por que não conseguiria?" Entende?

Admito.

– Ainda existe uma grande chance de eu não conseguir. De não ser uma corredora, de não ter nascido pra isso.

– É claro que sim! Não é pra todo mundo, e você pode desistir a qualquer momento, é óbvio, mas… você gosta disso, não gosta? Do

sentimento de satisfação quando termina, das benditas endorfinas?

– Gosto…

– Então! Essa é a única razão de que precisa pra continuar, porque você *pode*. Já está correndo. E, de qualquer maneira, você não é a primeira gata gorda e legal a vestir um top esportivo.

– Não, tem… você – digo, tentando pensar em outras.

Liv pega o celular do bolso de trás e bate na tela com o polegar de unha curta, roída. Ela me mostra o telefone.

– E tem ela – diz, e protejo os olhos do sol para enxergar a tela, onde vejo uma mulher de pele escura fazendo uma pose invertida de ioga.

Ela vira o celular, depois me mostra o aparelho de novo, e vejo uma mulher de cabelos brilhantes e cheios de movimento vestida com um conjunto de lycra pink em uma praia, fazendo boxercise. E depois uma outra coberta de tatuagens levantando pesos com um sorriso no rosto. Todas gordas. Sinto o calor se espalhar pelo meu peito. Conforto, acho que é isso.

– Todas gordas – diz Liv, como se lesse minha mente. – E, como você disse, tem eu. E tudo isso é ainda mais verdadeiro do que o que seu irmão disse. Porque isso é real! Essas mulheres são reais! Eu sou real! Você é real! Ele é o único que está inventando um monte de merda!

Concordo, sentindo um sorriso se formar no meu rosto. Minha última tentativa foi tão ruim, tão desmotivadora, tão *blé*, que acho que realmente acreditei que Jake estava certo.

– Siga *todas* elas – diz Liv. – É uma ordem. Vai ser bom pra você, e vai colaborar com o esforço pra ajudar sua irmã.

– Vou seguir! – E depois, querendo retribuir o favor, digo: – April ficou muito animada quando soube que eu tinha estado com você.

Liv levanta uma sobrancelha. Eu deveria perguntar como ela faz isso, mas agora não é hora para isso.

– Ficou?

– Sim. Acho que vocês duas precisam se conhecer em algum momento. Tipo, posso fazer a apresentação de um jeito que não cause constrangimento.

– Eu topo – Liv responde, tentando parecer indiferente, mas sei que ela gostou da ideia. Ruby Morgan bancando o cupido! Não existe um limite para as minhas competências?

Pois essa questão é posta à prova quando saio com Ollie no fim daquela tarde. Eu sou *capaz* disso?

– Vamos experimentar uma rota um pouco diferente – ele diz. – Começamos do outro lado do parque, desta vez, só pra você não ter a sensação de que está fazendo exatamente a mesma coisa sempre. A última vez não foi muito boa, mas nada impede que você arrebente hoje.

Balanço a cabeça, concordando.

– Eu sei – respondo com uma expressão determinada.

– É isso que eu quero ouvir mais! Pensei muito em você no fim de semana. Eu me senti muito mal, como se tivesse te abandonado quando você mais precisava de uma injeção de ânimo. Mas parece que você se recuperou sozinha.

– É o que vamos ver. Pelo menos hoje estou com a cabeça boa.

Ele olha para o celular e programa o cronômetro.

– Comece só andando. No começo, mantenha a velocidade baixa na medida da sua necessidade, pra conseguir ter energia até o fim. Não é bom queimar todas as energias logo de cara. Pronta?

– Pode apostar.

– Vamos!

E partimos. Bem devagar. Mais devagar do que de costume. Mais devagar do que antes. Sei como é ter que correr por tanto tempo, e preciso ser capaz de ir até o fim. Preciso conservar minha energia e guardar o esforço para quando for realmente necessário. Corremos pela rua longa e reta, cheia de casas chiques, do outro lado do parque, e, quando chegamos ao fim dela, depois de alguns minutos, minha respiração começa a mudar. Sinto o ar preso no peito. Mas não vou deixar isso me vencer.

Como se pudesse ler minha mente, Ollie diz (porque ele consegue falar enquanto corre, como se não fosse nada de mais):

– Inspira profundamente pelo nariz e solta o ar devagar. Tenta se concentrar só nisso, por enquanto.

Respondo com um movimento afirmativo de cabeça, para não desperdiçar minha preciosa energia falando.

Inspiro. Lentamente. Solto o ar. Lentamente. Inspiro. Lentamente. Solto o ar. Lentamente. Sinto o número de vezes que meus pés tocam o

chão aumentar entre um ciclo e outro de respiração. Sinto meu corpo me obedecer cada vez mais. Só preciso continuar assim: continua, não para. Só preciso não parar. E não paro; ainda não. Continuo seguindo Ollie pelo Mayow Park e pela rua externa, e de volta para o portão mais distante, do mesmo lado. Subir correndo a leve inclinação da rua fora do parque é como escalar o Everest, mas eu subo. E continuo. Continuo porque posso. Porque sei que posso.

– Já fizemos a metade! – diz Ollie, e uma parte de mim não consegue acreditar que temos de fazer tudo isso de novo, que mal cheguei ao outro lado da montanha, mas uma parte mais impositiva diz *é claro que você consegue fazer isso de novo.*

E eu o sigo pela rua onde começamos no outro dia, mas correndo em direção oposta, e penso em como tinha certeza de que simplesmente não era capaz disso e em quanto me arrependi de provar para mim mesma que estava certa, e continuo até chegarmos ao fim da rua e virarmos à direita na Dacres Road, e tenho certeza de que consigo ouvir um pica-pau na reserva natural, e penso em quanto isso é legal, e que eu não estaria ouvindo isso se estivesse em casa agora, e é isso! Do outro lado desse quarteirão de prédios de apartamentos fica a descida! Um alívio maravilhoso domina minhas panturrilhas doloridas quando descemos a rua, o que significa que, quando chegamos à curva para começar a correr toda a extensão da Inglemere Road, meu corpo está preparado para isso, depois do breve descanso. Meu corpo se sente preparado para isso! Apesar da dor e da respiração difícil, ainda estou correndo! Andei por esta rua centenas de vezes em minha vida, e só agora, que tenho de correr por ela, percebo que não é plana, mas uma leve subida. Sinto cada grau dessa inclinação enquanto sigo em frente, correndo logo atrás de Ollie. A igreja modernista no fim da rua parece muito distante, mas vou chegar lá se continuar colocando um pé na frente do outro. Na verdade, é impossível *não chegar* lá, se eu só continuar avançando. E eu continuo, e, quando voltamos para a descida da Dacres Road e viramos à direita para seguir a trajetória descendente, sinto uma imensa gratidão por mim mesma por ter acabado de subir e descer correndo a Inglemere Road, depois da última vez que estive aqui nesta esquina. Eu me sinto grata, feliz e completamente determinada a ir até o fim disso, porque sou capaz. Passamos correndo pela casa que

tem o urso-polar de pelúcia em tamanho natural na janela, pelo prédio de apartamentos cujo jardim fica coberto de açafrões na primavera, e seguimos, seguimos até que…

– Para! – diz Ollie. – Você conseguiu!

Dobro o corpo para a frente, vencida pelo enorme esforço de não desistir, de dizer ao meu corpo que ele era capaz disso porque meu cérebro sabia que eu era capaz. Meu peito parece estar cheio de metal, de peças duras que balançam dentro dos pulmões. Mas também sinto uma euforia, uma leveza ali dentro… Isso é o que chamam de… endorfina?

– Continua andando! Não fica parada por muito tempo! – Ollie me diz, e volto a andar, relutante.

– Eu… consegui… – ofego. Queria saber quanto isso está longe dos cinco quilômetros da Dawson Dash. Até que ponto estou distante do meu objetivo?

– Você conseguiu! Eu sabia que você era capaz disso! Sabia que conseguiria! – ele anuncia, sorrindo.

Me sinto um milhão de vezes melhor do que na quarta-feira passada. Não consegui esse resultado na semana anterior porque, literalmente, *não era capaz disso* naquele momento. Meu cérebro não estava na frequência certa. Eu me sentia toda errada, desanimada, derrotada. E isso me impediu de conseguir. Mas hoje deu tudo certo. Eu me senti motivada, inspirada e determinada, e por essa razão *fui capaz* disso. Eu arrebentei!

Bom, mal consigo me arrastar escada acima quando tenho de atravessar a ponte de volta para casa, mas consegui. Minhas pernas tremem tanto quando tento descer do outro lado, que tenho de ir devagar como uma lesma.

Ollie olha para mim de onde está, vários passos lá na frente.

– Quer ajuda? – oferece.

– Não, tudo bem – respondo.

– Tem certeza? – ele insiste, estendendo a mão para mim. Não quero que ele toque minha mão suada em um momento como esse! De jeito nenhum!

Balanço a cabeça afirmativamente e continuo descendo devagar.

– Você está progredindo muito, sabe? – ele comenta no trecho curto

entre a ponte e minha casa.

– Eu sei. Quero dizer, agora eu sei. No começo estava tentando parecer confiante, mas não acreditava em mim de verdade. E depois, quando comecei a correr mesmo, *realmente* não acreditava na minha capacidade. Mas agora… talvez acredite… Liv me incentivou muito e me mostrou todas aquelas garotas plus-size muito legais, e isso me fez sentir meio que *é, isso está dentro das minhas capacidades*, sabe?

Ollie concorda, pensativo, como se tentasse entender de algum modo.

– Então, de agora em diante, vamos só acrescentar cada vez mais tempo até a corrida. Que é…

– Daqui a três semanas – digo, e sinto um nó no estômago quando penso nisso.

– Bem – ele responde com um movimento dos ombros –, se mantiver essa atitude de hoje, nada vai impedir que esteja totalmente preparada nas próximas três semanas.

Junto as mãos com um estalo.

– Você e Liv me dão todo o incentivo de que posso precisar.

– Você e ela estão se tornando bem próximas – ele comenta, olhando para mim como se tentasse ler minha expressão.

– Sim, ela é legal. Muito legal – confirmo, tentando decifrar o que ele quer que eu diga.

– Ah, aliás, não se esqueça de fazer a inscrição. Mandaram o link para o nosso e-mail da escola há alguns dias.

– Eu nem me lembrava de que tínhamos e-mail da escola… não sei nem se vou me lembrar da minha senha… – comento, tentando recordar aquele dia, eras atrás, quando a criei. Que senha meu cérebro teria criado naquele dia específico?

Ollie sorri.

– Criei minha senha no começo das férias de verão; isso ajuda, acho. Quer que eu faça sua inscrição quando fizer a minha?

Olho para ele, constrangida, me sentindo meio imprestável.

– Quero, por favor.

– Tudo bem. Eu faço sua inscrição. Assim, não vai poder desistir.

– É claro que posso. Basta não aparecer.

– De jeito nenhum. – Ele balança a cabeça. – Tenho a sensação de que você é o tipo de garota que vai até o fim quando diz que vai fazer

alguma coisa.

Fico vermelha.

– É, acho que sou…

Estamos chegando em casa, e me sinto tão animada, leve e cheia de amor pelo mundo, que não quero que Ollie vá embora.

– Ah, espera um segundo – ele diz, e levanta um dedo. – Espera aqui. – Depois corre para a casa dele e entra, deixando a porta encostada. Um minuto depois, ele sai com uma caixinha de papelão amarrada com uma fita vermelha. O que é aquilo?

Quando me entrega a caixa, a mão dele toca a minha, e ela é tão macia e quente que sinto vontade de segurá-la. Puxo a fita que envolve a caixa e a abro, e dentro dela encontro cookies em formato de coração confeitados com glacê e com um R elegante desenhado no meio. Sinto todo o sangue do corpo se concentrar em minhas bochechas. Olho para ele com o coração batendo forte no peito. Ele me encara, hesitante, como se eu pudesse rir na sua cara ou rejeitá-lo com delicadeza.

– Quero fazer coberturas mais complexas, porque acho que isso pode ser alguma coisa para me… especializar, quando começar de verdade, e quero treinar. Falei para o meu pai que era seu aniversário e que eu precisava fazer os cookies pra você, assim ele não me interrogaria sobre o motivo de eu estar tentando fazer isso melhor – ele explica com um sorriso triste.

– Mas não é… – protesto de um jeito meio idiota.

– Não – ele concorda, com o rosto meio vermelho. – Só senti vontade de fazer os cookies… – uma pausa – pra você.

Isso é… real? Ollie, meu crush, fez cookies em formato de coração para mim, só porque quis? Isso está acontecendo comigo? Olhamos um para o outro. Os olhos dele são muito grandes e cheios de expectativa. Não sei o que fazer. Não sei se isso é uma evidência suficiente de que ele poderia estar, talvez, um pouco, bem pouquinho interessado em mim, ou se eu deveria esperar para ver.

– Bem – eu falo, e engulo a saliva com dificuldade –, obrigada. – Cheia de confiança depois da conversa com Liv, de ter concluído a corrida hoje e desse ato aleatório de gentileza, decido ser muito corajosa. – Se quiser sair algum dia… sem essa coisa toda da corrida…

Ele sorri.

– Quero. Vamos.

– Pode ser… amanhã? Já que não vamos correr? Ou está muito em cima? – corrijo depressa.

– Não, amanhã é perfeito. Sua mãe me mandou uma mensagem dizendo que a rota de entregas vai ser mais curta, então podemos sair depois, quando eu voltar. O que acha?

– Não acredito que minha mãe manda mensagens pra você – comento, batendo com a mão na testa, mas me deliciando com a alegria de estar fazendo planos com Ollie.

– Você também pode mandar, se quiser. – Ele não olha para mim, só para o chão, onde desenha um círculo com o pé direito.

– Não tenho seu número – respondo, e não consigo evitar um sorriso.

– Me dá o seu – ele diz, pois sabe que não levo o celular quando saio para correr. Recito meu número, que ele salva no telefone. – Amanhã no fim da tarde, então. Podemos ir a algum lugar quando eu voltar.

– Temos um… – paro antes de concluir a frase. Talvez não seja um encontro. – A gente se vê amanhã.

– Até amanhã – ele diz, antes de ir para casa e me deixar ali segurando a caixa. Olho para ela e tento entender como as coisas ficaram tão boas.



# Capítulo 23

Dia de sair com Ollie! Nada pode estragar meu bom humor hoje, garanto! Não, é claro que não espero que aconteça alguma coisa esta noite, mas uma garota pode sonhar, não pode? Minha maquiagem é leve. Nada muito extravagante, nada que requeira as habilidades de Salma, mas quem sabe alguma coisa um pouco mais sedutora que um rosto suado e vermelho, como ele normalmente vê o meu. Que dia!

*Pode ligar pra mim quando tiver um minuto?*

Ah. Clássica. Alguma coisa para furar meu balão de boas energias. Uma mensagem do meu pai. Tenho um minuto agora. Acho que poderia ligar para ele. Não conversamos de verdade desde a maldita chamada no Zoom no outro dia. E isso foi há quase uma semana. Trocamos algumas mensagens, mas nada sério. Respiro fundo e toco no ícone ao lado do nome dele no alto da tela do celular.

O primeiro toque nem termina, e ele já atendeu:

– Oi, Roo. Tudo bem?

– Estou bem – respondo. – E você?

– Melhor agora, ouvindo sua voz – ele declara.

Não digo nada. Não sei o que dizer. Além do mais, era ele quem queria conversar.

– Então… a noite de quarta não aconteceu como tínhamos planejado, não é?

– É, não.

– Eu só queria dizer… que sinto muito por isso. Não era o que eu pretendia.

Fico em silêncio, sem saber se ele tem mais alguma coisa a dizer ou se agora é minha vez de falar.

– Tudo bem – respondo finalmente.

– Sei que isso não deve ser fácil para vocês…

– Não – confirmo, e engulo o nó na garganta. – No começo pensei que fosse pior para o Jake, mas é difícil pra mim também. Talvez até para a Sasha, mas ela parece estar bem.

– Este verão tem sido… – Meu pai faz uma pausa. – Ah, tem sido horrível sem vocês. E fica ainda pior com essa falta de contato entre nós.

– Eu sei… eu sei… Sei que não deveria ser tão…

– Não, a culpa não é sua – ele me interrompe, enfático. – Fui eu que criei essa confusão. E, se você precisa de tempo pra lidar com isso do seu jeito, tudo bem, por mim. Mas sinto muita saudade de vocês, só isso. Não sei o que estava esperando com tudo isso…

– É – digo com tristeza.

Também não sei o que ele esperava. Deixar a família e ir morar em outra cidade para estar com a mulher com quem ele traiu a esposa durante seis meses? Não é preciso ser um gênio como eu para saber que essa tinha sido uma decisão ruim. Mas é isso…

– Pra dizer a verdade – ele continua, e, embora não possa vê-lo *de verdade*, sinto que consigo vê-lo passar a mão na parte de trás da cabeça, como sempre faz quando está considerando alguma coisa com muita seriedade –, não sei se vale a pena.

– Hum…

Minha mãe tentou dizer isso para ele mil vezes, mas o relacionamento deles já estava tão destruído que eles não teriam conseguido continuar juntos, de qualquer maneira. Mesmo assim, ele não precisava *ter ido morar com ela*.

– Desculpa, você não precisa ouvir tudo isso.

– Tudo bem. É bom saber, acho – digo, mesmo que saber que sua decisão talvez não tenha compensado todo o sofrimento que causou seja muito, muito pior do que saber que ele sente que valeu a pena.

– Só queria pedir desculpas pela outra noite, na verdade.

– Acho que foi igualmente difícil pra nós, tipo, *ver* você aí. Teria sido difícil mesmo sem a… interrupção. Foi diferente pra mim, sabe? E acho que para o Jake, também.

– Eu sei – ele admite. – Eu sei. – Ficamos em silêncio, a quilômetros de distância. – Vamos superar tudo isso. Só queria dizer que amo vocês e que lamento muito por toda a confusão que criei este ano. Nós *vamos* superar – ele repete.

– Eu sei. – E é verdade, eu sei que vamos superar. Essa é só a parte ruim. A pior parte. E só precisamos sobreviver a essa primeira etapa. – Também te amo.

– Que bom! Bem, estou trabalhando, então é melhor voltar para a minha mesa… Mas eu não parava de pensar em vocês desde a semana passada, e só queria conversar com você. Te amo – ele repete.

E de novo eu devolvo:

– Também te amo. Tchau, pai.

– Tchau, Roo.

E, quando desligamos, nada mudou de verdade, mas é importante para mim saber que ele não está só vivendo a vida dos sonhos sem nós. Saber que isso também o machuca, que não fere só a nós.

Tento recuperar aquele sentimento de euforia de ter um não encontro com Ollie no horizonte, e começo a vasculhar meu guarda-roupa, procurando alguma coisa legal para vestir. Quando estou me trocando, com uma regata canelada na metade do caminho, cobrindo a cabeça, ouço o barulho da porta do quarto, e, quando termino de despir a regata, Sasha já está deitada na minha cama.

– Não aprendeu que tem de bater na porta?

Ela dá de ombros, olhando para mim com interesse.

– O que está fazendo?

– Bagunça, é isso que estou fazendo.

– Vai sair?

– Sim, vou encontrar uma pessoa.

– O que vão fazer?

– Ainda não sei.

– Menina ou menino?

– Menino.

– Ah…

Queria entender o que ela está fazendo aqui.

Vestida com as roupas de baixo, fico parada na frente do armário olhando o que sobrou nele, agora que a maioria das peças está em cima da cama.

Sasha continua olhando para mim, agora com uma intensidade ainda maior, grande demais para uma menina de dez anos.

– Roo – ela diz, franzindo a testa e se sentando com as costas eretas, como se quisesse ser levada a sério.

– O que é? – Espero que ela desembuche logo, porque estou quase saindo, mas também quero ser infinitamente paciente com ela.

– Você já quis ter uma aparência diferente?

Uma parte de mim quer ganhar tempo, usar o truque de devolver a pergunta: *Diferente como?* Mas entendo o que ela quer dizer. Sei por que ela está perguntando isso. E posso dizer a verdade ou mentir. Posso fingir que isso não é importante e responder *algumas vezes*, porque é verdade, porque fico cansada de ser tratada como uma anomalia pelos garotos ou por meu irmão, ou quando ligo a televisão ou leio um livro. Ou posso dizer que *não, nunca*, porque não é como se isso nunca tenha passado pela minha cabeça, mas essa resposta me dá a sensação de estar mais próxima da verdade, porque é o que sinto – eu, Ruby.

– Não – digo, o que é mentira. – Gosto da minha aparência. – O que é verdade. Vamos dar as pinceladas maiores agora e deixar as nuances para mais tarde, quando ela não tiver dez anos de idade, literalmente.

– Ah… – ela reage. Não consigo interpretar o seu tom de voz, se é de surpresa, ceticismo ou felicidade.

– Por que a pergunta?

Ela dá de ombros.

Sinto vontade de encerrar essa conversa por aí, principalmente porque tenho pouco tempo. Mas não consigo.

– Por quê?

– Queria ser mais parecida com todo mundo na escola – ela afirma com simplicidade. – Não queria ser diferente.

Penso por um segundo, tentando decidir como abordar essa questão.

– Mas… – começo, querendo fazer a coisa do jeito certo. Penso em Liv. Penso em como ela me fez sentir bem. – Mason tem olhos verdes e pele muito clara, e Charlotte tem sardas e cabelo ruivo, e Femi é mais alta

que todo mundo e negra, e Ellie tem um vão entre os dentes da frente, e Archana tem o cabelo mais comprido que já vi. Não é como se todo mundo fosse igual. É?

Ela pensa um pouco.

– Não… mas elas não são…

– Não são gordinhas? – sugiro.

Ela faz que sim com a cabeça.

– Essa é só a *sua* variação. Ninguém é igual a ninguém. Todo mundo tem alguma coisa que faz a diferença, e nenhuma dessas coisas é ruim. Pelo menos, acho que não. – Começo a me vestir. – Quero dizer… eu adoraria acreditar no contrário, mas não sei de tudo, na verdade. Então, só posso dizer o que penso. Mas o que penso é isso. E acho que não tem nada de errado comigo, nem com você – concluo, e me sento na cama para amarrar os tênis.

– Vou pensar nisso – ela fala com determinação, como se continuar se preocupando com o corpo fosse uma decisão que precisasse tomar. E talvez seja.

– Não pense demais nisso. Você deveria estar se divertindo – lembro, e me levanto com um pulo. – Agora tenho de sair, e não vou deixar você aqui xeretando em tudo enquanto não estou em casa.

– Eu não xereto! – O tom irritado a faz parecer uma mulher cansada de meia-idade, e não um anjinho de dez anos.

– Sei, sei… – respondo, puxando seu rabo de cavalo enquanto ela segue minhas instruções e volta para o próprio quarto e para as próprias coisas.

Nesse momento, ouço batidas urgentes à porta. Olho para a tela do celular para ver que horas são e descubro que é mais tarde do que eu pensava. Ollie não está com pressa. Mas por que a impaciência nas batidas?

Abro a porta.

– Ah! – reajo ao ver a mãe de Ollie.

– Oi, Ruby, não é? – Ela não espera a resposta. – Oliver contou que você é a Ruby de quando ele era pequeno, mas não sabia se a reconheceria, depois de todo esse tempo – declara apressada e com uma ruga na testa. – Eu sou a mãe do Oliver… Queria perguntar se sabe onde ele está. Você o viu?

Engulo em seco. Sei onde ele está. Na rua, fazendo entregas para a minha mãe.

– Hum… – Tento ganhar tempo.

– É que estou tentando falar com ele faz tempo, e ele não atende o celular, e agora as ligações estão indo direto para a caixa postal – ela explica, e o pânico torna seu tom mais agudo.

– E ele não costuma agir assim? – pergunto, porque realmente não sei.

– Não, não é um hábito dele – ela diz, impaciente, antes de levar a mão à testa. – Normalmente eu não me preocuparia tanto, mas acabei de ver um acidente com um ciclista na periferia de Sainsbury, e a bicicleta era parecida com a do Oliver, e fiquei desesperada porque não consigo falar com ele.

É minha vez de entrar em pânico. Meu coração começa a bater mais forte. Sinto uma vertigem. Pode ser ele? Não pode ser, pode? Mas… tem de ser alguém. O que devo fazer? Conto para ela? Tenho de contar para ela, não tenho?

– Bem, na verdade… – começo, porque não suporto mais esse contato visual silencioso –, sei onde ele está.

– Sabe? – Ela arregala os olhos.

– Ele saiu para fazer entregas pra minha mãe; ela tem um delivery de confeitaria. Ele saiu de bicicleta. – Assim que as palavras saem da minha boca, sou tomada pelo arrependimento. Mas, se ele estiver com algum problema, dizer a verdade é melhor, não é? Essa é uma situação extrema; tenho motivos para revelar o segredo, não tenho?

– Ele está fazendo o quê? Enquanto eu saio para trabalhar?

– Minha mãe é confeiteira… e ela precisava de alguém para fazer as entregas na região… e Ollie se ofereceu para fazer as entregas de bicicleta pra ganhar algum dinheiro… e ele faz isso às terças-feiras. Nas tardes de terça. Então é… bem, é onde ele está agora.

– De bicicleta… – O rosto dela é a imagem do pânico. – Por que ele não contou pra nós? Por que está escondendo coisas de nós? – Não sei se ela está me perguntando isso ou se está perguntando a si mesma.

– Bem… – arrisco –, acho que ele pensou que vocês se opunham a ele levar tudo isso a sério, sabe, confeitaria, esse tipo de coisa… então talvez por isso…

Ela balança a cabeça.

– Meu Deus, isso tudo é muito idiota, afastá-lo desse jeito! Isso é o que acontece quando você não deixa os filhos serem quem são!

Não sei o que dizer para acalmá-la, e percebo que agora também estou assustada.

– Tenho que ir – ela diz. – Vou voltar a Sainsbury para ter certeza de que não é ele. Ai, Deus, ai, Deus…

– Certo – digo, e balanço a cabeça. – Tenho certeza de que não é ele… – Mas ela já está correndo para o portão, que deixa aberto depois de sair.

Eu me sento no sofá e sinto o estômago ferver. Há poucos minutos eu não tinha nada com que me preocupar além do meu encontro com Ollie esta noite, que não está acontecendo, e agora estou, tipo… ele está… sabe… morto? E, se não estiver, acabei de revelar o segredo que ele me pediu para guardar!

Eu me deito no sofá e mordo o lábio. Queria que minha mãe estivesse em casa, que não tivesse ido tomar café com sua amiga Tara. Pelo menos, Jake não está aqui para piorar tudo, como inevitavelmente faria. Eu deveria ter ido procurar Oliver com ela? Não tive a impressão de que ela quisesse minha companhia, mas agora estou só aqui deitada, me sentindo inútil. Queria ter alguma coisa para fazer. O que eu deveria fazer?

A campainha me arranca da espiral de ansiedade. Pulo do sofá e corro para a porta.

Ollie sorri quando a abro.

– Você está ótima. – Ollie! Deus, que momento terrível foi *aquele!* – Ai, meu Deus, você está vivo! – digo, sem conseguir curtir o elogio.

– Es… tou? – ele responde, inclinando a cabeça com curiosidade. Depois se abaixa para soltar o carrinho da bicicleta e olha para mim esperando uma explicação. – Não morri. Só tive problemas com a bicicleta. A corrente quebrou e tive de voltar a pé depois da última entrega. Felizmente, era perto de Wells Park, mas acabei me atrasando, e o celular ficou sem bateria depois que usei o mapa a tarde inteira, e não pude nem ouvir música enquanto empurrava essa porcaria de volta para casa. *Sempre* carrego o celular antes de sair pra fazer as entregas, mas hoje não fiz isso, e olha o que aconteceu. – Ele se levanta e sacode os ombros daquele jeito lindo e relaxado.

– Ollie… merda…

– Que foi?

– Fiz uma coisa péssima – digo, e volto a morder o lábio no mesmo lugar de antes. – Sua mãe esteve aqui agora há pouco.

– Por quê? O que aconteceu? Ela me ligou várias vezes enquanto eu pedalava, e eu ia ligar de volta, mas fiquei sem bateria. – Ele olha para mim com a testa franzida.

– Não, não aconteceu nada grave, já que você voltou… mas ela não conseguia falar com você, e viu um acidente na estrada principal, na periferia de Sainsbury, um ciclista atropelado, e a bicicleta era parecida com a sua, e ela meteu na cabeça que era você, e, francamente, eu também acreditei nisso, por isso contei pra ela que você tinha saído de bicicleta.

– Merda! – ele reage, preocupado. – Contou que saí para fazer um serviço pra sua mãe?

Balanço a cabeça afirmativamente.

– Merda! – ele repete.

– Ela vai ficar tão aliviada por você não ter morrido que não vai se importar por estar trabalhando com a minha mãe. Será?

Ele balança a cabeça.

– Não, isso vai se tornar uma coisa muito maior, por eu ter mentido pra eles. Eu só queria evitar uma conversa séria sobre *meu futuro* e *minhas perspectivas*, mas, agora que passei semanas trabalhando escondido, isso vai se tornar uma coisa enorme. Merda… Você não tinha mesmo como não contar pra ela?

– Não! – reajo, indignada. – Ela estava muito preocupada! Você precisa ligar pra sua mãe agora.

– Tudo bem – ele concorda.

Ollie deixa o carrinho no jardim e pula o muro para a casa dele. Quando ele fecha a porta, eu entendo.

Não vamos sair hoje.



# Capítulo 24

Um dia depois, visto meu kit. Estou preparada para correr de novo. Pronta para correr por mais tempo – talvez vinte e cinco minutos, desta vez. Eu consigo, eu consigo, eu consigo. Não posso deixar essa situação estranha com Ollie me atrapalhar. Mas talvez *ele* possa. Quando desço a escada, não sei se ele vai estar lá fora me esperando, porque já está na hora, e é o nosso local de costume. Não me atrevo a olhar pela janela para checar, porque não quero ver que ele não está lá. Quando giro a maçaneta e aviso minha mãe que vou sair para correr, vejo que minha mão está tremendo. Por favor, que ele esteja lá, para eu não ter de esperar e não ter de duvidar. Por favor, que esteja tudo bem! Isso é tudo o que peço! Puxo a porta e…

Nada. Ele não está lá. Sinto meu estômago se contrair. Me sento na mureta e espero por ele, e é assim que acabo mergulhando tão fundo em meus pensamentos sobre Ollie e eu, e eu e Ollie, e em quanto senti que estávamos perto de viver *alguma coisa*, que demoro alguns minutos para notar que a casa dele está escura. Não tem movimento lá dentro. Não tem tevê ligada. Nada. Vazio. Isso é… estranho. Pulo a mureta e toco a campainha. Ouço a sineta tocar dentro da casa. Percebo que, se houvesse sinais de vida ali, eu não teria tocado. Teria sentido vergonha de me expor ao risco de sofrer uma rejeição personalizada. É só para confirmar que realmente não tem ninguém ali. Ele estará… me evitando? Podia só ter dito que não queria correr comigo hoje. Ou na

próxima vez. Ou quanto tempo for necessário para ele esfriar a cabeça.

Ficar pensando onde ele pode estar não vai me ajudar a me preparar para a Dash. Se quisesse estar aqui, ele estaria. Além do mais, ele agora tem meu número de telefone, então evidentemente não quis me avisar que não estaria aqui. Tenho de fazer isso sozinha. E agora, que ultrapassei o marco de correr vinte minutos sem parar, sinto que nada pode me atrapalhar. Com ou sem Ollie, sei que posso ir até o fim do desafio. Volto para casa pra pegar meu celular e cronometrar minha corrida – e, para ser honesta, pra ver se ele mandou alguma mensagem. Não mandou.

Em seguida, saio. Começo logo na porta. Só sigo em frente e corro pelas ruas em torno de casa, sentindo as pernas mais pesadas e a respiração mais difícil. Verifico o tempo constantemente no cronômetro do celular e tenho a sensação de que ele não passa, por isso decido que não vou mais olhar o relógio e tento me distrair. Me distrair, me distrair, me distrair. Vai, Ruby, para de pensar em quanto tempo ainda tem de corrida. Em que devo pensar, em vez disso? Bem, antes eu tinha uma coisa bem legal em que pensar, e agora é só uma coisa horrível em que pensar. Uma oportunidade perdida. Ele não quer nem falar comigo. Está realmente me evitando, de verdade? Ou eu estou bancando a louca e sendo arrogante? Isso não é uma distração. Ai! O que é isso? Uma pontada. Senti uma pontada? Isso é brincadeira? Essa é a última coisa de que preciso. Devo ir mais devagar? Devo parar? Mas *não quero* parar. Apesar da pontada na lateral da barriga, sinto que posso continuar. Mas isso dói! Tento controlar a respiração. Já entendi que tudo sempre tem a ver com respiração. Reduzo a velocidade, mas não paro. Respiro profundamente – inspirações longas e controladas. E depois de um tempo a pontada desaparece. É isso! Eu não precisava parar! Toma essa, corpo! Hum, em que devo pensar agora, depois de ter me salvado da morte por pontada? Penso em Liv e tento decidir se é cedo demais para sugerir que a gente se encontre novamente, ou se isso seria *estar disponível* demais. Quero cumprir minha palavra e tentar fazer uma aproximação entre ela e April. Mas também… adoro sair com ela! Liv me faz sentir como se talvez eu não estivesse errada sobre tudo. Ela é o contraponto agradável para toda a merda tóxica que meu irmão transborda.

Tuc, tuc, tuc, lá vou eu. Ainda estou correndo. Ah, estou correndo na direção de um cachorro bonitinho! Tão fofo! Parece uma nuvem! Não, espera, aquele não é o cachorro do senhor Pearce, e aquele não é o senhor Pearce *com* o cachorro? Cruzes! Ele outra vez! Ele, o gordofóbico de Round Hill! Pensei que não teria de vê-lo outra vez!

Estreito os olhos e componho uma expressão indiferente. Ele está andando pela calçada na minha frente. Contrariando minha habitual natureza relaxada, decido acelerar. Faço uma coisa que não fazia desde a primeira e fatídica corrida que acabou em vômito: acelero o máximo que posso. Tuc! Tuc! Tuc! Meus pés castigam o asfalto (diferentemente do habitual tuc! tuc! tuc!. o que está fazendo?, meus pulmões reagem). Quando passo pelo senhor Pearce em alta velocidade, grito para ele por cima do ombro:

– Depressa, lesma! – E desapareço além da esquina que dá para Carlton Terrace, onde quase caio pelo esforço do tiro, mas acabo não caindo. Continuo! Toma essa, senhor Pearce!

Quando o alarme agudo do celular finalmente dispara, quase morro de susto. Terminei? Eu consegui! Mal consigo respirar e estou coberta de suor, mas… consegui! Estou progredindo! E fiz isso sozinha! *Gostei* de fazer isso sozinha? Não, na verdade, mas fiz! Agora… onde estou? Abro o app de mapas e procuro uma rota para casa. Devia ter sido mais estratégica com o percurso, provavelmente, porque agora estou em algum lugar do outro lado da ferrovia. Se tivesse sido esperta, teria feito uma coisa circular, não é? Tenho muito que aprender.

No caminho de volta para casa, ofegante e suada como agora é a marca registrada da Ruby, mando uma mensagem para Liv enquanto a adrenalina e a endorfina ainda estão fazendo o trabalho delas.

*Quer sair para correr comigo?*

*Hum… não seria minha atividade favorita. Não sou muito de correr.*

*Comigo vai ser divertido.*

*Acho que nunca fui correr voluntariamente com outra pessoa.*

*Sem pressão!*

*Tudo bem, você me coagiu. Onde costuma correr?*

*Mayow Park, Wells Park, às vezes Crystal Palace.*

*Mudança de cenário, então. Dulwich Park?*

*Combinado!*

*Domingo às 11h, pode ser? Naquela entrada antes da escola de equitação. Sabe onde é?*

*Sei.*

Foi bem fácil. Nunca corri em um fim de semana antes. Ou de manhã, na verdade. Vai ser como olhar para um mundo desconhecido, ver como outras pessoas fazem as coisas. Em meio à euforia de ter concluído uma corrida de vinte e cinco minutos – sim, cinco minutos *inteiros* mais que na corrida anterior –, percebo que não pensei em Ollie na última, hum, meia hora. Mas não consigo deixar de especular onde ele está, o que estará fazendo, se ainda está bravo comigo por ter revelado o segredo à mãe dele…

Pego a chave de casa do bolsinho desajeitado da legging e abro a porta.

– Ah! Aí está você! – minha mãe fala da cozinha. – Ollie mandou uma mensagem me avisando que ele, a mãe e o pai tiveram de ir para a Itália, porque o avô dele morreu. Ele queria que eu soubesse que não vai poder fazer as entregas na semana que vem e que não sabe quando eles vão voltar. E me pediu para avisar que não vai conseguir participar das suas corridas por algum tempo.

Isso faz sentido.

– Ele disse mais alguma coisa? – pergunto, sem saber ao certo o que estou esperando ouvir.

– Que tipo de coisa? – ela devolve, e olha para mim intrigada.

Dou de ombros.

– Não sei.

– De qualquer maneira, que bom que saiu para correr! – ela diz.

– Estou determinada, e vou levar isso até o fim. Vou mostrar para o

Jake quem é que manda – aviso.

Ela parece pensativa.

– Acho que, se fosse só para provar que Jake está errado, você já teria desistido disso.

– Como assim? – Eu me aproximo da pia para beber água direto da torneira, como um gato.

– Não pode usar um copo, como uma pessoa normal? – Minha mãe suspira, abre o armário e pega um copo para mim. – Então, quero dizer que você deve estar gostando um pouco disso, não é? Tanto quanto dessa rivalidade ridícula entre vocês dois.

Não consigo evitar um sorriso.

– É… sabe de uma coisa? Estou gostando, sim. Nunca pensei que pudesse gostar, mas… eu gosto.

– Fico feliz.

– É meio irritante pensar que as aulas de Educação Física no colégio me fizeram odiar atividade física. Eu… sentia que isso era para outras pessoas.

Minha mãe sorri.

– Bom, parabéns por mudar a história.

Tomo banho e, enquanto estou embaixo do jato de água quente, torço para Ollie me mandar uma mensagem. Sei que ele mandou um recado por minha mãe, mas… ele podia escrever para mim também, não é? Dei meu número para ele no outro dia justamente para isso! Quando volto para o quarto, abro a tela do celular com um toque nervoso. Nenhuma mensagem. Blé.

Durante o jantar, tenho de ouvir Jake falar sobre um equipamento de exercício que, pela descrição, parece um aparelho de tortura, algo que ele quer comprar e que minha mãe diz que não cabe em casa, que não temos espaço para isso. Quando ele está no meio do argumento sobre esse equipamento ser absolutamente, completamente essencial para seu treino de remo, meu celular acende em cima da mesa. Pego o telefone e não disfarço o choque. É uma mensagem de Ollie.

*Oi, desculpa por ter perdido a corrida hoje. Acho que sua mãe já explicou. Não sei quando volto.*

É isso. Bem, foi divertido enquanto durou, acho.



# Capítulo 25

A descarga de adrenalina de fazer o que eu não conseguia fazer poucos dias atrás me animou um pouco, mas, além de tudo isso, é impossível não me sentir um pouco triste por Ollie. Mas não posso me entregar. Simplesmente não tenho tempo para isso. A corrida está muito perto. Faltam só duas semanas, e, por mais animada que eu esteja com o progresso feito até aqui, sei que ainda tenho um longo caminho a percorrer antes de poder enfrentar o grande desafio da Dawson Dash.

No sábado à tarde, eu e as meninas estamos aproveitando o sol em Horniman Gardens.

– Melhores lugares da casa! – Jessica diz quando nos deitamos no trecho de grama voltado para o centro de Londres, com o Shard encontrando o céu rosado do entardecer.

– Eu literalmente gritei quando vi o número de visualizações do seu vídeo com a Jess – Salma comenta. – Você está arrebentando de verdade!

– Obrigada! É tudo fruto de um talento natural que não exige nenhum trabalho – ela responde, piscando para mim por cima da lata de Cherry Coke. – Mas é verdade, fiquei eufórica com a resposta desse vídeo. Toneladas de comentários sobre a beleza natural de Jess…

– Naturalmente – ela diz, apoiando-se nas mãos e fazendo um biquinho para nós por cima do ombro.

– Algum comentário do… Joshua? – April pergunta, levantando as

sobrancelhas.

– Naturalmente – Jessica repete com o mesmo tom. – Já que ele é meu namorado…

Todas nós gritamos ao mesmo tempo.

– Desde quando? – pergunto.

Ela encolhe os ombros.

– Semana passada. Não contei antes porque queria ver como a coisa ia se desenvolver, analisar o jeito dele, antes de fazer um anúncio formal.

– Ah, estou feliz por você! – diz April.

– Ele é lindo – Jess elogia –, mas não tenho certeza de que ele é, sabem, O Cara. Ele faz um monte de perguntas idiotas, tipo, como a lua cheia se transforma em uma fatia fina no dia seguinte. Acho que não combina muito com meu cérebro imenso, entendem? Mas, por enquanto, ele é tão gostoso que não me importo.

– Completamente razoável. Eu nunca faria uma concessão tão grande, mas aceito a bonita variedade da rica tapeçaria da humanidade – diz April, unindo as mãos em uma prece serena e fechando os olhos.

– O que aconteceu com o cara da corrida? Você nunca fala dele – diz Jess, me encarando, intrigada.

Acho que não, provavelmente porque não tenho nada para falar. Não tem a menor chance de rolar alguma coisa com ele, especialmente agora.

– *Méééé*… – respondo.

– Elabore – diz Salma.

– Eu estava satisfeita só por… conhecer o garoto, correr com ele pra não me expor ao ridículo completo na Dawson Dash, essas coisas. E é claro que fiquei a fim dele, mas não havia a menor possibilidade de ele me retribuir, certo?

– Errado – April me corrige, impaciente.

– Bem, enfim… Houve um dia nesta semana em que comecei a acreditar que talvez houvesse uma pequena possibilidade de isso acontecer, como se isso não fosse uma coisa inteiramente fora de cogitação, sabe? Senti que tínhamos evoluído até um ponto em que existia algo mais ali…

– Tipo o quê? – pergunta Jess, mudando de posição na grama para ficar de frente pra mim.

– Ele adora confeitaria… – começo.

– Que delícia! – Jess opina.

– Não é? Então, ele fez uns cookies em forma de coração pra mim e desenhou minha inicial neles com um glacê lindo, e depois combinamos de sair pra fazer alguma coisa que não fosse correr.

– Tipo um encontro? – pergunta Salma. – Ai, meu Deus, conta sobre esse encontro!

Suspiro, querendo que houvesse alguma coisa para contar pra elas, em vez de um monte de nada.

– Não houve encontro. Eu me envolvi sem querer em uma confusão da família dele, e o encontro não aconteceu.

– Que merda! – disse Jess.

April só olha para mim com uma cara triste.

– Sim, uma merda!

– E como é agora, quando vão correr?

Levanto as mãos.

– Não sei! Não sei! Não fui mais correr com ele!

– A confusão foi tão grande assim? – Salma arregala os olhos.

– Não, é outra coisa. Ele teve que ir para a Itália, porque o avô dele morreu, e não o vi mais desde então.

– Que merda! – Jess repete.

– Mas ainda existe uma esperança, não é?

Eu me sinto grata e irritada com o otimismo de Salma. Não! Não tenho esperança! Tive uma chance, e ela passou!

– Acho que não. Não sei quando ele volta, e ele só… me mandou uma mensagem pra se desculpar por ter perdido nossa corrida e avisar que vai passar algum tempo longe.

– É evidente que tem muita coisa acontecendo na vida dele – diz April, porque ela é um ser humano racional.

– Sim, é claro, mas com relação a acontecer alguma coisa entre nós… acho que, se já era bem difícil antes, agora é definitivamente impossível – falo, tentando não dar a impressão de que estou com muita pena de mim, embora esteja com muita pena de mim.

– Por que era bem difícil? – Jess quer saber.

Não sei se ela está falando a sério ou se está só tentando ser uma boa amiga; a dúvida é inevitável. Certamente, ela percebeu que tenho me

esforçado muito para evitar me envolver em situações com garotos…

– Porque… – E nesse momento percebo que, por mais que ame minhas amigas, não quero falar sobre esse tipo de coisa com elas *especificamente*. Elas podem me amar muito, e acredito que realmente me amam, mas há algumas coisas que sinto que é inútil discutir com elas. Tentar falar sobre isso não só não me ajuda, como faz eu me sentir ainda mais distante delas. E tudo bem. Não preciso poder falar sobre tudo com todo mundo. Especialmente agora, quando tenho Liv. – Por nada – digo finalmente. – De qualquer maneira, tenho de focar toda a minha energia romântica em tentar aproximar April e Liv!

– Liv que joga hóquei, aquela alta?

– Há outras? – April pergunta, corando violentamente.

– Não que eu queira trazer Ollie para a conversa de novo, mas acho que ele pensa que sou eu quem está a fim da Liv, porque falo muito dela! Mas ela é muito legal!

April suspira.

– Ela é legal, sim.

Quando o foco muda para April e Liv, não consigo evitar que um sentimento de gratidão me invada ao pensar que vou encontrá-la no dia seguinte para correr. Não é nem que exista alguma coisa sobre a qual eu precise dos conselhos dela, é só aquele sentimento de tranquilidade de estar com alguém cujo cérebro funciona da mesma maneira que o seu.



# Capítulo 26

– Tenho que ir! – grito para minha mãe naquela manhã enquanto enfio os pés nos tênis, pulando em um pé só para tentar amarrar os cadarços sem ter de me sentar. Sou ocupada! Tenho lugares aonde ir!

– Aonde vai?

– Ao Dulwich Park com minha amiga Liv – respondo.

– Ah! Você não costuma correr nos fins de semana – ela diz, e sua voz é abafada pelo barulho da batedeira preparando creme de manteiga.

– As coisas mudaram! Agora estou em uma gloriosa nova era. Os tempos mudam, mãe – explico com um tom de falsa irritação.

– Está bem, então divirta-se!

A caminhada até Dulwich Park é mais longa que as outras, as que faço para os meus habituais locais de corrida, e… para ser honesta, estou um pouco atrasada. Tenho que acelerar, e só tem um jeito de encurtar esse caminho. Round Hill. Meu inimigo geográfico. Mais um encontro entre nós. Quando encontrar Liv para começar a correr, já terei feito o equivalente a uma maratona subindo essa ladeira. Respiro fundo ao pé da encosta e começo a subida. Sinto os músculos da panturrilha trabalhando, os glúteos trabalhando, todos os músculos me levando colina acima, e vou pisando firme com meus tênis de corrida até chegar ao topo. Cheguei ao topo? Cheguei ao topo! Chupa, senhor Pearce! Minha bunda não diminuiu, minha barriga não está mais plana, mas…

estou aqui! No topo de Round Hill! Sem me dobrar ou ter de me agarrar a uma caixa de correspondência para sobreviver! Dou uma corridinha comemorativa em torno da caixa de correspondência, antes de descer pelo outro lado para encontrar Liv. Chega de corridinhas. Não quero me atrasar.

Liv está encostada na grade, muito estilosa no top esportivo preto e na legging preta muito justa.

– Oi – ela diz quando me aproximo. Deixo o olhar passar pelo pneu de gordura entre a base do top e a cintura da legging, e alguma coisa no modo como ela o exibe sem pedir desculpas ao mundo aquece meu coração.

– Gostei do visual atlético relaxado – digo.

– Obrigada. Cansei da sensação de ter sempre uma camiseta esvoaçando à minha volta, sabe? E aí, preparada? Por quanto tempo quer correr?

– Acabei de fazer um aquecimento bem sério no caminho até aqui, então, sim, estou preparada. E… podemos fazer vinte e cinco minutos?

– Minha amiga, agora fiquei nervosa. Vinte e cinco? Já falei que sou uma garota de distâncias curtas.

– O que pode ter de tão ruim em tentar? Somos só nós, certo?

Programo o cronômetro no celular. Olho para ela, e Liv move a cabeça, indicando que está pronta.

– Vamos! – digo, tentando transmitir o entusiasmo ilimitado de Ollie no início de uma corrida.

Começamos pelo caminho da entrada. Quando a pista se bifurca, Liv olha para mim como se perguntasse *para onde?* E percebo que isso é comigo. Posso decidir em que direção vamos correr. Escolho o lado esquerdo, e seguimos pelo caminho circular. Enquanto corremos, olho para o corpo de Liv. "É essa a aparência que tenho quando corro?", é meu primeiro pensamento. Mas, quanto mais olho para ela, menos hostil é reconhecer meu corpo no dela. E mais… reconfortante. Corremos pelo parque, passamos pelo café cheio de pais com carrinhos de bebê, voltamos pela trilha arborizada no centro do espaço e para o ponto de onde partimos. De lá seguimos para o outro lado do parque, e talvez seja alguma coisa no fato de voltar ao ponto de partida mas não ter terminado ainda que me faz começar a ter esse sentimento: aquele

estado mental de não vou me dar a esse trabalho, apesar de estar tão bem hoje, me esforçando, fazendo o melhor que posso.

– Vamos apelar para o discurso motivacional – sugiro, ofegante.

– Beleza, você começa – diz Liv com um sorriso, apesar de falar com muita dificuldade.

– Sei que você pensa que só consegue correr distâncias curtas… – digo, meio sem fôlego. – Mas acho que correr distâncias longas nem é tão diferente. É só seu cérebro que está te atrapalhando.

– Não é o pior discurso motivacional que já ouvi – ela reconhece.

– Retribua… Sinto que estou desanimando um pouco – confesso.

– Pode desistir agora, se quiser, mas acho que você é capaz de cumprir o que planejou – ela diz, só um pouco menos ofegante que eu.

Concordo. Ela está certa. Continuo. Embora isso seja desafiador, continuo pondo um pé na frente do outro, sabendo que já estou fazendo mais do que jamais pensei que poderia fazer. Mais do que todo mundo já disse que posso fazer com o corpo que tenho.

E então, o tempo acabou. Meu celular apita, reduzimos o ritmo e só ficamos ali, sorrindo. Enquanto nós duas tentamos recuperar o fôlego, Liv me encara.

– Fala *obrigada* – diz.

Ela está bem? Sim, porque não é como se eu a tivesse obrigado a atravessar o Saara comigo.

– Obrigada – agradeço, pouco à vontade, pensando se a fiz abandonar alguma coisa importante que tinha para fazer hoje.

Ela bate de leve no meu braço com o dorso da mão.

– Não para mim, pateta. Para você. Agradeça a você.

– Ah! Obrigada, Ruby.

– Seu corpo acabou de fazer isso por você! Com você! Até que ponto isso é legal?

– Acho que é muito legal… – murmuro. – Vai participar da corrida, não vai?

– Não. – Liv balança a cabeça. – Não é minha praia. Corrida demais pra mim. Mas vou estar lá torcendo por você. Prometo.

– Tem certeza de que não quer se inscrever?

– Certeza absoluta. Não quero correr tanto, muito menos na frente de um monte de gente. Se fosse uma corridinha divertida, eu até toparia.

Mas não consigo correr toda essa distância.

Por um lado me sinto mal por ter tentado convencer Liv a fazer uma coisa que ela prefere evitar, mas, por outro, posso dizer que ela gosta dessa nossa interação tanto quanto eu.

– É sério, vou torcer por você – ela diz. – Vou ser estratégica e me posicionar em algum lugar da rota onde, talvez, você mais precise de alguém gritando um incentivo.

Sorrio, e agora minha respiração está voltando ao normal. Engraçado como isso acontece; ela volta ao normal cada vez mais depressa hoje em dia, como se meu corpo finalmente entendesse o que precisa fazer para me ajudar.

– Agradeço antecipadamente.

– É ali que isso vai acontecer, não é? – Ela acena com a cabeça na direção dos campos de atletismo do St. Alfred's College, a escola chique onde Ollie estudava. Depois se inclina para a frente por um momento e apoia as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego.

– É – confirmo. – Eles são muito *caridosos* nos deixando usar o campo uma vez por ano.

– Quanta bondade… – ela diz, e bebe um gole de água da garrafa. – E aí, acha que está quase pronta?

– Sim e não – confesso. – Acho que vou me sentir pronta depois que completar meia hora de corrida.

– Pode tentar na próxima vez. E, se ainda não conseguir, vai ter tempo pra se esforçar mais. – Ela faz tudo isso parecer muito viável, como se fosse óbvio que isso é algo que sou capaz de fazer. Nesse sentido, Liv me lembra um pouco Ollie. – Então… quer ir pra casa ou prefere tomar um café gelado? Ou quer fazer outra coisa?

Estou suada e nojenta, mas quero tanto passar mais tempo com Liv que nem me importo com o cabelo grudado e as bochechas vermelhas. Só aproveito nossa caminhada até Forest Hill, as bebidas geladas, a conversa sobre roupas, corpos, pessoas legais para seguir na internet e o que queremos fazer depois do colégio, e me dou conta de que talvez não seja tão importante estar perfeitamente arrumada para encontrar alguém que acho legal… Talvez eu possa estar um pouco desarrumada, e ainda assim vamos nos divertir.

Quando me despeço de Liv com um abraço e vou para casa, só queria

saber que vou ver Ollie de novo em breve. Talvez deva mandar uma mensagem para ele. Mas é provável que ele nem queira conversar comigo agora. Espero que ele volte logo. Mas que diferença isso vai fazer?



# Capítulo 27

Tenho um plano. O plano é correr todos os dias até a data da prova, acrescentando só um minuto a cada dia. E executo esse plano. Ele se torna minha missão determinada. Não tenho Ollie para me ajudar a manter a motivação, mas decidi que não preciso dele para isso. Quero dizer, *gostaria* que ele estivesse aqui, mas esse desafio nunca foi sobre ele – sempre foi sobre mim. Então, me concentro e me esforço, e melhoro um pouco a cada dia.

E, de repente, faltam só dois dias para a corrida.

– Tem certeza de que não quer participar? – pergunto mais uma vez a Liv, com um tom muito casual quando estamos juntas na minha casa.

– Tenho! Além do mais, é tarde demais para me inscrever.

Pelo menos me inscrevi a tempo.

– Hum, isso me fez lembrar… – Eu me levanto e pego o laptop da minha mãe em cima da mesinha de canto.

– O quê? – pergunta Liv. Ela está sentada em um sofá, e eu me acomodo no outro, abro o laptop e tento lembrar a desgraça da URL do login do e-mail da escola.

– Ollie ia fazer minha inscrição, e não sei se ele realmente fez, então mandei um e-mail há dois dias pedindo confirmação – digo, e franzo a testa. Tenho certeza de que isso não é importante. Não *preciso* de uma resposta, mas, ainda assim…

Sasha entra na sala.

– Oi, Miúda – falo, e olho pra ela. – Sasha, esta é minha amiga Liv. Liv, esta é minha irmãzinha descolada, Sasha.

– Oi, Sasha – diz Liv. – Você é *muito* descolada. Gostei do short. – Ela aponta para o short de lantejoulas douradas. Não há o menor sinal de condescendência em seu tom de voz. Ela realmente parece gostar do estilo de Sasha.

– Obrigada – minha irmã responde, radiante. – O que estão vendo? – Ela se joga na poltrona, e interrompemos *Joias brutas*, porque não é um filme apropriado para alguém de dez anos de idade.

– Nada – respondo, bocejando. – Estou cansada.

Sasha bufa daquele jeito como só uma menina de dez anos é capaz de fazer.

– É claro que está cansada! Você nunca faz um intervalo nessas corridas!

Dou risada.

– Acho que tem razão, Miúda.

– Você tem toda a razão – diz Liz, concordando com ela, e levanta a mão num gesto de *toca aqui*.

Fico feliz por ter alguém me dizendo o que fazer, mesmo que seja Sasha. Preciso dessa orientação, e, desde que Ollie viajou, nunca mais a tive. Talvez não tenha sido muito inteligente exigir tanto do meu corpo, mas é isso, preciso de toda a ajuda que puder ter para enfrentar a corrida no domingo.

Finalmente, consigo entrar na minha conta de e-mail e…

– Merda! – digo mais alto do que pretendia. – Aquele cabeça de merda!

– Que foi? – Liv pergunta, preocupada.

Olho incrédula para a tela.

– O cretino do senhor Pearce respondeu dizendo que achou que Ollie estava brincando quando fez minha inscrição! Mas que… – Quero usar palavras mais fortes que as de costume, mas tenho de me controlar, porque Sasha está na sala.

– Desculpe, mas isso é um absurdo! – Liv protesta, parecendo furiosa. – Por que ele mandou essa resposta? O que ele pode esperar com isso? É como se não *quisesse* a participação das pessoas.

– Ollie fez minha inscrição porque eu não sabia se conseguiria entrar

na minha conta de e-mail da escola! Ele fez isso pra me ajudar! Mas o senhor Pearce achou que era uma forma bastante sofisticada de cyberbullying – concluo, irritada. – Ele nem conhece Ollie! Ele ainda nem começou na Dawson! Por que ele estaria fazendo cyberbullying comigo?

– Do que está falando? – Sasha pergunta com uma expressão tensa.

– É, qual é o problema? – Jake aparece no momento mais inconveniente possível. Suponho que ele tenha esse direito, porque mora aqui, mas teria sido melhor se ficasse em sua caverna.

– Um dos professores de Educação Física do colégio está tentando me impedir de correr no fim de semana. E eu treinei muito para isso.

– Por quê? – Sasha pergunta.

– Ele parece achar que alguém me inscreveu pra fazer uma brincadeira, o que é uma idiotice – explico. – Bom, acho que vou ter de mandar uma resposta curta: *Não, não é brincadeira. Estou falando a sério, e pode me esperar no domingo para acabar com a sua graça*.

Sasha dá risada. Liv encara a tevê. Jake nem responde e vai para a cozinha.

Escrevo a resposta, menos a parte de acabar com a graça dele. Estou sentindo uma indignação mais que justa, mas também uma… dúvida incômoda. E se ele estiver certo? E se eu realmente não for capaz de correr no domingo? Cinco quilômetros são uma distância bem grande, e não tenho registrado o tamanho dos meus percursos, por isso nem sei se já corri cinco quilômetros. De repente, tudo isso é muito real. Estou nessa situação e não posso sair dela agora, mas também não quero sair dela, não só porque me meti nisso, mas porque os Jakes e senhores Pearces do mundo precisam baixar a bola. E, claro, também porque tenho de ser realmente *capaz* de baixar a bola deles, e também, e também, e também…

Eu me sinto como se estivesse sendo esmagada pelo peso do modo como as outras pessoas me percebem. Sei quem sou e sei o que posso fazer, se decidir, mas é como se a toda hora alguém quisesse me lembrar de como sou ruim, errada e defeituosa por causa do corpo que tenho. Às vezes isso é demais pra mim. Hoje isso é demais.

Ouço a chave girando na porta.

– Oi, meus amores! – Minha mãe entra carregando sacolas de compras

contendo uns vinte pacotes de manteiga.

– Oi, mãe – respondo. – Minha amiga Liv está aqui. Espero que não tenha problema.

– É claro que não. Vai ficar pra jantar, Liv?

Liv muda de posição no sofá, sentando-se um pouco mais ereta.

– Ah, não, obrigada. É aniversário da minha mãe. Vamos sair pra jantar. Mas muito obrigada pelo convite – responde, extremamente educada. Minha mãe vai gostar disso.

– Ah, que delícia! Aonde vão? – ela pergunta, distraída, enquanto afaga o cabelo de Sasha.

– Bem, nós sempre íamos ao restaurante italiano em Crystal Palace no aniversário dela, mas, como esse lugar fechou, temos ido a outro em Brockley, que não é tão bom como aquele, mas nenhum é – ela conclui com um movimento dos ombros.

– Ah! – exclamo. – Sabe que esse restaurante era dos pais do Ollie?

– O Ollie de quem você está a fim e com quem corre? – Liv pergunta, o que me faz corar violentamente.

– É – murmuro –, esse mesmo.

– Aaaah! Ruby tem um *namorado* – Sasha comenta, rindo, e eu chuto o ar na direção dela.

– Não tenho, não. De verdade, não tenho.

– Ele deve estar chegando – minha mãe avisa com tranquilidade. – Ollie mandou uma mensagem avisando que vai poder fazer as entregas na semana que vem, mas vocês voltam para a escola na segunda-feira, então já falei que só vou querer que ele continue se não for atrapalhar o rendimento escolar.

Minha cabeça esquenta e fico meio tonta. É claro que Ollie deve estar voltando, se as aulas recomeçam depois do fim de semana.

– Mas ele vai continuar com as entregas? – pergunto.

– Vai. Por que não? – Minha mãe olha para mim com a testa franzida. Acho que ela nunca ficou sabendo de toda aquela história do Ollie esmagado pelas rodas de um ônibus.

– Por nada – respondo, e por um momento ninguém diz nada.

– Bem, preciso ir – Liv anuncia, e se levanta do sofá.

– Precisa de carona? – minha mãe pergunta. A maioria dos pais não fala a sério quando faz essa oferta, mas minha mãe *ama* dirigir. Se

tivesse tempo, ela mesma faria as entregas.

– Não, obrigada – Liv responde. – Gosto de andar. Foi um prazer conhecer você. – Ela olha para Sasha. – E você, também. – E, a caminho da porta, põe as mãos nos meus ombros. – Vejo você no domingo. Não entra em pânico. E chega de correr. Ah, April vai estar lá?

Sorrio, me sentindo outra vez presente no momento, em vez de rodopiar dentro da minha própria cabeça.

– Sim, ela vai estar lá. Tenho certeza de que consigo colocar vocês duas no mesmo lugar ao mesmo tempo de um jeito que não seja totalmente constrangedor.

– Nunca me senti constrangida em toda a minha vida – diz Liv, e quase acredito nela.

Depois do jantar, subo correndo para pegar meu celular, assim posso ver tevê com minha mãe e perder tempo na internet. A porta do quarto de Sasha está encostada, e juro que não quero ser invasiva, mas vejo o reflexo dela no espelho quando passo. Ela está de perfil, encolhendo a barriga e se levantando na ponta dos pés, olhando para o espelho. Queria saber o que está passando pela cabeça dela, que fantasias de uma versão futura são construídas lá dentro. Ponho a mão na porta, tentando decidir se devo anunciar minha presença, mas não sei o que dizer. Não sei como manter minha irmã de cabeça erguida, quando é um esforço diário me manter também. Acho que vou ter de dar o exemplo, e é isso.



# Capítulo 28

Faço como Liv e Sasha sugeriram. Não vou correr, mas vou patinar com April, Jessica e Salma. Há muita empolgação e muitas risadinhas em torno da perspectiva do encontro entre April e Liv.

– Isso vai acontecer mesmo! – Jess comemora.

– Ela vai estar aqui amanhã, é isso? – April pergunta enquanto deslizamos pela parte plana de concreto da pista de skate. Não é a primeira vez que ela faz essa pergunta.

– Ela disse que sim – confirmo.

– Não acredito que ela estava lá o tempo todo, que você gostava dela e nunca se deu ao trabalho de tentar falar com ela – Salma diz, bebendo uma raspadinha azul da van do sorvete. Sempre azul.

– O amor trabalha de maneiras misteriosas – April comenta, dando de ombros e se arrependendo em seguida, porque o movimento a desequilibra um pouco, mas ela se recupera antes de cair.

– Sinto falta dos dias em que tinha pelo menos um pouco de esperança… – comento, melancólica.

– Duas semanas atrás, você quer dizer? – Jessica provoca. Ela está patinando com movimentos mais complexos, cruzando e descruzando as pernas enquanto desliza. É muito legal.

– É, exatamente. Os bons e velhos tempos.

– Sabe o que me faria gritar de pavor? – Jess pergunta. – Se você caísse hoje, quebrasse o tornozelo e não pudesse correr, depois de ter passado

o verão inteiro treinando para a Dash.

– Ah, fala sério! – Salma reage. – Nem brinca com isso!

– Pensei a mesma coisa hoje de manhã, quando estava me arrumando pra sair – confesso, rindo. – E pensei também que… bem, seria uma boa desculpa pra não ir, mas aí percebi que agora *quero muito* correr. Tipo, fiz todo esse esforço e descobri que *gosto realmente* de correr.

– Você emagreceu? – Salma pergunta, e bebe mais um gole.

Tenho a sensação de que alguém acabou de me atropelar e me jogou no chão.

– Não. – Olho para ela, intrigada. – Quero dizer, não sei. Não estava tentando emagrecer. Ou melhor, isso nem fazia parte do plano.

– Ah, entendi. Acho que só pensei que fizesse. – Jessica tinha patinado para longe, mas April olhava para mim com cara de *que porra é essa?*

– Não… não mesmo. Quero dizer, de jeito nenhum.

– Tudo bem – ela repete. E percebo que, para ela, isso é só um assunto comum, mas para mim foi… bem, foi *bem pesado*. O comentário faz eu me sentir ainda mais grata por ter Liv na minha vida.

A conversa continua e patinamos juntas por mais meia hora, mais ou menos, mas minha cabeça está em outro lugar.

April e eu voltamos para casa juntas, e, quando estamos andando pela Avenida Sydenham, penso em quando vi Liv passeando com o cachorro do outro lado da rua, no começo do verão. Isso me faz perceber quanto progredi desde então.

– Aquilo foi estranho, não foi? – April comenta.

– Salma? – pergunto.

– É. Ou não foi? Desculpa se estou, sei lá, projetando, ou alguma coisa assim.

– Não, foi meio estranho, mesmo. E me fez entender que nem as pessoas que gostam de mim conseguem realmente entender tudo isso, sabe? Faz sentido?

– Sim, faz sentido.

– Sabe quem é realmente tranquila e muito legal em relação a esse assunto?

– Liv? – ela pergunta sorrindo.

– É. Caramba, que saudade de ter um crush… o Ollie!

– O que aconteceu com o crush? – ela pergunta.

– Não sei… Acho que nada; na verdade, continua no mesmo lugar. Só tenho a sensação de que agora tudo isso é inútil. Faz duas semanas que não o vejo, e ainda gosto muito dele, mas é que… acho que não vai rolar, vai? Não que fosse algum dia…

– Você precisa parar de falar desse jeito da minha melhor amiga – ela protesta. – Você é foda, e ele terá muita sorte se sair com você. Juro.

– Obrigada, amiga – respondo, tentando acreditar nela.

Quando nos despedimos, April diz que vai me ver na corrida no dia seguinte, e quando chego em casa eu me surpreendo ao ver o carro da família de Ollie estacionado na frente da casa deles. É claro – as aulas recomeçam daqui a dois dias. Mas não havia pensado que a volta dele para casa era inevitável, literalmente. E agora ele está ali. Só está ali, na casa do lado. Acho que o verei na Dash amanhã. Meu Deus, eu vou mesmo fazer isso. *Amanhã!* Sinto o estômago se contrair quando me dou conta do que está acontecendo de verdade. Não posso desistir agora, não depois de ter apostado tão alto nisso durante semanas. Onde eu estava com a cabeça quando disse ao meu irmão que poderia *ganhar* a corrida? Não, fala sério… É Liv que preciso manter em mente em um momento como esse, não Jake.

Vou passar o resto da tarde pensando positivo. Amanhã a essa hora tudo terá terminado, então, se vou mesmo encarar essa prova, preciso começar a pensar como vencedora, ou algo assim. Talvez deva assistir a alguns vídeos motivacionais de algum líder de fisiculturismo ou de um culto qualquer dizendo que eu *sou capaz disso!*

– Oi, Cara Sardenta – Jake diz quando entro e fecho a porta.

– Oi. – Deixo a bolsa com os patins no chão. – Por que não está no bar?

– Fui demitido – ele diz, sem desviar o olhar da televisão. – Mentira, eles não se atreveriam! Estou de folga hoje. Vou sair pra beber com o pessoal mais tarde.

– Legal – respondo, um pouco cética, mas feliz por não estar em nenhum bar onde Jake e os amigos dele estarão. – Cadê a mamãe?

– Saiu. Vou levar a Sasha a uma festa de aniversário. Vou preparar o jantar pra nós antes de sair, e vou deixar comida pra mamãe quando ela voltar, depois de pegar a Sasha.

– Legal, me avisa se precisar de ajuda – digo, já a caminho da escada.

– Da sua ajuda? – ele reage. – De jeito nenhum.

Na hora do jantar, desço para arrumar a mesa.

– Que cheiro bom! – elogio, porque o cheiro está realmente muito bom, e não sou mesquinha a ponto de não poder elogiar meu irmão irritante.

– Tenho habilidades insanas – ele declara, e calça a luva térmica para tirar uma lasanha do forno.

Sirvo um pouco de salada em uma tigela.

– Só nós dois, é?

– Isso – ele confirma, enquanto corta a lasanha.

– Parece boa – digo, e começo a distribuir facas e garfos sobre a mesa. Viu? Até que conseguimos conviver bem.

Jake sai da cozinha e põe nossos pratos na mesa.

Suspiro.

– Isso é brincadeira? – pergunto, revirando os olhos.

– Não. Por quê? – ele pergunta sem se alterar.

Olho para o meu prato. Depois para ele.

– Sério? – insisto.

A quantidade de comida no meu prato é quase invisível a olho nu. Bem, ok, estou exagerando, mas você entendeu. Um quadradinho miúdo, parece um biscoitinho.

Jake suspira.

– Pode pegar mais, se quiser – ele diz, indiferente. – Só pensei que estava levando essa *coisa toda* a sério.

Em um instante, entendo o que ele está tentando dizer. Meu irmão espera que correr a Dawson Dash seja um completo transplante de personalidade, o caminho para me tornar uma pessoa que ele pode respeitar, não só uma coisa que vou fazer. Sinto minha pressão arterial subir.

– O que você chama de *coisa toda* é algo com que tento não me preocupar. E tento muito, me esforço de verdade!

– Talvez tenha que parar de tentar – ele responde, deixando os talheres sobre o prato e cruzando os braços.

Nós nos encaramos por um momento através de um abismo. Quero me fazer entender, mas sei que simplesmente não consigo. É demais para ele. É demais para muita gente. Sei disso. Mas por que é tão difícil

só me deixar cuidar da minha vida?

– Você não consegue entender, não é? A ideia de não ser infeliz com um corpo como este! – digo. Jake olha para mim, cético. – Sim, talvez você fosse! Mas eu não sou!

Ele balança a cabeça.

– Não acredito – diz ele com um sorriso sarcástico. – Acho que está mentindo pra você mesma.

– E não posso provar que não estou, então isso significa que você pode continuar acreditando nisso e projetando toda essa sua besteira em mim.

– Mas isso não é só sobre você! É sobre a Sasha também!

– Exatamente! Você está afetando a Sasha também! Graças a Deus ela não está aqui agora, porque não precisa ouvir isso de ninguém, muito menos na própria casa!

– Não, estou dizendo que você está fazendo uma *lavagem cerebral* nela! Sabe que isso não é saudável, não sabe? Toda essa sua… *positividade*? – Ele desenha aspas no ar ao falar em *positividade*, porque, é claro, isso é a cara dele.

– Acha que deixar uma criança paranoica com seu peso é algo saudável?

– Não tem nada a ver com paranoia – ele protesta, revirando os olhos como se eu fosse muito burra. – Só não quero que ela cresça engolindo todas essas suas besteiras e depois se arrependa disso.

– Por que ela se arrependeria? Isso não faz sentido!

– Olha, não é tão difícil. Você poderia perder peso, se quisesse. Eu sou muito mais feliz agora.

– Porque as pessoas são muito mais legais com você por não ser gordo, talvez? E a solução seria, *talvez*, tratar as pessoas como gente, independentemente da aparência do corpo de cada uma? – É como se eu cuspisse as palavras.

Uma nuvem passa diante do rosto dele.

– Não… – Jake franze a testa. – O que eu quero dizer é que, se não é tão difícil, por que não *tenta*?

– Porque eu não quero! – grito. – Não é suficiente estar fazendo todas essas coisas ridículas por sua causa? Para provar que não preciso emagrecer pra fazer toda essa merda? Isso não basta? Qualquer pessoa

normal veria que isso é *demais*! Mas não, você tem que despejar ainda mais merda em cima de mim! Não sei quando isso vai acabar! Não sei até quando ainda vou ter de tentar provar que você deveria me respeitar porque sou uma pessoa! Que deveria se preocupar com a cabeça e a felicidade da Sasha porque ela é sua irmã e você a ama! Que toda essa idiotice sobre peso que evidentemente te atormentou a vida toda é só… uma invenção! Você não precisa fazer esse jogo!

Ele me encara com as narinas dilatadas.

– Você parece maluca – diz, e balança a cabeça. – Vai lá, pega mais comida, come tudo. Não ligo, sei que é isso que você quer.

– Não *quero*! Só quero que me trate como uma pessoa, não como um experimento fracassado! Se continuar tratando todo mundo desse jeito, ninguém vai gostar de você, e vai ser mais que merecido! – grito, e empurro a cadeira para trás para me levantar, tomada por uma fúria incontrolável. Começo a andar em direção à escada.

– É, talvez – diz Jake. Olho para trás por cima do ombro, evitando dar a ele a atenção de virar todo o corpo. – Mas pelo menos não sou gordo.

Depois disso eu desisto. Pensei que estivesse conseguindo fazer algum progresso com ele. Não por mim, mas esperava que ele pudesse ter uma atitude diferente por Sasha. Vou para o meu quarto e não saio mais de lá naquela noite. Mesmo depois que Jake sai, continuo no quarto, e vou ficando cada vez mais furiosa. E com mais fome, cada vez mais faminta. Não saio do meu canto nem quando minha mãe e Sasha chegam em casa. Vejo episódios de séries que já vi centenas de vezes na esperança de resetar meu cérebro raivoso, mas nada disso funciona. Pego o celular para mandar uma mensagem pra Liv, mas não sei o que quero dela. Bem, talvez queira conforto e apoio, mas não posso correr para ela cada vez que alguém que me desequilibra.

Passo tanto tempo no meio desse turbilhão, que chega a hora de ir para a cama. Mas não estou cansada. Porém, preciso dormir, não é?

Eu me deito e fico quieta, tentando pegar no sono. Mas minha cabeça está cheia e acelerada, e não consigo fazê-la parar. Quero descer e comer alguma coisa, mas não quero correr o risco de encontrar ninguém, por isso fico onde estou. Viro de um lado para outro até me lembrar de que estava tentando ficar quieta e esvaziar a cabeça de todos os pensamentos, mas é difícil! Não consigo! São muitos, e todos parecem

fritar meu cérebro. Posso desistir da corrida amanhã? É claro que sim… Vivo em um país livre… Mas isso seria constrangedor. Provaria que Jake está certo. E essa é a última coisa que quero fazer, depois desta noite. Só preciso dormir. Já não me sentia preparada para correr antes disso, e, se não descansar, vai ficar pior.

Tudo parece muito pesado. O peso de tentar tornar as coisas melhores para Sasha. De tentar bloquear todas as mensagens danosas dirigidas a mim e ao meu corpo. Talvez isso seja demais. Talvez eu não consiga. Talvez não possa mais levar isso adiante. Talvez não possa continuar alimentando a segurança de Sasha. Talvez não tenha essa capacidade. Talvez não seja capaz disso. Talvez não tenha nascido para isso. A quem eu queria enganar?



# Capítulo 29

Estou disputando a prova. É a Dawson Dash, e estou correndo, estou correndo, estou correndo… e estou na ponta! Bem na frente! Mas estou descalça? Por que não estou de tênis? É difícil correr descalça. Todo mundo está de tênis. E alguém grita meu nome. Mas… não é um grito de verdade. *Ruby? Ruby?* A voz soa próxima, bem ao lado da minha orelha, mas todo mundo está do outro lado do cordão de isolamento…

– Ruby? – A voz do meu sonho. – Roo? – Uma voz suave, mas insistente. Uma voz que conheço bem. A voz da minha mãe. Abro os olhos.

– Que foi? – Abro os olhos e quase morro de susto ao ver minha mãe ao lado da cama. – Quem morreu?

– Ninguém morreu, mas… a corrida não é hoje?

– É… – murmuro. – Mas não quero ir. Não sou obrigada, sou?

Ela franze a testa.

– Não. Eu nunca te obrigaria, se não quisesse ir.

Engulo em seco.

– Ok. – Balanço a cabeça. – Não quero ir.

Ela dá um passo para trás e cruza os braços.

– Tem certeza?

Mas, antes que eu possa responder, Sasha entra no meu quarto.

– *Depressa, Ruby!* Hoje é o dia da sua corrida!

E vejo alguma coisa em sua expressão carregada de expectativa, nos

olhos grandes, ansiosos. Ela é, no mínimo, metade da razão para eu me submeter a isso! Não posso vacilar agora.

– Vai logo! – ela insiste, puxando as cobertas de cima de mim. – Você vai se atrasar!

– Por quê, que horas são?

Minha mãe faz uma careta.

– Dez e quinze.

– Merda! A corrida começa às onze! Pode me levar de carro? Eu ia a pé, mas… merda! – Pulo da cama, literalmente, *pulo*. Começo a procurar um par de meias… preciso de meias… e onde está a legging?

– É claro! Eu te levo! Para que ir a pé, se vou pra lá de carro, de qualquer jeito?

– Por quê? Não vai ver a corrida, vai?

– É claro que vou! – ela anuncia. – Todos nós vamos!

– É! – Sasha confirma, entusiasmada, antes de sair do quarto correndo.

– Até o Jake? – pergunto, me lembrando da causa da noite mal dormida.

– Ora, sim!

– Aaaah! – Não quero sair da cama, muito menos *Fazer A Coisa*, especialmente na frente do Jake, que parece não ter o menor interesse em abandonar o objetivo de me humilhar.

– Consegue ficar pronta em dez minutos?

– Acho que vou ter de dar um jeito – respondo. A adrenalina de ter sido acordada de repente ainda não se dissipou. Tenho certeza de que consigo fazer tudo em dez minutos.

– Isso vai nos dar meia hora pra chegar lá.

– Sim, é isso. Vamos só para Dulwich, não é?

– Acaba de se arrumar! – minha mãe fala da porta do quarto com as mãos na cintura. – Vou ver se Jake e Sasha estão prontos.

Ando pelo quarto e pego o top esportivo, a legging, os tênis, minha calcinha da sorte, uma camiseta. Me visto em tempo recorde, desço correndo e encontro Jake sentado no sofá com o celular e Sasha enchendo a garrafa de água para mim.

– Vamos! – minha mãe chama, segurando a porta de casa aberta para todo mundo sair e ir para o carro, mas percebo alguma coisa na mesinha que fica ao lado da saída, onde deixamos várias coisas de que podemos

precisar quando saímos de casa. Uma caixinha vermelha embrulhada com uma fita.

– O que é aquilo? – pergunto.

– Não sei. Não abri – minha mãe responde. – A etiqueta tem seu nome.

– Ah… – Franzo a testa, tentando decidir se tenho tempo para ver o que tem na caixa.

– Depressa! Se vai abrir, abre logo.

Aceito a sugestão dela e puxo a fita, abro a caixa e encontro uma pilha de biscoitos cobertos com açúcar muito fino. E um bilhete escrito com uma caligrafia bonita:

*Oi, Ruby.*

*Isso é só para contar quanto senti sua falta enquanto fiquei fora. Não conheci meu nonno (meu avô, se não sabe o que isso significa!) muito bem, mas, quando estávamos na Itália, minha mãe achou todos aqueles cartões de receitas dos pratos que ele amava fazer e que não queria esquecer. Essa é minha versão do ricciarelli do meu avô, e acho que fiz jus à receita dele (com a ajuda da minha mãe, que agora me entende um pouco melhor, acho). Enfim, espero realmente que ainda pretenda correr a Dash, e lamento muito não ter estado aqui com você quando isso era tão importante.*

*Ollie*

Sinto uma vertigem imediata, como se todo o sangue do corpo tivesse se concentrado no rosto.

– Vamos logo! – minha mãe chama, e deixo a caixa em cima da mesa. – O que era aquilo? – ela pergunta sem olhar para trás enquanto tranca a porta.

– Era do Ollie… – respondo, incrédula.

– Ora, ora, ora… – ela murmura, sorrindo.

Mesmo na pressa para sair, vejo que o carro da família Cowan não está lá, então deduzo que Ollie está a caminho, se já não estiver lá. Merda! Como isso aconteceu?

Assim que partimos, depois de uma breve discussão sobre quem vai se sentar no banco da frente (sempre Jake ou eu, nunca Sasha,

naturalmente), começo a me sentir *realmente* nervosa. É a parte do dia em que vivo o "não ser capaz de fazer alguma coisa". Sei que poderia desistir a qualquer momento, é só decidir que não quero continuar com isso. Mas assumi um compromisso. Vejo a Dartmouth Road passar como um raio até chegarmos ao semáforo da Estação Forest Hill. Esperamos. E esperamos. E esperamos. A corrida começa em vinte minutos. Já estou suando. *Vai, vai*, penso. O que me faz entender que, na verdade, quero chegar lá a tempo. Quero participar. E finalmente a luz fica verde! Passamos pelo bar a caminho do semáforo perto de Sainsbury's, onde a mãe de Ollie pensou que ele havia sido atropelado. E depois tem outro semáforo antes da Horniman. Um depois do outro. Como vamos conseguir sair desse trecho horroroso? Mas saímos, e depois é só uma linha reta e aberta em torno da St. Alfred's, onde o estacionamento está quase lotado. Mas conseguimos uma vaga, e, quando saio do carro pela porta de trás (é claro que perdi a disputa com Jake para ficar no banco da frente), aviso minha mãe que me encontro com ela mais tarde.

Vejo que uma rota já foi marcada com cones e bandeiras no campo principal. Estou quase na mesa de registro, quando vejo Liv se aproximando. Não tenho tempo para conversar e, na mesma medida, estou desesperada por uma boa conversa. Sobre meu nervosismo, sobre a briga com Jake, sobre Ollie, sobre tudo.

– Ai, pensei que você não viesse! – diz Liv antes de me abraçar. Ela usa outro look atlético muito legal. Enquanto eu perdia a hora dormindo, talvez ela tenha ido correr no Dulwich Park, como fizemos na semana passada. Queria que essa fosse minha atividade matinal. Sem competição envolvida nisso. Estou me preparando para elogiar o visual dela, quando Liv pergunta: – Como você está? Animada? Eufórica? No topo do mundo, pronta para a dominação?

– Hum… Na verdade, não. A manhã de hoje foi uma confusão. Tive uma briga horrível com meu irmão ontem à noite e quase perdi a hora mais cedo, e depois algo estranho aconteceu pouco antes de eu sair de casa, o que é, tipo, *bom*, mas não sei quanto. Estou sem foco.

– E precisa de mim para trazer o foco de volta, é isso? Já entendi. Você é um anjo lindo e poderoso, e agora é sua hora de colher os frutos de todo o esforço que fez e deixar seu corpo trabalhar.

Olho com nervosismo para as esportistas de verdade, vestidas com

seus tops esportivos e shorts de lycra, e me sinto completamente ridícula. Essas garotas jogam futebol, estão na equipe de tênis ou correm em competições nacionais. Isto aqui não tem nada a ver comigo. Não sei de onde tirei a ideia de que seria capaz de levar isso até o fim.

– Agora que estou aqui… – digo, sem olhar nos olhos dela –, só me sinto meio idiota.

– Por quê? – Ela põe as mãos na cintura. – Por que não é parecida com todo mundo que vai correr hoje? Quem liga pra isso? Você não liga! Só se importa quando se compara com outras pessoas, e esse é o jeito mais rápido de… – ela faz um ruído parecido com o de um dreno tragando a água – sugar toda a alegria da vida. Você merece estar aqui tanto quanto todo mundo. Merece participar. Se acredita que não, é porque gente como o senhor Pearce fez uma lavagem cerebral em você. Gostou do que fez para chegar aqui, não é?

– Sim – murmuro, porque é verdade. Gostei. Ela está certa. Para ser justa, ela sempre está certa.

– Então é isso. É só o que importa. Você tem tanto direito quanto elas de estar aqui. Isso é *pra você* tanto quanto é pra todo mundo. Essa é a sua vida, e você tem de fazer essa merda nos seus termos. Ok?

– Ok – respondo, e percebo que estou sorrindo. Não consigo evitar.

– Muito bem – ela diz, e balança a cabeça, decidida. – Vou procurar um lugar no meio do percurso onde você possa se sentir grata por ver minha cara gorda.

– Eu sempre me sinto grata quando vejo sua cara gorda – respondo, e é a mais pura verdade. – Ah, e procura a April. Ela está por aqui em algum lugar.

– Não, não – ela diz, e balança a cabeça. – Primeiro cuidamos de você, depois cuidamos de mim.

E Liv se afasta para procurar um bom lugar na plateia, enquanto Jessica se aproxima correndo.

– Ah, você chegou! – Ela me abraça. – Está animada?

– É um jeito de descrever isso… – falo com uma careta.

– Você treinou muito! Vai dar tudo certo, garanto.

– Eu sei – concordo, mesmo sem saber o que vai dar certo.

– Não se esquece de passar pela mesa! Já me registrei, te vejo na linha de largada! Ah, e saiba que já estamos todas muito orgulhosas de você.

– Entendi – respondo, e respiro fundo antes de ir à mesa de registro.

– Ora, ora, ora – diz o senhor Pearce de trás da mesa.

– Oi, senhor – falo depressa. – Não estou atrasada, estou?

Ele suspira, cansado.

– Não, Ruby, não está atrasada. Só estou surpreso por você ter aparecido – ele diz, e tica meu nome na lista. – Não está planejando nenhum tipo de… protesto político, está?

É como se ele não conseguisse compreender que posso querer apenas participar! Talvez ele confie tanto na própria capacidade de afastar pessoas como eu de qualquer tipo de atividade física, que não consiga assimilar nenhuma ideia diferente disso. Eu também tive de me esforçar muito para assimilar essa ideia, mas hoje existe uma grande parte de mim que só quer provar que ele está errado.

Quando termino de me registrar, vejo minha mãe, Jake e Sasha se dirigindo ao campo. Mamãe acena para mim, e eles se aproximam.

– Você saiu do carro tão depressa que pensei que não conseguiríamos nem te desejar boa sorte! – ela diz.

– Boa sorte, Roo. – Sasha me abraça e apoia a cabeça em meu peito, como costumava fazer quando era muito pequena. – Acho que você pode ganhar – ela sussurra sem afastar a boca do meu corpo.

– Obrigada, Sasha – respondo usando o mesmo tom que o dela. O otimismo dela é o que mais me admira.

Olho para Jake, esperando ver um sorriso gelado, uma pose arrogante. Mas ele só acena para mim com a cabeça e diz:

– Boa sorte. – E parece até que está sendo sincero.

Olho meu celular antes de deixá-lo com minha mãe. Tem uma mensagem. Meu coração dispara quando vejo que é do Ollie.

*Onde você está? Por favor, não diga que desistiu. Você consegue. Chega logo.*

Não respondo. Não tenho tempo. Mas, quando protejo os olhos contra a luz brilhante do sol, estudo as pessoas que começam a se perfilar, procurando sua silhueta esguia e ruiva. Tem muita gente ali. Não consigo vê-lo. Sei que ele deve estar em algum lugar por aqui. E sei que ele quer me ver.

– Corredores! – o senhor Pearce chama pelo alto-falante. Eu o vejo entre alguns outros professores de Educação Física, como a senhorita Flowers, o senhor Boateng e a senhora Zimmer, todos parecendo muito cruéis em seus moletons. Moletom? Nesse tempo? Vistam shorts, por favor. – Dirijam-se à linha de partida. A rota foi demarcada. Ela tem exatamente um terço do total da distância de cinco quilômetros. Vocês devem completar três voltas para concluir a prova. Os primeiros três corredores que atravessarem a linha de chegada serão premiados assim que todos os participantes concluírem o percurso.

Caminho para a linha de partida e tento manter a calma, tento não me convencer de que todo mundo está olhando para mim e se perguntando por que estou aqui, questionando se o senhor Pearce está certo e se isso é algum tipo de piada ou protesto político. Quero dizer… é um protesto, de certa forma. Mas estou aqui porque posso estar. Estou aqui porque tenho esse direito. É um espaço que eu também posso ocupar. Como disse Liv, é tanto para mim quanto para todo mundo. Respiro fundo e me reúno às outras pessoas na linha de partida. Tenho a sensação de que há centenas de pessoas aqui, mas deve haver, sei lá, umas cinquenta? Não sou mais rápida que cinquenta pessoas da turma. Por que estou aqui? Por que estou aqui? Por que estou aqui?

– Três… – diz o senhor Pearce pelo alto-falante quando parece que estamos todos reunidos. Meu coração dispara com o nervosismo.

– Dois…

Ai, meu Deus, eu vou mesmo fazer isso, não vou?

– Um!



# Capítulo 30

Dou a largada. Estamos todos em movimento. Eu estou em movimento. Levanto os pés e corro. Mas não muito depressa. Só de maneira constante. O grupo parece se mover como uma coisa só, mantendo a formação. Olho para trás enquanto me afasto da linha de largada, que também é a linha de chegada. É lá que a maioria das pessoas parece se aglomerar, mas minha família está se afastando da multidão e se posicionando um pouco além do marco de metade do percurso.

Olho para a frente de novo, e tenho certeza de ver Jessica à minha esquerda. É claro que hoje ela vai arrebentar. Mas onde está Ollie? Sei que ele deve estar aqui em algum lugar. Fico grata pela distração de tentar encontrá-lo, porque isso consome alguns minutos do tempo de corrida. *Onde está Wally?* já era. Agora é *Onde está Ollie?* É ele ali? Acho que o vi logo na frente do grupo. Não tinha percebido que ele era *tão* veloz. É ele, com toda a certeza. É estranho vê-lo no meio de tanta gente, quando fomos só ele e eu por tanto tempo. Só sua atenção e seu cuidado inteiramente dedicados a mim. E para quê? O que ele ganhou com isso? Nada. Meu Deus, espero poder consertar as coisas com ele. Senti saudade quando ele esteve fora, e agora não vou ter mais desculpa alguma para estar com ele, se é que ele vai querer. Esse pensamento gira dentro da minha cabeça por alguns minutos, e só vou colocando um pé na frente do outro enquanto penso em Ollie, e quando volto ao momento percebo… que estou quase sozinha.

Todo mundo está bem na minha frente.

Todos se destacaram e seguiram em um ritmo próprio, que é muito mais rápido que o meu, porque, é claro, isto é uma *corrida*, porque essa gente nasceu para isso, e eu, não. Foram necessários só cinco minutos para isso se tornar aparente. Consigo ver o marco de metade do percurso na minha frente. Isso significa que não completei nem metade da primeira volta. Merda…

A pista é oval, com o marco de meia volta na posição oposta à da linha de partida e de chegada, e do outro lado desse marco consigo ver os outros corredores, os velozes, os bons, só avançando de modo estável, como se isso fosse natural para eles. As tranças de Jess balançam enquanto ela corre – ela está focada na tarefa. Não tem um cérebro disperso e preguiçoso como o meu. E lá está ele, Ollie, em algum lugar perto da frente. Não no primeiro lugar, talvez, mas não muito longe dele. Era assim que ele devia ter corrido esse tempo todo. Essa é a sua velocidade. E eu avanço na minha. Somos muito diferentes, não somos?

Eu o vejo virar a cabeça para o lado e limpar a testa na manga da camiseta. É então que me vê correndo naquele meu ritmo muito Ruby, quase no fim do pelotão. Constrangedoramente para trás. Morro de vergonha de ser vista por ele, e só consigo sustentar o contato visual por um segundo, antes de respirar fundo e acelerar. Não estou *tão* atrás de todo mundo. Só preciso me esforçar.

Pouco antes de alcançar o marco de metade da volta, vejo o senhor Boateng ao lado de uma bandeira cor-de-rosa. Ao lado dele, acho que vejo o topo da coroa saltitante de cachos loiros de Liv. Percebo que ela está ao lado de April e de Salma. Bom, pelo menos *alguém* está se divertindo nesse momento. Todo esse esforço terá valido a pena, se essas duas se acertarem!

Sei que minha família está reunida em algum lugar entre o marco e a linha de partida/chegada, e pensar em ter de fazer contato visual com qualquer um deles nesse momento em particular é o que me faz continuar olhando diretamente para a frente. Ouço gritos de incentivo, mas não consigo olhar na direção deles. Não posso ver a expressão deles. Tenho de continuar, só isso.

Não faz muito tempo que ultrapassei a linha de partida para a segunda das três voltas, quando ouço aplausos estrondosos atrás de

mim. Alguém já terminou. E eu ainda tenho dois terços de prova a cumprir. Uau! Vivo em um planeta diferente, realmente. Mas agora estou por um breve período no meio do pelotão mediano, pelo menos – das pessoas que estão na terceira volta, enquanto eu estou na segunda. Tenho de saborear esse momento de me integrar ao grupo, porque sei que em pouco tempo todos vão se distanciar, enquanto eu não vou conseguir acompanhá-los e vou ficar sozinha de novo.

Perto do marcador de meio da volta, constato que estava certa. Estou correndo sozinha, enquanto todos se distanciaram, já estão bem na minha frente e perto da linha de chegada. Eu estou na metade da corrida, mas pensar nisso não me fortalece – só me faz querer me deitar no chão e chorar pelo esforço que já fiz e por todas as emoções que já experimentei, com tanta distância ainda a percorrer. Baixo a cabeça e continuo a caminho da linha de partida e da minha terceira e última volta.

Quando a atravesso, não consigo deixar de pensar em quantas pessoas ainda estão correndo. Deve haver algumas na minha frente nessa volta. Não posso ser a única que ainda não concluiu a prova. Talvez seja. Talvez eu seja realmente muito mais lenta que todo mundo. O que me leva a pensar: vou mesmo conseguir fazer isso *mais uma vez*? Vou suportar me submeter a tudo isso estando tão atrás de todo mundo – quando quase todo mundo já terminou? Não só os bons, como Ollie e Jess, que obviamente já concluíram a prova, mas todo mundo. Estou sozinha. Realmente sozinha.

Sinto uma onda quente de humilhação me invadir. A sensação é exatamente igual àquela das corridas na pior aula de Educação Física, e não sei por que pensei que seria diferente. Eu seria sempre a mais lerda, a esquisita, a que não consegue acompanhar os outros. Lágrimas brotam nos meus olhos. Sinto um nó na garganta.

Isso não é como correr no parque com Ollie, no meu ritmo. Isso é algo completamente novo. Os olhos de toda essa gente estão voltados para mim. O conhecimento de que estou aqui por escolha própria. Mas a questão é que ainda não quero desistir, não sinto essa vontade *física*. Ela é só… emocional.

Eu poderia desistir agora, não poderia? Ninguém ficaria surpreso se eu parasse. Se parasse de correr. Se só desistisse. Isso seria exatamente o que

eles estão esperando, na verdade. Especialmente Jake, e ele é a razão de eu estar aqui. Eu poderia só parar e atravessar a fileira de cones e bandeiras, e ir encontrar April e Salma no meio do povo. Poderia ir me juntar à minha família, levantar as mãos e dizer: "Muito bem, você estava certo!". Poderia fazer tudo isso. Só precisaria atravessar a linha que me separava dos espectadores.

Mas o que acontece é o contrário. Vejo alguém sair de trás da linha de cones e correr para o lado de cá.

Liv.

– Você não está mais sozinha – ela diz. – Podemos fazer isso juntas. Mas você *não* pode desistir.

Ela tira a camiseta e a joga por cima do ombro para April, que a pega.

– Vai, Ruby! – April grita para mim.

– É! – Salma grita e aplaude. – Vai, Roo!

– Você consegue! – April pula de um jeito que não tem nada a ver com ela.

Liv e eu corremos lado a lado. Lentamente. Mas seguimos em frente. Ofereço a ela minha garrafa de água, ela bebe um gole e a devolve. Continuamos focadas na pista. Não falamos durante algum tempo. Só corremos. Juntas.

– Isso foi… um jeito… de impressionar April – falo, ofegante.

– Ah, sim… esse sempre foi… o plano – ela responde.

Quando ouço Sasha gritar "é a Ruby!", não contenho um sorriso. Percebo que estamos quase terminando. Estamos quase na linha de chegada.

– Vai, Roo! – grita minha mãe.

E, para minha grande surpresa, Jake une as mãos dos lados da boca e berra:

– Você está indo bem! Você consegue!

Mas tem uma surpresa ainda maior. Uma voz que conheço muito bem, mas que não ouço mais com muita frequência. É realmente meu pai? Não posso olhar. Preciso atravessar a linha de chegada.

Meus pulmões parecem prestes a desistir. Cada músculo das minhas pernas implora para eu parar. Mas não paro. Não me interessa se tenho de terminar devagar. Vou terminar. Eu posso terminar. Abaixo a cabeça e continuo. Tudo o que tenho de fazer é não parar. É isso. Só não parar. A

única coisa que tenho de fazer é não parar. Não vou parar. Não vou parar. E então, do nada, a linha de chegada se transfere do horizonte para poucos passos à nossa frente. Só mais alguns passos. Mal consigo acreditar nisso.

Seguro a mão de Liv e corremos juntas os últimos passos, e todo mundo está gritando e aplaudindo, e finalmente, finalmente, meu pé ultrapassa a linha de chegada pela última vez.

Eu consegui. Eu venci.

Não preciso de uma medalha, nem de um prêmio de cem libras, nem de provar que meu irmão está errado, ou de ficar com o quarto dele porque venci uma aposta. Só precisava mostrar a mim mesma que regras e limites impostos por outras pessoas não são para mim. São para elas. Posso encontrar alegria, dor, altos e baixos e dias bons e dias ruins do jeito que eu sou. Eu decido o que posso e o que não posso fazer.

E hoje decidi vencer.



# Capítulo 31

Por um segundo, só ficamos ali arfando e sorrindo uma para a outra. Liv solta minha mão e se dobra para a frente, tentando recuperar o fôlego. Mal posso acreditar que consegui terminar. Ruby Morgan correndo a Dawson Dash? Quem teria imaginado? Bem, acho que algumas poucas pessoas imaginaram isso. Ollie e Liv, para começar. E nesse momento me sinto tão cheia de amor, orgulho e felicidade, que tenho a sensação de que poderia sair voando. Quero surfar essa onda.

Como se já não estivesse suficientemente eufórica, vejo Ollie correndo em minha direção, bem menos suado que eu, mas não menos feliz. Mais suada e mais vermelha do que jamais estive em minha vida, seguro a mão de Ollie e o puxo para mim. Beijo seus lábios de leve. Se ele quiser se afastar, pode. Não vou impedir. Não vou ficar surpresa.

Mas ele não se afasta. Ele corresponde ao beijo. Ollie me abraça e me beija sem parar, como se realmente fosse essa sua intenção. Ouço minhas amigas gritarem e aplaudirem, como se ainda estivéssemos correndo.

– Isso não… não é como pensei que seria – ele confessa sorrindo quando nos separamos.

– A corrida? – pergunto com o coração galopando.

– Não, nosso primeiro beijo – ele diz, revirando os olhos como se isso fosse completamente óbvio.

– Não sabia que tinha pensado nisso.

Ele dá de ombros.

– Pensei que os cookies em forma de coração pudessem ser meio óbvios. Mas ainda assim achei que valia a pena tentar… apesar de ter havido um momento em que você esteve mais interessada na Liv, sabe, de um jeito…

– Não, ela é muito legal. Mas vou deixar essa coisa do romance pra April.

Não quero parar de olhar para ele, mas tem muita coisa acontecendo à minha volta.

Liv! Abraço Liv com toda a força de que sou capaz.

– Obrigada, obrigada, obrigada. – Nós nos separamos.

Ela olha para mim e engole a saliva, constrangida com a atenção.

– Não foi nada. Disponha. Oi, eu sou a Liv – diz ela olhando para Ollie. – Prazer.

– O prazer é meu. Isso foi… muito legal da sua parte – ele comenta, um pouco fascinado com ela. Conheço o sentimento. Mas sei que Liv não quer que eu me sinta assim. Para ela, somos iguais, mesmo que, para mim, ela seja esse anjo perfeito, lindo e inspirador.

Eu ainda não tinha pensado no que ia dizer a Ollie quando fomos interrompidos. De repente, todo mundo está em cima de nós. April, Salma, Sasha, minha mãe, Jake e… sim. Meu pai. Ollie pode esperar.

O grupo é um turbilhão de conversas, abraços e animação, e não sei para que lado devo olhar, ou com quem devo falar. A mão rechonchuda de Sasha segura a minha.

– Que pena que eu não ganhei, parceira! – digo a ela com uma expressão séria. – Desculpa.

Ela revira os olhos para mim como se fosse muito adulta.

– Ganhar *nem é importante*, sabe? Mas você estava incrível. E fez uma coisa que Jake disse que você não conseguiria fazer, mas eu sabia que ia conseguir.

– Jake acha que fiz isso para impressioná-lo, mas acho que foi para impressionar você – conto.

Ela concorda com firmeza.

– Estou impressionada. Ele é seu namorado? – pergunta, e se vira para olhar para Ollie, que está conversando com meus pais ali perto.

É minha vez de dar de ombros.

– Espero que sim. Ainda não sei. Mas espero que sim. E tudo bem se não for.

– Também espero que seja. *Enfim* – ela continua com um suspiro cansado, e mais uma vez sou forçada a me perguntar onde ela aprende essas coisas –, quero ver o papai. Tchau. – E Sasha se afasta.

Também quero ver o papai! Mas agora vejo Jake em uma conversa animada com o senhor Pearce, que não parece tão animado quanto eu esperava que estivesse com o encontro com seu aluno estelar. Estou tentando entender o que eles falam, quando Salma e Jessica se aproximam correndo com toda a energia de dois filhotes de Labrador. Salma eu entendo, mas como Jessica ainda tem toda essa disposição, depois da corrida?

Abraço Jess, que tem uma medalha de bronze pendurada no pescoço.

– Você foi muito bem! Parabéns, amiga – digo.

Ela sorri, radiante.

– Obrigada, obrigada, obrigada! – Olho por cima do ombro dela e vejo April e Liv conversando. April ainda segura a camiseta de Liv, que pegou durante a corrida. Tudo está acontecendo ao mesmo tempo! – Escuta isso! – Jess se vira para Salma, que parece prestes a explodir com a necessidade de revelar alguma coisa.

– Ai, você não sabe! – Salma começa a falar finalmente. – Acabei de ouvir o gostoso do seu irmão discutindo com o senhor Pearce! – Olho para lá e vejo Jake se afastando do professor e balançando a cabeça.

– Quê? – reajo, intrigada.

– Ela ouviu! – Jessica afirma, enfática.

– Ouvi! – Salma confirma.

– Conta logo! – peço, apesar de estar feliz demais com a corrida, o beijo e *tudo* para me interessar muito pelo que Jake está fazendo.

– O senhor Pearce estava dizendo a ele que, hum… – Ela desvia o olhar por um momento – que você fez o pior tempo da história da Dawson Dash. Uma diferença bem grande.

– Ah! – exclamo. – É claro que sim! E não estou com vergonha disso!

– E foi como se ele quisesse fazer o Jake rir de você também… mas Jake ficou… bem, ele disse que a culpa era do senhor Pearce, porque, se ele se esforçasse mais para todo mundo participar, talvez não tivesse apenas a nata do esporte querendo se envolver nas provas. E disse que

agora talvez as pessoas participassem porque queriam, mesmo que não fossem atletas da Dawson.

– Ah! – repito, agora séria.

– E o senhor Pearce respondeu que isso é a última coisa que eles querem, mais palhaços que não levam isso a sério. E Jake respondeu que a irmã dele não é palhaça. Disse que ela é a pessoa mais corajosa e mais dedicada que há por aqui! E o senhor Pearce ficou muito vermelho, abrindo e fechando a boca como um peixe! E aí eu corri para cá pra te contar tudo. É isso. Mas é insano, não é?

– Muito inesperado – murmuro.

Talvez ela não tenha ouvido direito. Talvez tenha entendido mal. Mas, quando Jake aparece ao meu lado um momento depois, percebo que Salma estava certa.

– Ah, oi, Jake – Salma o cumprimenta, piscando mais que o necessário.

– Oi – ele responde, franzindo a testa.

– Vem, Sal – diz Jess, e se afasta puxando Salma. – A gente se vê depois, Roo!

– Até mais… – falo com uma voz fraca. Porque agora somos só eu e Jake. E, depois das últimas vinte e quatro horas, realmente não sei o que esperar dele.

Nenhum de nós diz nada por um momento. Estou pensando se ele espera que eu quebre o gelo ou se quer me dizer alguma coisa.

Depois de uma pausa longa e tensa, meu irmão finalmente fala, olhando para o chão:

– Estou me sentindo mal.

Já é um bom começo, acho. Mas não consigo superar o que Salma disse ter ouvido dele na conversa com o senhor Pearce! Isso está dando um nó na minha cabeça desidratada e atordoada de amor!

– Só hoje, quando chegamos aqui, eu entendi quanto tudo isso é idiota. Tipo… como era ridículo eu te colocar em uma posição na qual você se sentia obrigada a fazer isso. Não devia ter se esforçado tanto para conquistar meu respeito. Isso é… idiota. Eu devia ter sido capaz de mostrar isso e dizer que te respeito… em vez de te fazer provar que é capaz de fazer coisas.

Balanço a cabeça. Concordo com ele! Mas vou deixar meu irmão

continuar falando.

– Foi quando notei como Sasha vê você que percebi como… como fui péssimo. Tipo, é, você era muito mais lenta que todo mundo, mas ela continuava empolgada por você estar correndo. Enfim, me desculpa. Eu devia ter te apoiado. Como você apoia Sasha. Eu… admiro isso. – Ele move o queixo de um lado para o outro como costuma fazer quando está pensando. – Não sei por que tenho que ser desse jeito com você. Eu nem gosto disso. É algo que me faz sentir bem por um segundo, e depois me sinto uma merda. Eu me escuto dizendo essas coisas para você e penso: *Por que estou falando isso?*

– Isso não é necessário – respondo, me comportando como se isso nem fosse tão importante. – Quero dizer, não precisa ser legal comigo o tempo todo, mas… será que pode só decidir pôr um ponto final nisso agora?

Ele não fala nada. Só balança a cabeça em um gesto afirmativo.

– De qualquer maneira, enfrentar o senhor Pearce já foi um bom começo – digo, cheia de orgulho. – Sei quanto você o achava legal.

– Ele não é legal – Jake retruca, e balança a cabeça. – Você é. – E me abraça.

E de repente me lembro.

– Ei, você sabia que o papai viria?

– Não. Ele só apareceu. Atrasado, é claro.

– É claro – concordo, e dou risada.

– Talvez a mamãe soubesse disso. Acho que ele está se informando sobre tudo pelas fofocas de Sasha.

– Quero muito vê-lo. Não acredito que ele veio… – Olho em volta, tentando localizá-lo em meio à aglomeração cada vez menor, agora que a corrida acabou.

– Ah! – Jake aponta por cima do meu ombro. – Ele está ali. Vou procurar a mamãe.

Um momento depois, meu pai estende os braços para mim.

– Não me abraça, estou muito suada! Só posso abraçar outras pessoas suadas! – protesto.

– Vem cá – ele diz, e me puxa para perto de si. Respira o cheiro do meu cabelo, que deve ser nojento nesse momento, mas ele não parece se importar com isso. – Meu Deus, que saudade eu senti disso! Muita

saudade!

E, mesmo no meio de toda a minha felicidade delirante por ter terminado a corrida, ter beijado Ollie e saber que meu apoio a Sasha não passou despercebido, é como se um grande rio de tristeza se abrisse dentro de mim.

– Senti muita saudade de você – digo, e não consigo segurar o choro. É como se o tivesse segurado durante todo o verão, tentando evitar esse sentimento e me esforçando muito para não ter de sentir de verdade a dor dessa separação, olhando mais para a raiva do que para o sofrimento.

– Não consigo fazer isso, Roo – ele diz, e balança a cabeça.

– Isso o quê?

– Ficar longe de vocês, cambada horrorosa. Não sei onde estava com a cabeça.

– Como assim?

– É que… bem, vou começar deixando claro que sua mãe e eu não vamos reatar, porque não vamos. Não podíamos continuar juntos. Tomamos a atitude certa. Mas não quero viver tão longe de vocês. Não me surpreende que você tenha passado meses me evitando. Eu mereci.

Olho para ele, séria, sem me permitir acreditar no que estou ouvindo, sem me permitir acreditar que ele está aqui na minha frente.

– E onde vai morar, então?

– Ah, não sei. Tem muitos apartamentos por aqui. Queria dar uma olhada em alguns nos próximos dias. Pensei que seria unir o útil ao agradável. Encontrar um lugar pra morar e ver minha filha seguir meus passos tão talentosos e atléticos.

Reviro os olhos.

– Bom, eu não diria que foi exatamente isso. Acho que Jake já contou que fiz o pior tempo da história da corrida, e foram muitos minutos de diferença.

– Não, não – ele reage rindo, balançando a cabeça. – Não vem com falsa modéstia, Roo. Eu te conheço bem demais pra isso. Você sabe que hoje é uma vencedora. E Sasha acha que você é a pessoa mais descolada do mundo.

– Ah, eu sou mesmo. Cadê a mamãe?

– No carro. Acho que foi tudo muito difícil para ela. Eu fui um filho da mãe.

Eu o abraço de novo.

– Você é o nosso filho da mãe. Você vem pra casa com a gente?

– Não, mas podemos sair para jantar mais tarde. Pizza ao vivo?

– Mas hoje é domingo, não quarta – protesto.

– Agora as coisas são diferentes. Precisamos de novas tradições, não é?

Vou procurar minha mãe. Eu a encontro perto do carro, com o olhar perdido.

– Mãe? – chamo, hesitante.

Ela se assusta.

– Ah! Olha você aí! – E me abraça. – Estou muito orgulhosa.

– Não acredito que o papai apareceu. Como você está? – pergunto com o rosto colado em seu pescoço.

– Não se preocupe comigo. Estou bem. É que mal tinha me acostumado com a ideia de ele ter ido embora, e agora ele diz que vai voltar. Típico – diz, mas não é um comentário amargo.

– Eu só queria dizer… – começo, pensando no que quero dizer exatamente. – Só queria dizer obrigada por nunca ter falado que eu não poderia fazer alguma coisa. Por não ter agido como se fosse óbvio que alguém como Ollie nunca gostaria de mim, ou que eu não poderia correr, se quisesse. Só por ser, sabe… legal. Sempre.

– Não posso dizer que algum dia pensei em fazer alguma coisa diferente – ela responde, sorrindo, mas surpresa.

– Você só me deixa seguir em frente, fazer as coisas. Obrigada.

– Eu admiro você – ela diz, e afaga minha mão. – Mas me conta, que história é essa com o Ollie? Pensei que adolescentes só tivessem de se envolver com pessoas que os pais não aprovam!

Fico muito vermelha.

– Não sei se estou me envolvendo com ele ou não…

– Bem, não acha que deveria descobrir?



# Capítulo 32

– Inspirem profundamente pelo nariz… – Ouço o som de dez ou quinze pessoas respirando fundo. – Soltem o ar lentamente pela boca… – E soltando o ar. – Deixem o olhar se elevar… – Todos nós levantamos a cabeça. – Abram os olhos.

Todo mundo se levanta devagar. Liv aperta o botão que desliga o projetor. O rosto lindo e terno da professora de ioga Jessamyn Stanley, uma mulher gorda, desaparece da tela.

– Isso foi muito legal – diz Heather com um sorriso sonhador.

– Sim, vamos fazer mais aulas dela – Ethan concorda, alongando os braços até quase tocar o teto da sala de aula.

– Obrigada, Liv! – Reema agradece a caminho da porta, equilibrando o tapete de ioga na dobra do braço.

Assim que todo mundo vai embora, Liv me cumprimenta com as mãos juntas e um sorriso.

– O que achou de mais essa atividade do Clube de Corrida Slowcoach?

– Nada mal! Conseguimos de novo!

– Mais uma vitória para a população tranquila da Dawson – ela anuncia, levantando a mão e fazendo o sinal da paz. – Ainda mais tranquila depois dessa *deliciosa* aula de ioga.

Nossas tardes de quarta-feira agora são assim. Todo mundo tem a tarde de folga, de qualquer modo, teoricamente para praticar algum tipo

de esporte organizado, e Liv e eu queríamos encontrar um jeito de criar alguma coisa que… bem, que pudéssemos gostar de fazer. Por que não algum esporte intencionalmente desorganizado? Apesar de chamarmos de Clube de Corrida Slowcoach, não corremos com tanta frequência. Às vezes, Liv e eu saímos para correr juntas, quando queremos tomar um pouco de ar fresco, mas não é nada parecido com o desafio intenso que enfrentei no verão. Acho que, para mim, é isso. Encontrar maneiras diferentes de mexer o corpo, sem me sentir pressionada ou focada em um objetivo. Já fiz isso. Este é um novo momento. Fazer tudo isso nas minhas condições. E depois, Liv e eu quisemos abrir essa possibilidade para outras pessoas. Daí o Clube de Corrida Slowcoach. Hoje foi meia hora de ioga com colchonetes que pegamos no Departamento de Educação Física, um material que convencemos o departamento a comprar para nós usando o argumento de Liv sobre *ampliar a participação*.

É para todo mundo. Para quem quiser tentar, em um espaço onde não existe ganhar ou perder. É para quem quiser se mexer. Para qualquer pessoa que não quiser competir não *precisar* competir, mas quiser participar mesmo assim. Só… qualquer pessoa, de verdade! Não somos exigentes. Na primeira semana, fomos só Liv e eu, e desde então o grupo ganha mais duas pessoas a cada semana.

– Ah, terminaram! – April exclama quando saímos da sala de aula. – Eu sabia que deveria ter participado hoje. Sinto que minha cabeça vai explodir com esse trabalho de conclusão de curso.

Liv passa a mão no cabelo curto de April. April olha para ela com ternura.

Liv dá de ombros.

– Você é sempre bem-vinda.

Quando empurro a porta dupla do prédio do último ano, April se levanta na ponta dos pés para beijar Liv. Não consigo evitar um sorriso. Duas das minhas pessoas favoritas no mundo? Juntas? Injeta isso nas minhas veias! Se April não estivesse a fim da Liv antes, eu não poderia criticá-la por não ter conseguido resistir, depois do ato de heroísmo dela na Dash.

Nós três vamos ao café do outro lado da rua, na frente da escola, onde passamos o tempo conversando, fofocando e morrendo de rir com

praticamente tudo, até que olho as horas na tela do celular e dou um pulo.

– Vamos logo!

Quando voltamos à escola, ele está parado na entrada com o kit de rúgbi pendurado no ombro, esperando por nós. Ollie.

– Finalmente – ele diz, e estende os braços para mim.

Eu me deixo abraçar antes de olhar para ele, para aqueles olhos suaves e gentis que realmente me *enxergam*, e beijá-lo. Porque é isso que fazemos agora. É exatamente isso que fazemos! É normal! Eu o beijo sempre que quero!

– Preparado para um rolê de casal? – pergunto, entrelaçando os dedos nos dele. – Dá para acreditar? Vamos sair juntos, nós quatro, como se estivéssemos em um velho filme americano! – comento animada.

E por que não estaria sempre empolgada, ultimamente? Ollie é meu namorado! E Liv é uma das minhas melhores amigas. Se eu não tivesse enfrentado o desafio no verão passado, talvez nada disso tivesse acontecido. E o Jake voltou para a universidade, e eu telefono para ele para pedir conselhos, de vez em quando. Não é nada muito frequente. Só de vez em quando. Sasha ainda tem de existir em um mundo duro e horrível, e estou sempre procurando meios de conservar a cabeça dela como o lugar feliz que deve ser, mas ela não fala sobre o próprio corpo há semanas, então tenho esperança de que algo esteja dando certo. E preciso confessar, tudo é um pouco mais luminoso desde que meu pai voltou a morar aqui, na semana passada. Ele e minha mãe não convivem nem interagem muito, mas é como se um grande fardo tivesse sido tirado das costas de todo mundo.

Quando andamos para o ponto de ônibus a caminho do cinema, sou tomada pelo mesmo sentimento que experimentei no fim da corrida – a sensação de que meu coração era um balão, e era tão leve que eu poderia sair flutuando a qualquer minuto. Com uma das mãos segurando a de Ollie, encaixo a outra no braço de April e deito a cabeça no ombro dela, sem parar de andar. Ela está de mãos dadas com Liv. Uma cadeia perfeita. Enquanto o sol se põe, nós caminhamos.

Juntos.



# Agradecimentos

Agradeço a Charlotte Colwill por encontrar o lar perfeito para este livro enquanto minha agente Rachel Mann estava de licença-maternidade. Eu não poderia ter pedido uma editora melhor que Jenny Jacoby (tão sábia! tão perfeitamente em sintonia comigo!), nem uma casa melhor para o livro do que a Bonnier e Hot Key Books. Sou grata a Rachel, como sempre, por sua sabedoria. Agradeço a Beth John, Jenny Tighe, Alice Slater, Alex Smyrliadi e Jo Bromilow por sempre apoiarem a mim e à minha escrita. Obrigada, Jon Cudby, por ser exatamente o tipo de Amigo de Corrida não irritante de que preciso. Obrigada, Dan Barker, por me deixar trabalhar em seu escritório no dia em que tive a ideia de *Slowcoach* e o planejei – talvez o livro nem existisse se eu não tivesse pensado nele naquele dia específico. Agradeço a Katie Foreman pelo design de capa e pela ilustração, principalmente porque foi sua primeira capa e você captou o livro perfeitamente. Agradeço à perspicaz Jennie Roman pela edição de texto e à diligente Jane Burnard pela revisão.

Muito obrigada, Jasveen Bansal e Amber Ivatt, pela ajuda com o marketing e com a divulgação do livro, e a Holly Potter e Jessica Webb pelo trabalho com os direitos autorais e as vendas. Agradeço, como sempre, à minha família e a Paul, eternamente.

# Conteúdo

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Agradecimentos